Editora ABRIL
edição 2757 - ano 54 - nº 38
29 de setembro de 2021

veja

www.veja.com

"A CHANCE DE UM GOLPE É ZERO"

Em entrevista exclusiva, Jair Bolsonaro conta bastidores do conflito entre os poderes, diz que não vai "melar" as eleições de 2022, garante o respeito do governo ao teto de gastos e explica sua opinião sobre as vacinas

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editora Executiva: Monica Weinberg **Editor Especial:** Daniel Hessel Teich **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Figueiredo Pinto, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Augusto Fernandes Conconi, Caique Vicentini de Alencar, Eduardo Gonçalves, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Giulia Vidale, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Josette Goulart, Julia Teixeira Braun, Laisa de Mattos Dall Agnol, Leonardo Lellis, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Luisa Purchio Haddad, Meire Akemi Kusumoto, Reynaldo Turollo Jr., Sabrina Gabriela de Brito, Simone Sabino Blanes, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Letícia de Luca Casado, Rafael Moraes Moura ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editoras:** Fernanda Thedim, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Carolina Barbosa da Silva, Cássio Bruno Gomes Silva Gonçalves, Cleo Guimarães, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Jana Sampaio, Marcela Capobianco Souza Pinto, Ricardo Ferraz de Almeida **Estagiários:** Camila Cristina Nascimento, Eduarda Gomes Silva, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Matheus Deccache de Abreu, Nathalie Hanna Georges Alpaca, Tamara Yussif Abou Nassif **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Dora Kramer, Fernando Schüler, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 757 (ISSN 0100-7122), ano 54/nº 38. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

PIXY.ORG

ACERVO MEMORIAL DO IMIGRANTE

INVERSÃO DE FLUXO Dublin e o Porto de Santos, em 1907: o país que recebia levas de estrangeiros é hoje a nação de onde partem milhões em busca de um futuro melhor em países como a Irlanda

A DIÁSPORA BRASILEIRA

ENTRE O FIM DO SÉCULO XIX e as primeiras três décadas da era seguinte, o Brasil representou um porto de esperança para cerca de 4 milhões de imigrantes, vindos principalmente da Europa. A grande maioria atravessou o Atlântico para recomeçar a vida nos trópicos fugindo das guerras e da fome, atraída por programas governamentais daqui que tinham o objetivo de recrutar mão de obra estrangeira para as lavouras ou incentivar a ocupação de porções ainda vazias do território. Nos últimos trinta anos, esse fluxo se inverteu, adquirindo ainda mais velocidade de 2019 para cá. O êxodo em massa coincide com a chegada de Jair Bolsonaro ao Palácio do Planalto, quando a quantidade de brasileiros que saiu do país aumentou em quase 20%, totalizando hoje 4,2 milhões de pessoas, um recorde na história. Tal incremento é ainda mais impressionante quando se leva em consideração que, em boa parte dos últimos dois anos, o mundo esteve com as fronteiras fechadas devido à pandemia.

Mais uma vez, o governo federal tem um papel importante como incentivador dessa corrente migratória, só que na direção contrária. A falta de políticas claras e coerentes de desenvolvimento, os crescentes desatinos presidenciais e o descalabro da gestão da crise sanitária, que só agravou as consequências econômicas da Covid-19, fizeram do Brasil um lugar menos atrativo para aqueles que desejam trabalho, oportunidades e paz. Tão saudoso dos tempos da ditadura, que cunhou nos anos de chumbo o slogan "Brasil, ame-o ou deixe-o", Bolsonaro provocou uma instabilidade (conflito entre poderes, flertes com um autogolpe e questionamentos sobre a urna eletrônica) que acabou se transformando em um fator relevante para intensificar esse fluxo migratório.

Inédito em nossa história, o volume de expatriados mexeu também com o ranking dos destinos mais procurados. Além de Estados Unidos e Portugal, paradeiros clássicos dos brasileiros, entraram para a lista nações como Irlanda, Uruguai e México. Nesse último caso, o país latino acaba servindo muitas vezes de mera escala para a aventura perigosa de atravessar ilegalmente a fronteira em direção ao território americano, algo capaz de produzir catástrofes humanitárias em série, sendo o exemplo mais recente o da técnica de enfermagem Lenilda dos Santos, de 49 anos, que morreu abandonada no meio do deserto.

A despeito de tragédias protagonizadas por pessoas dispostas a tudo, pois já não têm nada mais a perder por aqui, parte considerável dos brasileiros em rota de escape atualmente tem melhores condições financeiras e profissionais. Conforme mostra o jornalista Leonardo Lellis na reportagem que começa na página 56, elas saem em debandada em busca de estabilidade, segurança e serviços públicos de qualidade, sobretudo na educação e na saúde. O êxodo ainda carrega para longe uma grande leva de profissionais qualificados (a chamada "fuga de cérebros") e vem sendo engordado cada vez mais por jovens atrás de diplomas e de um futuro melhor fora do Brasil. Assim, aos poucos, o país da esperança para milhões de estrangeiros no passado hoje empurra seus cidadãos para tentar a sorte no exterior. Uma lástima. ■

“CONFIO EM INSTITUIÇÕES”

O executivo que já comandou altas esferas do poder público diz que sem uma agenda ambiental o país não decola, enfatiza que o radicalismo só atrapalha e reafirma sua fé na democracia

RICARDO FERRAZ

POUCOS GESTORES demonstram tanta desenvoltura para atuar nas esferas pública e privada da administração quanto o engenheiro carioca Pedro Parente. O executivo, hoje presidente do conselho do conglomerado de alimentos BRF, já comandou a Casa Civil na era Fernando Henrique Cardoso e presidiu a Petrobras no governo de Michel Temer. Em ambas as ocasiões, enfrentou gargalos de difícil solução, como um apagão energético e a recuperação econômica da petroleira após os escândalos de corrupção expostos pela Operação Lava-Jato. Saiu-se bem. Com perfil conciliador e fala mansa, ele decidiu, aos 68 anos, se lançar também no mercado financeiro, gerenciando um fundo de private equity, o que lhe garante contato com investidores dispostos a apostar no Brasil. Nesta entrevista a VEJA, por videoconferência, Parente se revela preocupado com os rumos do país, mas reforça sua inabalável confiança na solidez da democracia.

No início da era Bolsonaro, vigorava um otimismo do empresariado em relação à agenda econômica. Como o senhor avalia a situação à luz de quase três anos de governo? Uma análise fria da economia indica avanços relevantes, como a aprovação da reforma da Previdência e o marco regulatório do saneamento básico, temas que se arrastavam há anos. Quanto ao otimismo, ele era insuflado pela agenda liberal, mas aí ocorreram dois problemas. O primeiro reside no aumento do radicalismo e do esgarçamento da situação política, que fizeram surgir no

LEANDRO FONSECA

cenário o fantasma de um rompimento institucional, péssimo para o país. Já o segundo nó está nas altas expectativas. A credibilidade de um governo é medida pelo equilíbrio entre o que promete e o que entrega. No caso do ministro Paulo Guedes, as realizações estão muito aquém das promessas.

De que forma a crise política freia a economia? Quando falamos de agentes econômicos, isso soa como um monte de figuras abstratas, mas são pessoas que investem de forma racional, apostando que não perderão dinheiro. Para tal, precisam estar motivadas por sinais promissores a respeito do futuro. O próprio Guedes já admitiu que a crise política atrapalha, e as projeções dos analistas confirmam sua percepção.

A carta do presidente emitindo sinais de que respeitará as instituições suaviza o sacolejo político? Bolsonaro lançou uma carta digna de alguém que entende o papel das instituições, mas não aconteceu de maneira espontânea. Foram as instituições, por meio de autoridades de outros poderes, que sinalizaram que o caminho que ele vinha trilhando era inviável. Não dá para prever o que o horizonte nos reserva, mas reforço minha crença nas instituições brasileiras. Agora, um gesto, uma carta não bastam. É preciso uma sucessão de fatos consistentes na direção correta para recuperar a confiança.

Com a experiência de quem já atravessou crises diversas no poder, por onde começaria? A sensibilidade para compreender quais agendas devem estar na ordem do dia é crucial — e hoje a mais importante delas é a ambiental. De nada adianta o presidente ir à tribuna da ONU defender a neutralidade de carbono para 2050 se não tomar ações concretas no presente. Não precisamos derrubar um único pé de árvore nas florestas protegidas para produzir 1 tonelada a mais de soja ou milho. É plenamente possível ao Brasil assumir uma meta de desmatamento zero para a Amazônia em cinco anos.

> **“Houve avanços relevantes na economia, mas a credibilidade de um governo é medida pelo equilíbrio entre o que ele promete e o que entrega. Guedes realizou muito aquém do esperado”**

O senhor vê risco de boicote aos produtos agrícolas brasileiros? O risco existe e não deve ser minimizado. Governos e empresas europeias sentem a pressão dos ativistas ambientais. Também não podemos esquecer que, não raro, países desenvolvidos disfarçam o protecionismo na forma de medidas não tarifárias. Quando o governo brasileiro afrouxa a política ambiental, abre espaço para que eles protejam seus produtores internos. O radicalismo traz benefícios para uma ala de apoiadores do presidente, mas para o conjunto da economia é deletério e desnecessário.

O empresariado brasileiro é tímido na defesa do tema ambiental e da própria democracia? Participei de um manifesto importante da área empresarial, junto com diversos setores da sociedade, afirmando que este é um país democrático e que as eleições do ano que vem vão ocorrer normalmente. Fomos assertivos. O problema foi aquele documento da Fiesp, que uniu organizações de naturezas diferentes. Não tinha como ele não ficar genérico e insípido.

Dá para pôr o país nos trilhos no tempo que ainda resta ao governo? O essencial é demonstrar responsabilidade fiscal sem recorrer a pirotecnias. Discussões complexas estão à mesa, como o teto de gastos e o pagamento de precatórios. Claro que pautas cruciais dependem de um esforço legislativo, e o alinhamento que havia entre Câmara e Senado parece não existir mais. É fácil costurar o apoio do Congresso se você é descomprometido com a responsabilidade fiscal. Só que não é isso que o país quer nem precisa.

A economia anda aquecida no cenário internacional, mas internamente prevalecem atividade baixa e inflação alta. A que se deve isso? A inflação é derivada de choques externos. Tivemos questões relacionadas ao aço, ao petróleo e às commodities agrícolas, cuja demanda disparou sobretudo por parte da China. Ainda bem que não tentamos controlar os preços com medidas estranhas, como tabelamento ou congelamento. A inflação é um tema para resolver de maneira verdadeira e estrutural. Isso vai demandar algum tempo.

A elevação no preço das commodities, item essencial na pauta de exportações brasileira, pode impulsionar a recuperação econômica? A alta de preços recente não afeta a economia de maneira uniforme. Os setores que as produzem certamente se beneficiam, mas outros que dependem delas, como a indústria de alimentos, acabam prejudicados. A sociedade também se ressente, por causa da inflação. De modo geral, não acho que isso vá ter impacto significativo na recuperação do país.

Outro desafio é vencer a crise energética. O senhor, que precisou lidar com um apagão no passado, vê semelhanças entre as duas situações? O problema atual já levou a reduções da projeção do crescimento em 2022 e, se ele se prolongar, será ainda pior. Há diferenças entre os dois momentos. Em 2001, o nó estava em manter a geração de energia ao longo do dia. Hoje ele está relacionado aos horários críticos. O fundamental é tomar as medidas no momento certo. Atrasar decisões que são necessárias só vai aumentar o custo para as famílias e as empresas. Outro ponto vital é manter uma comunicação transparente e constante com a sociedade.

Greve de caminhoneiros é mais um problema atual que o senhor também enfrentou, quando presidente da Petrobras. De novo, são situações de natureza distinta. Antes, agiam contra o governo e agora estão a favor dele. Acho, aliás, muito estranho.

Sua saída no auge daquela greve deixou alguma mágoa? Nenhuma, até porque foi uma decisão minha. Entendi que o melhor para a Petrobras era a minha demissão, porque estava havendo um ataque à empresa e a suas políticas legítimas.

Faz sentido um governo de orientação liberal tentar controlar o preço dos combustíveis por meio de medidas fiscais? Me parece um erro buscar equacionar a alta dos preços com redução de impostos, ato que beneficia inclusive donos de iates e carrões. Deveria haver uma política para amenizar o impacto das flutuações internacionais voltada exclusivamente para caminhoneiros autônomos, os que mais sofrem com os aumentos sucessivos. A Petrobras é uma sociedade de economia mista. Se quiser interferir no valor dos combustíveis, o governo terá de fechar seu capital. Deixo claro que não sou a favor disso. Mas, do jeito que está, a situação é esquizofrênica.

Fala-se muito em uma terceira via, sem Bolsonaro nem PT, para a eleição de 2022. O senhor confia que ela vai se concretizar? A maioria do país é de centro e esse deveria ser o grupo determinante para o resultado da eleição. Mas é essencial que o centro se una e construa uma alternativa viável. Até agora não aconteceu, mas o pleito está aberto. O quadro nunca se define um ano antes. E tenho outra convicção: se um candidato de centro for para o segundo turno, as chances de se eleger são muito grandes.

Dá para arriscar um nome capaz de aglutinar essas forças? Não. Mas é necessário que isso ocorra.

Entre Lula e Bolsonaro, como o senhor se posiciona? Vou usar aqui a expressão ideal para uma saída estratégica: o voto é secreto. Mas não votarei a favor de quem possa colocar instituições em risco.

“Se quiser interferir no preço dos combustíveis, o governo terá de fechar o capital da Petrobras. Deixo claro que não sou a favor disso. Mas, do jeito que está, a situação é esquizofrênica”

É possível levar a eficiência da gestão privada para dentro do Estado? Vivemos distorções derivadas do sistema de governo que se convencionou chamar de presidencialismo de coalizão. A máquina pública perde sua unidade para atender aos objetivos dos partidos. Ministérios são destinados a grupos que atuam segundo sua própria visão. Metas são definidas de maneira genérica e desdobradas em despesas sem coerência. A gestão, no setor privado, requer qualidade total. Em tese, é perfeitamente viável replicá-la em órgãos públicos.

Mesmo com o Centrão fazendo o debate girar em torno de cargos e emendas? Evidentemente, a situação atual deixa a desejar. A boa gestão pode existir mesmo em um quadro de coalizão, mas requer que o presidente queira fazer isso, exercendo a autoridade que só ele tem. Quando fui ministro da Casa Civil de Fernando Henrique, atuava como articulador, buscando uma coerência entre as ações dos ministérios. Não é justo dizer que as distorções de agora são características só deste governo, mas elas são certamente nocivas para o uso da verba pública. Não estou fazendo uma crítica ética ou moral, apenas ressaltando que temos como melhorar.

Como, exatamente? A renovação é relevante. Na chefia do Executivo, ela depende de pessoas dispostas a incorrer em um grande sacrifício pessoal. E tal entusiasmo se encontra apenas entre indivíduos que ainda não estão contaminados pela política na forma como ela é praticada no Brasil.

Seu filho, Rafael Parente, é pré-candidato ao governo do Distrito Federal. O senhor apoia essa iniciativa? É óbvio que, como pai, me preocupo. Não quero que ele sofra. Mas a gente precisa de mais atitudes como essa, porque acredito no idealismo e na ética, uma ética que eu prego e a gente pratica em família. ■

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E ECONÔMICO DEVEM ANDAR JUNTOS

O USO DE TECNOLOGIAS E A PARTICIPAÇÃO ATIVA DA INICIATIVA PRIVADA SÃO FUNDAMENTAIS NESSE PROCESSO

O Brasil tem um papel fundamental para frear as emissões de gases do efeito estufa (GEE), e o desenvolvimento sustentável de nossos biomas é essencial para isso. Para debater o tema, a JBS realizou, em parceria com o Grupo Abril, o webinar Biomas: Desenvolvimento Sustentável da Amazônia, do Cerrado e do Pantanal, mediado pela jornalista Rosana Jatobá.

Na abertura do evento, o CEO global da JBS, Gilberto Tomazoni, reafirmou o esforço da companhia em fazer parte da solução climática. "Somos a segunda maior empresa de alimentos do mundo e a líder no setor de proteínas. Compreendemos nossa responsabilidade e vamos fazer nossa parte. Na JBS, a sustentabilidade não é parte da estratégia, ela é a própria estratégia." A empresa assumiu o compromisso de zerar o balanço líquido de suas emissões de gases causadores do efeito estufa, ou seja, reduzir a intensidade de liberações diretas e indiretas e compensar toda a emissão residual até o ano de 2040.

Inovar é parte fundamental dessa transformação. No painel "Tecnolo-

gia a favor da sustentabilidade dos biomas", dois especialistas debateram o tema. Osmar Bambini, CIO e cofundador da Um Grau e Meio, falou sobre a plataforma da empresa, que utiliza inteligência artificial para emitir alertas em tempo real sobre incêndios ao cruzar informações vindas de satélites, imagens de câmeras posicionadas em torres instaladas em fazendas, dados meteorológicos e histórico de fogo no local. "No futuro, esperamos monitorar a regeneração, a volta das espécies, da vida às florestas", comentou ele. A JBS é uma das empresas que trabalham com a Um Grau e Meio e está investindo em um projeto no Pantanal que vai monitorar 2 milhões de hectares, com a expectativa de reduzir em mais de 50% as áreas queimadas.

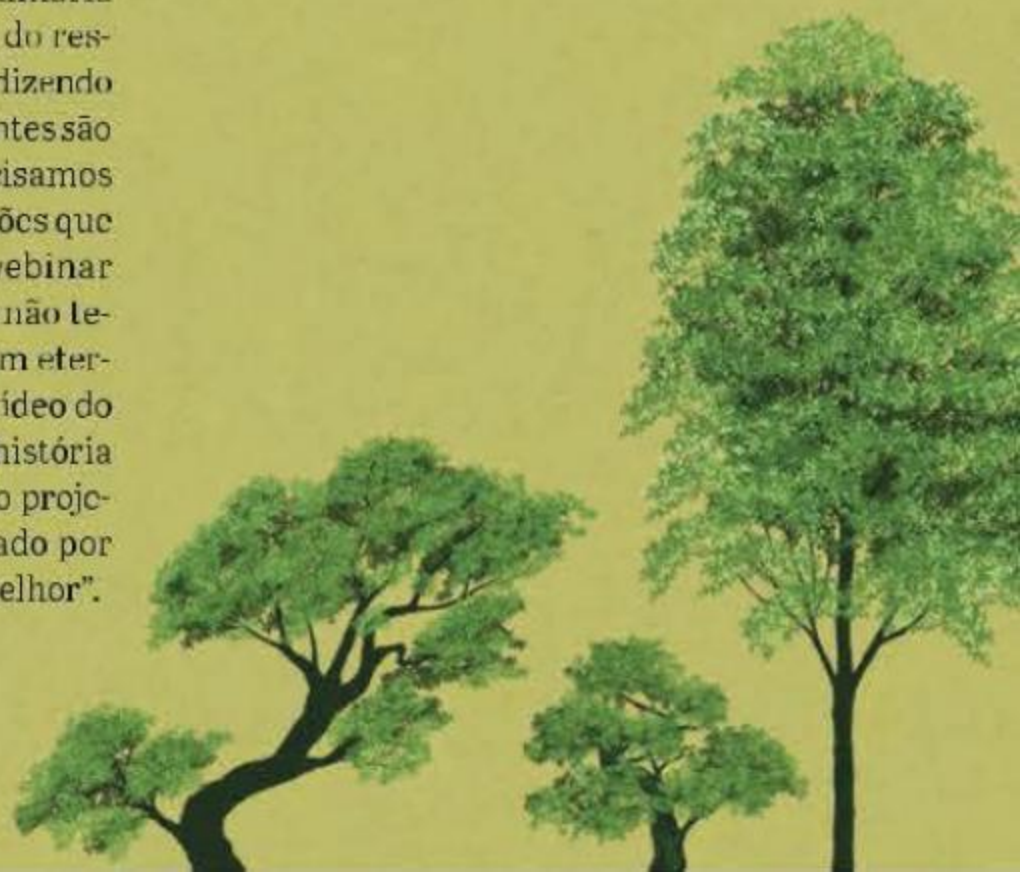
A bióloga e pesquisadora do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia Ludmila Rattis, que também participou do painel, comentou que há tecnologia de grande impacto positivo no desenvolvimento sustentável que ainda não é amplamente utilizada. "Quanto mais mantivermos a floresta em pé, maior será nossa produção agrícola. Além disso, essa floresta é fundamental para regular a emissão de gases de efeito estufa", explicou ela.

A presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), Marina Grossi, e o presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), Marcello Brito, também participaram do webinar enviando seus depoimentos sobre a importância da preservação e do desenvolvimento sustentável dos biomas. Para Marina, em uma economia de baixo carbono, o Brasil oferece soluções que nenhum outro país tem. E, segundo Brito, os biomas da Amazônia, do Cerrado e do Pantanal são regiões com importância ímpar para o desenvolvimento do Brasil.

Proteger e desenvolver a região amazônica é justamente o objetivo do Fundo JBS pela Amazônia. Com um investimento mínimo de 250 milhões de reais nos primeiros cinco anos, aportados pela JBS e por outros parceiros, o Fundo investe em projetos para ampliar a conservação da floresta e o desenvolvimento sustentável das comunidades que vivem na região. O Fundo tem por meta alcançar 1 bilhão de reais em investimentos conjuntos da própria JBS e de parceiros até 2030.

"A gente sabe que sozinho não faz nada. A Amazônia é importante para o Brasil e para o mundo. Precisamos trabalhar juntos para trazer o desenvolvimento sustentável para a região", afirmou Joanita Maestri Karoleski, presidente do Fundo JBS pela Amazônia, no segundo painel do evento, intitulado "Setor privado como indutor do desenvolvimento sustentável da Amazônia".

O Fundo já apoia seis projetos, um deles é o RestaurAmazônia, da Fundação Solidaridad, que pretende trabalhar com 1500 famílias produtoras ao longo de cinco anos. "As comunidades podem dar uma grande contribuição para enfrentar as mudanças climáticas. E o objetivo nesse período é criar um legado de autossuficiência na região", explicou Rodrigo Castro, diretor da Fundação Solidaridad, que também participou do painel.

O chef especializado em culinária amazônica Felipe Schaedler, do restaurante Banzeiro, concordou dizendo que "as pessoas mais importantes são as que vivem na floresta. Precisamos valorizá-las para que essas ações que estão sendo faladas neste webinar tenham começo e meio, mas não tenham fim. Para que elas sejam eternas". No final do evento, um vídeo do RestaurAmazônia mostrou a história de famílias que participam do projeto, reforçando o ponto colocado por Joanita: "Juntos a gente faz melhor".

O INFERNO EMERGE NAS ILHAS CANÁRIAS

TUDO COMEÇOU com uma série de pequenos tremores ao sul da ilha de La Palma, no Arquipélago das Canárias, território espanhol que fica a noroeste da costa africana. Depois de identificar que se tratava de um alerta sísmico, as autoridades locais e a comunidade se prepararam para o pior. A pequena população ao redor do Parque Nacional Cumbre Vieja, que abriga o vulcão de mesmo nome, foi evacuada preventivamente, deixando para trás casas e carregando apenas o indispensável. Parte da fauna que habita a região também foi protegida. No domingo 19, o **Monte Cumbre Vieja entrou em erupção, lançando ao ar colunas de lava, gases e cinzas.** Foi a primeira vez que se registrou atividade vulcânica na ilha desde a erupção do Teneguía, em 1971 — e por isso não se sabia ao certo qual seria a dimensão dos estragos. Havia preocupação de que a atividade vulcânica pudesse provocar tsunamis na costa brasileira, mas a possibilidade, felizmente, acabaria sendo descartada. Em La Palma, no entanto, o inferno que emergiu do subterrâneo está longe de terminar. Rios de lava com mais de 10 metros de altura avançaram lentamente sobre pequenos vilarejos, a cerca de 120 metros por hora, com fumaça tóxica sendo expelida ao contato com a superfície. O produto desse fluxo incontrolável é o rastro de destruição que, até a quarta-feira 22, não havia feito vítimas. Enquanto isso, equipes de socorro abriam valas para tentar desviar o fluxo de rocha derretida e os ilhéus se esforçavam para salvar o que podiam antes que seus lares fossem engolidos para sempre. ■

Alessandro Giannini

ANDRES GUTIERREZ/ANADOLU/GETTY IMAGES

GUARDIA
CIVIL

LEO MARTINS/AG. O GLOBO

AFIADO Adnet: "Hoje, recebo mais risadas que xingamentos e ameaças de morte"

"O BRASIL PRECISA DE HUMOR"

O comediante carioca fala da repercussão de sua sátira de um áudio do presidente, defende o riso como forma de resistência e revela sua torcida por um inesquecível Carnaval pós-pandêmico

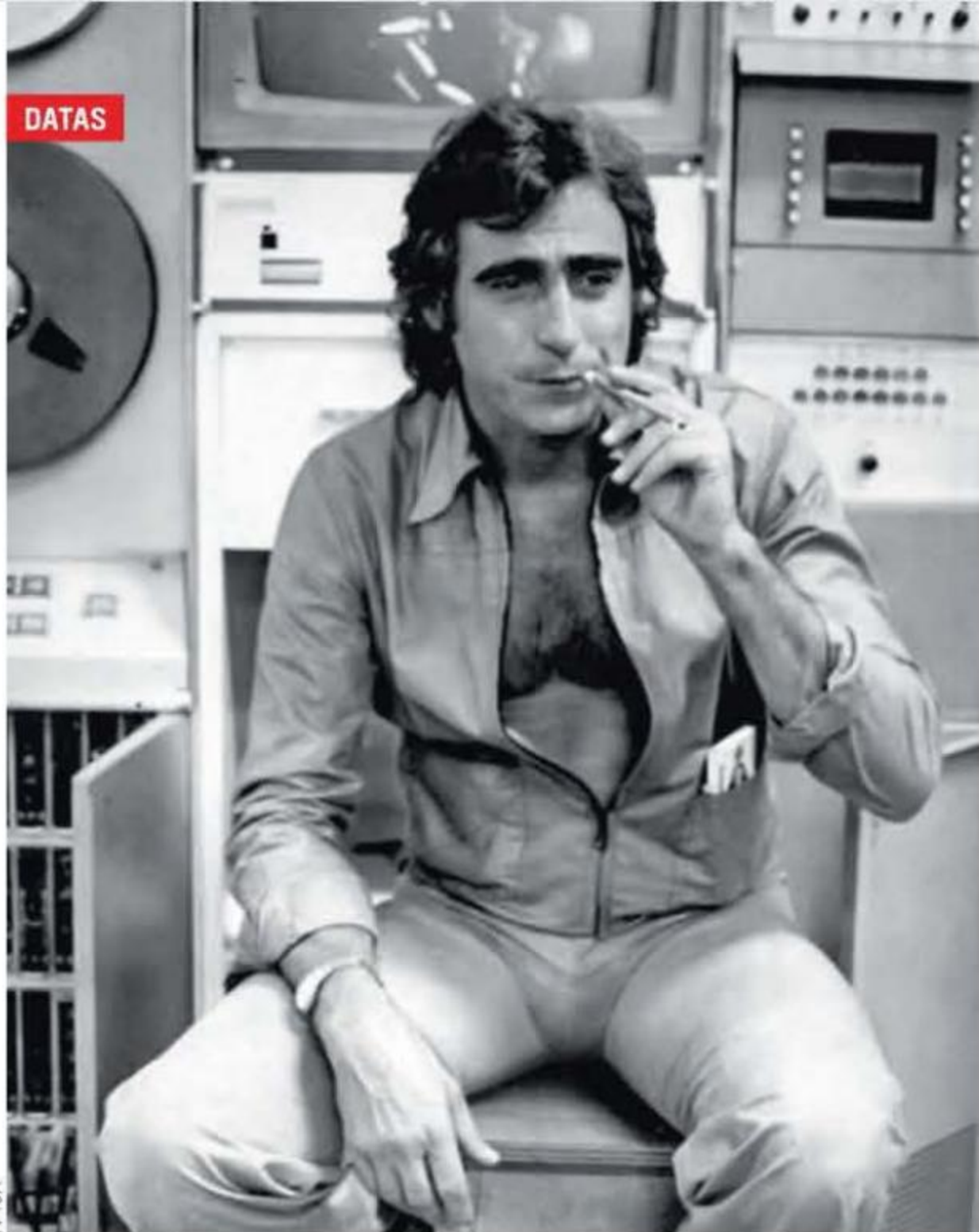
Sua recente sátira à mensagem do presidente Jair Bolsonaro aos caminhoneiros viralizou. O que pensa da repercussão? De tão grotesco, o Bolsonaro é material farto para humoristas, mas me surpreende que acharam que meu áudio era dele. Fiz questão de publicar no meu próprio perfil e instruir os caminhoneiros ao absurdo de dançar *Macarena* até o ministro Alexandre de Moraes cair. Ainda assim, alguns não entenderam a piada. O ambiente delirante que Bolsonaro criou permite que essas brincadeiras sejam confundidas com verdades.

Já sofreu represálias por causa de suas paródias? Quando uma crítica é disparada ao Bolsonaro, o exército digital dele rebate. Sempre vai ter quem reclame — o que, aliás, é sinal de que a piada deu certo. Perdi contratos publicitários quando ele tinha bastante força e, com os áudios, disseram que eu deveria ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Hoje, já recebo mais risadas que xingamentos e ameaças de morte.

Nunca teve medo? Para mim, pouco importa: eu continuaria fazendo a mesma coisa. Em maio, fiz uma paródia do secretário Mario Frias e a própria Secretaria Especial de Comunicação Social fez uma publicação contra mim. Quando um perfil oficial do governo reage a uma sátira, significa que a piada pegou em um ponto crucial. O humor desvenda personalidades e desestabiliza políticos, e isso é poderoso.

Há espaço para o humor em clima de crise institucional? Esse é exatamente o tipo de clima que precisa de humor. Silenciar e sucumbir ao medo é o que eles querem. Há até uma demanda para que os comediantes batam em quem bate no Brasil. O humor é essencial agora, e o Brasil precisa dele não só como contraponto à tristeza e ao luto, mas como arma contra quem nos ameaça.

O senhor sempre foi um satirista político afiado, e ultimamente tem composto sambas-enredo para escolas como Gaviões da Fiel e Rosas de Ouro. O que espera do ano que vem, na política e no Carnaval? Espero que cheguemos ao ano que vem. O governo tem tentado a todo custo manter o cercadinho ativo e, até lá, qualquer coisa pode acontecer. Quanto ao Carnaval, o sonho de ver meus sambas-enredo na avenida de novo terá de esperar a segurança sanitária. Minha única expectativa é que seja seguro — para o público, velha guarda e foliões. Quando isso acontecer, vamos lembrar da festa que fizemos ao sair da epidemia de gripe espanhola. O Carnaval de 1919 foi o mais longo e alucinado da história. Merecemos um assim também. ■

Tamara Nassif

TV TUPI

TIPOS Luís Gustavo: Beto Rockfeller, Mário Fofoca, Victor Valentim e Vavá

O REI DA COMÉDIA

Poucos personagens marcaram tanto a história da televisão no Brasil, e o cotidiano do próprio país, quanto o Beto Rockfeller interpretado por **Luís Gustavo** na novela da TV Tupi. Em reportagem de capa de abril de 1969, VEJA chamava a atenção para o sucesso, em preto e branco, do "herói sem caráter", um Macunaíma moderno criado por Bráulio Pedroso, com direção de Lima Duarte e Walter Avancini. "Beto, um jovem de classe média baixa, é um tipo disposto a todos os golpes menores para subir até o ambiente da burguesia paulista", anotava o texto. "Ao lado de alguns momentos de lirismo e bondade, mente, trai, ilude a todos, ilude-se, foge do trabalho". E o Brasil se viu na TV.

O charme de Gustavo, filho de espanhóis nascido na Suécia (o pai era diplomata), associado a perfeito controle de tempo do humor, fez de Beto Rockfeller um ícone até hoje lembrado. Tatá, como era conhecido, voltaria a chamar a atenção com outras figuras marcantes na TV Globo, engraçadas e adoráveis, apesar dos desvios morais. Ele foi o detetive Mário Fofoca, da novela *Elas por Elas* (1982). Foi o costureiro Victor Valentim, de *TiTiTi* (1985) e, para as gerações mais jovens, o Vavá, de *Sai de Baixo* (1996 a 2002). "Na comédia, as crianças são meus grandes professores", dizia a respeito de seu dom. Tinha 87 anos. Morreu em Itatiba (SP), em 19 de setembro, de câncer no intestino.

A VIDA NÃO IMITA A ARTE

O filme *Hotel Ruanda*, de 2004, narra a astúcia de **Paul Rusesabagina** como gerente do Mille Collines Hotel em Kigali para proteger mais de 1 200 pessoas durante o genocídio de 1994. A matança foi imposta a cidadãos do grupo étnico tútsi, mortos com facões, queimados vivos ou baleados à queima-roupa por rebeldes hútus. Rusesabagina, interpretado por Don Cheadle, chamava a hospedagem de luxo, controlada com dólares em propinas, cerveja, charme e retidão, de uma "ilha de medo num mar de fogo". Sua atuação no episódio levado para a Hollywood o transformou em símbolo internacional, herói incontestável. Em 20 de setembro, ele foi condenado a 25 anos de prisão por pertencer a uma organização terrorista. A sentença era esperada desde que, em setembro de 2020, o avião em que Rusesabagina viajava para Burundi pousou no aeroporto de Kigali. Ele foi preso na capital de Ruanda e imputado com "nove acusações relacionadas a terrorismo, incêndio criminoso, sequestro e assassinato perpetrado contra civis inocentes em solo ruandês". Rusesabagina, de 67 anos, nega as acusações e se diz preso político. ■

RICK LOOMIS/L.A.TIMES/GETTY IMAGES

CINEMA Rusesabagina: inspiração para o filme *Hotel Ruanda* (2004)

LEV RADIN/PACIFIC PRESS/GETTY IMAGES

“A maior cascata de crises da nossa existência.”

ANTÓNIO GUTERRES, secretário-geral da ONU, descrevendo o momento atual, de guerras, mudanças climáticas e pandemia, na abertura da Assembleia-Geral anual

“Chamamos as esposas dos ministros para compor o voluntariado, porque elas ficam em casa ociosas e a gente sabe o poder que elas têm.”

MICHELLE BOLSONARO, primeira-dama, agitando a modorra da alta sociedade brasiliense

“Sabe o que o cara vende? Arma, brinquedo. Aloooo CPI.”

JAIR RENAN BOLSONARO, filho caçula do presidente, usando vídeo de visita a uma loja de pistolas de ar e letais para fazer gracinha com a comissão que convocou sua mãe a depor por ligações com lobistas

“Uma horrível tragédia da guerra, de partir o coração. Prometemos total transparência sobre o incidente.”

MARK MILLEY, chefe do estado-maior americano, ao admitir que um drone dos Estados Unidos, mirando terroristas, bombardeou a van errada e matou dez civis, entre eles sete crianças

“Ainda estou vivo, embora alguns preferissem me ver morto.”

PAPA FRANCISCO, em referência velada à oposição que sofre da ala mais conservadora da Igreja

“Estamos fazendo todo o possível para salvar as árvores.”

REBECCA PATERSON, porta-voz dos parques nacionais da Califórnia, comentando a providência de enrolar um tipo de papel de alumínio na base do tronco das sequoias para protegê-las de um vasto incêndio. A tática parece estar funcionando

“Temos a chance de (...) garantir que a libertação pelo Brexit seja usada para ajudar negócios e cidadãos a progredir.”

DAVID FROST, ministro britânico que cuida da separação da União Europeia, ao anunciar projeto para abandonar o sistema métrico “imposto” pelo bloco e retomar medidas em libras e onças

“A pergunta ‘Cadê meu rabo?’ estava na minha cabeça desde criança.”

BO XIA, estudante de medicina da Universidade de Nova York, chefe da pesquisa que concluiu que os primatas perderam o acessório há 20 milhões de anos graças a uma única e aleatória mutação genética

“O retorno de Saturno veio igual a uma voadora na testa.”

AGATHA MOREIRA, atriz, conjuminando metáforas para ilustrar seu processo de autoconhecimento e maturidade durante a quarentena

INSTAGRAM @AGATHAAMOREIRAA

“A garota vai rolar até eu ficar velhinha.”

FERNANDA ABREU, cantora, que comemora 60 anos em ótima forma e com novo álbum

“Não serei obrigada a me vacinar. Não serei obrigada a provar ser saudável para viver em sociedade. Não aceitarei a exclusão de pessoas com base em seu boletim médico.”

DOUTZEN KROES, modelo holandesa, execrada nas redes sociais – inclusive com pragas para que contraia Covid – depois de postar sua mensagem antivacina

“Me deixa triste ver tanto julgamento e tanta falta de empatia no coração das pessoas. Ódio não é resposta.”

GISELE BÜNDCHEN, saindo em defesa da colega e amiga e sendo, ela também, criticadíssima

“Passo a maior parte do filme sem roupa. Tenho mais cenas pelado do que as mulheres.”

DANIEL CRAIG, ator, em spoiler sobre *James Bond – Sem Tempo para Morrer*, que estreia no fim do mês

“Até poucos anos atrás, as pessoas me confundiam com a assistente de palco, mas isso está mudando.”

MEGAN SWANN, mágica britânica, a primeira mulher a presidir o Círculo Mágico, associação fundada em 1905 que congrega 1500 ilusionistas (só 5% do sexo feminino)

FERNANDO SCHÜLER

A DEMOCRACIA APRENDIZ

DESDE O INÍCIO do atual governo, e mesmo antes, escutamos que nossa democracia está por um fio, que estamos muito perto do abismo, que andamos, a cada duas ou três semanas, na iminência de um "golpe". Nos últimos tempos tivemos o golpe do general Braga Netto, que teria ameaçado o presidente do Congresso (ambos negaram); o golpe do desfile de tanques, em Brasília, que terminou no impagável fumacê. E, claro, o do 7 de Setembro, com direito a toneladas de anúncios de invasão do Congresso ou de um novo 1964. No dia seguinte, a sensacional explicação: "o golpe fracassou".

Bom humor à parte, a democracia supõe um estado permanente de atenção. Isso vale especialmente para Bolsonaro, que nunca escondeu seu gosto pelo regime autoritário e sua quase veneração por tipos como o coronel Brilhante Ustra. É razoável supor que se ele pudesse entrar em um túnel do tempo e se transformar no presidente Médici, nos anos 70, ele o faria com gosto.

A questão é que ele não pode. Daí seu repertório de bravatas e ameaças vazias. Não acatar determinações do Supremo, não aceitar eleições sem o voto impresso, e por aí vai. E a mais curiosa, que alguém sugeriu lembrar o velho Getúlio: "Daqui só saio morto". Na sequência da fanfarronice, os sucessivos recuos. Sendo o último o mais espetacular. A "carta à nação", explicando seus arroubos como "calor do momento", dois dias depois daquela fala desastrosa na Avenida Paulista.

O episódio é ilustrativo. O presidente diz algo fora de propósito e é logo enquadrado pela reação das instituições. Formais e informais. A opinião pública, redes e organizações da sociedade, partidos e lideranças no Congresso. E a linha dura: os pronunciamentos dos ministros do STF Luiz Fux e Luís Roberto Barroso — que também preside o TSE —, seguidos pela ação moderadora do ex-presidente Temer.

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

TRADIÇÃO Nas ruas: manifestações pacíficas desde os protestos de 2013

Tudo isso sinaliza resiliência democrática. E não é de hoje. Nos processos de impeachment de 1992 e 2016 já foi assim. O país vem mostrando, como li tempos atrás de um teórico da "crise da democracia", que "seu arcabouço institucional é mais robusto do que havíamos imaginado".

Isso vem do pacto democrático dos anos 1980 e da Constituição. Ela nos legou um modelo disfuncional de gestão pública, mas soube fortalecer instituições de Estado, em especial do mundo jurídico, e consolidou um sistema sofisticado de freios e contrapesos. Nosso modelo de coalizões majoritárias, como enfatiza o cientista político Carlos Pereira, tem se mostrado inclusivo das elites políticas, e nossa Suprema Corte vem atuando como real poder de contenção e moderação do Executivo.

Um dos efeitos da consolidação democrática foi a crescente organização da sociedade civil. Eram poucos os grupos de advocacy, à época da transição. Hoje há um tecido social estruturado, potencializado pelas redes de cidadãos na internet. O país desenvolveu uma tradição de grandes manifestações de rua, em regra pacíficas, desde as manifestações de 2013. Além disso, há um fator essencial: o apoio difuso na sociedade. Pesquisa recente do Datafolha mostrou que 75% das pessoas apoiam a democracia como "melhor forma de governo". Maior suporte desde o início da série, em 1989.

É igualmente interessante observar o retrospecto histórico. Adam Przeworski afirmou que "nenhuma democracia ruiu em países com renda per capita superior à da Argentina em 1976, com exceção da Tailândia em 2006". Maior a renda média, maior a chance de sobrevivência democrática, e é fácil concluir que somos diferentes hoje do que éramos em 1964. O argumento

Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

mais forte de Przeworski, porém, diz respeito ao processo de "autoinstitucionalização" das democracias. Pesquisando 3000 processos eleitorais, desde o fim do século XVIII, ele verificou como o sistema democrático reforça a si mesmo. A cada alternância pacífica de poder, vai se consolidando o processo, e as chances de ruína democrática "tendem a zero a partir de seis alternâncias".

No ano que vem teremos nossa nona eleição desde 1989. Todas pacíficas, feitas com lisura e com direito a passagem de faixa, como manda o figurino. Se Bolsonaro perder e não quiser passar a faixa, como já insinuou, apenas repetirá o que fez o ex-presidente Figueiredo. Sairá pela porta dos fundos. O fato é que fomos internalizando os procedimentos da democracia. Sabemos como fazer. A cada novo ciclo, com dores e dramas, nos tornamos mais reativos a qualquer virada de mesa.

Há outro aspecto a considerar. Jogar "fora das quatro linhas" demandaria o ingresso dos militares em um tipo de aventura autoritária estranha ao que as Forças Armadas vêm construindo. "Os militares não darão apoio a qualquer desvio constitucional", diz Raul Jungmann, ex-ministro da Defesa. Ele faz uma distinção entre os militares mais antigos, hoje na reserva, talhados na cultura da Guerra Fria, e os militares hoje no comando. Esta nova geração concebe a atividade militar como essencialmente profissional. "A cúpula, as escolas de formação, esses oficiais superiores", diz Jungmann, "pensam muito mais na profissão e no respeito à democracia".

É evidente que há riscos. O mundo digital incentiva a radicalização, a guerra cultural envenenou o debate e há os novos populismos eletrônicos. Nossas democracias podem preservar a competitividade eleitoral e ao mesmo tempo andar ladeira abaixo em sua vida institucional. Sintoma disso, no Brasil, foi o uso generalizado, nos últimos tempos, da Lei de Segurança Nacional.

A primeira lição a tirar disso é estar em alerta. Outra é a isenção: a democracia demanda um olhar dirigido a todos os lados do jogo. De nada vale o olhar seletivo. São inaceitáveis as falas do presidente relativizando o respeito às regras do jogo, assim como a censura prévia e as restrições indevidas à liberdade de expressão. Por fim, é preciso senso de proporção: não confundir, à direita ou à esquerda, a divergência quanto a políticas públicas com identificação de riscos à democracia.

O tema da democracia não deve ser instrumentalizado como arma da guerra política. Seu debate não deve se tornar, ele mesmo, fonte permanente de toxina ideológica obstruindo o debate sereno dos problemas do país. A defesa da democracia supõe fidelidade a princípios, mais do que amor e ódio a essa ou àquela posição. A democracia, por definição, pertence a todos e a ninguém em particular.

> **"A cada novo ciclo nos tornamos reativos à virada de mesa"**

O país fará, em 2022, sua nona eleição desde a redemocratização. E fará com lisura, como sempre o fez. Haverá muita retórica, radicalização e distensão. Qualquer um que insinue jogar "fora das quatro linhas" será devidamente enquadrado e, no limite, posto para fora do jogo. Somos um bom exemplo da tese de Przeworski: a cada novo embate, no plano das instituições, nos tornamos mais fortes. Somos uma democracia que aprende. Um modo de viver erguido a duras penas, nos anos 80, cheio de coisas a consertar, mas "uma viagem de qualidade institucional sem volta", como bem disse o poeta e ex-ministro Ayres Britto. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

HORÁRIO DE VERÃO
Pesquisa do Datafolha mostrou que 55% dos brasileiros são favoráveis à volta da medida em meio à atual crise energética. Falta combinar com o governo, que ainda resiste a fazer o óbvio e necessário.

MERCADO LIVRE
Cotada a mais de 90 bilhões de dólares, a companhia argentina se tornou a empresa mais valiosa da América Latina.

NETFLIX
O serviço de streaming foi o grande vencedor da edição 2021 do Emmy, faturando 44 prêmios (a HBO ficou em segundo lugar, com dezenove troféus).

DESCE

MARCELO QUEIROGA
O ministro da Saúde fez gestos obscenos a manifestantes que protestavam contra Bolsonaro em Nova York e, diagnosticado com Covid, foi obrigado a ficar em quarentena na cidade.

WILSON LIMA
O STJ tornou o governador do Amazonas réu por corrupção em um suposto esquema que fraudou contratos da saúde.

WAGNER ROSÁRIO
Na CPI da Pandemia, o controlador-geral da União ofendeu a senadora Simone Tebet (MDB-MS) e, de testemunha, saiu da comissão como investigado.

NAMORO João Doria e Virgílio: vença quem vencer, a parceria está encaminhada

Amazônia paulista

Ainda tem chão pela frente, mas algumas acomodações já são explícitas nas prévias do PSDB. **João Doria** e **Arthur Virgílio** encontraram-se duas vezes em dez dias e acertaram um eventual segundo turno. Estarão juntos.

No outro córner

Aproximação semelhante ocorre entre Eduardo Leite e Tasso Jereissati do outro lado do ninho.

Visual moderno

Doria, aliás, ajustou o figurino. Nada de camisa social e terno. Agora usa tênis On Running Cloud e camiseta Hering. A calça apertada não muda.

Conversas avançadas

Chefe da Alerj, André Ceciliano quer disputar o Senado pelo Rio. Só abre mão se Eduardo Paes e Lula fecharem a aliança, em discussão, para o governo.

A volta da amizade

Lula perdoou Léo Pinheiro por ter admitido à Lava-Jato que a OAS bancou obras no tríplex e no sítio de Atibaia.

Inimigo íntimo

Na reunião de cúpula do DEM, que aprovou a fusão com o PSL, o ex-senador Agripino Maia descascou Gilberto Kassab: "Foi usado por Lula para criar o PSD e destruir o Democratas".

A força do agro

Tarcísio de Freitas tende hoje a disputar o Senado por Goiás ou Mato Grosso, estados com ricos apoiadores.

Longe do chuveiro

Nessa ida a Nova York, Jair Bolsonaro despediu-se de Hamilton Mourão de manhã, passou o dia viajando, teve conversas no hotel e foi comer pizza à noite com a mesma roupa: "Faltou um banho", brinca um interlocutor.

Caro foi o discurso

A picanha bem passada de Bolsonaro — um pecado — na Fogo de Chão de NY saiu por 45 dólares a cabeça. A pizza na calçada, 2,5 dólares a fatia.

Mal aí, chefinho

Marcelo Queiroga conseguiu ofuscar Bolsonaro em NY. Foi o brasileiro mais buscado no Google dos EUA e do Reino Unido no dia do discurso na ONU.

Como se faz

Em 2016, Henrique Meirelles usou a fala de Michel Temer na ONU para montar um almoço com trinta megainvestidores globais. "Voltamos com acordos de novas fábricas e negócios, expansão de produção", diz Meirelles.

Conselho de amiga

Flávia Arruda tentou até o último instante convencer Bolsonaro a tomar a vacina da Janssen. Não conseguiu.

Esse trabalhou

O chanceler Carlos França teve encontro com o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken. Falou de Amazônia, topou receber aqui haitianos deportados e encaminhou parceria dos dois países sobre hidrogênio verde.

Normalidade

Alguns sinais de que a crise viajou para NY. Rodrigo Pacheco e Arthur Lira só falaram de pauta legislativa. Luiz Fux só tratou de temas judiciais. O chefe do Exército despachou tranquilo no Q.G.

Só love

O clima entre Lira e Pacheco melhorou com as seguidas reuniões de trabalho nesta semana. Foram três.

Diga-me com quem andas

André Mendonça foi aconselhado a se afastar do pastor Silas Malafaia, nome impopular no Senado. Pode ser tarde.

Cama pronta

Discretamente, **Davi Alcolumbre** chamou alguns líderes do Senado para um particular na semana que vem e disse já ter votos para derrubar Mendonça na CCJ. Augusto Aras no aquecimento.

Não tenho mais idade

Humberto Martins fala dia sim, outro também, com Bolsonaro. São amigos. Mas a chance de virar ministro do STF se esgota a cada dia. Em 7 de outubro, Martins completa 65 anos.

Estoque alto

A PGR de Aras está com o freezer lotado. Pelo menos três grandes delações e outros acordos menores contra figuras do Congresso estão parados por lá.

Adoraria ir, mas...

Roberto Campos Neto, o chefe do BC, escapou da pizza na calçada valendo-se da semana de silêncio do Copom.

LEOPOLDO SILVA/AGÊNCIA SENADO

CONSEGUI Alcolumbre: ele diz já ter votos para derrubar Mendonça na CCJ

Caixeiro-viajante

Com uma série de leilões pela frente, Tarcísio de Freitas vai viajar aos EUA, Europa e Oriente Médio para "vender o Brasil" a investidores.

Briga de gigantes

Investidores da Europa e Ásia já avisaram a Freitas que vão disputar os leilões de Congonhas e Santos Dumont.

Novos voos

De saída da Fiesp, Paulo Skaf vai investir 40 milhões de reais num complexo imobiliário na Baixada Santista.

Meu hotel

A rede hoteleira Hard Rock chegou a 1 bilhão de reais em vendas de unidades em seus dois clubes no Ceará e no Paraná. Dez mil famílias já compraram suítes lançadas pela incorporadora.

Sinais de melhora

A Kinoplex já bateu neste mês 250 000 visitantes em suas salas. O público ainda é metade do registrado em setembro de 2019, mas muito festejado.

Dose em dobro

A Cachaçaria Nacional fechou as contas de 2020 com 92% de aumento nas vendas: de 4,8 milhões de reais, em 2019, foi a 9,3 milhões em 2020. O brasileiro caiu no copo na pandemia.

"O campeão é você"

Chefe da Comissão de Ética da CBF, Carlos Ferreira, ensinou, no julgamento que afastou Rogério Caboclo do comando da entidade, que não frequentava camarotes e jogos para não ser comprometido no ofício. Esqueceu-se da final da Libertadores de 2020, quando levou a filha ao Maracanã com ingressos de Caboclo. "Presidente amigo, gratíssimos pelo convite. Apreciamos muito. O campeão não é o Palmeiras, mas, sim, você", disse Ferreira.

INSTAGRAM @MARINAELALI

AMOR PERFEITO Marina: volta aos palcos brasileiros com canções do Rei

Tô voltando

Sucesso dentro e fora do país, a cantora **Marina Elali** vai abrir em outubro, no Teatro Riachuelo, os shows do projeto *Sucessos do Rei*, em parceria com Eduardo Lages, maestro que há 41 anos acompanha Roberto Carlos. É a primeira vez que ambos pisam em um palco desde o início da pandemia. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

“VAI TER ELEIÇÃO. EU NÃO VOU MELAR”

Em entrevista exclusiva a VEJA, o presidente Jair Bolsonaro revela que, apesar das pressões, não existe a mínima possibilidade de golpe, garante que o governo vai respeitar o teto de gastos e prevê um cenário econômico mais favorável para os próximos meses

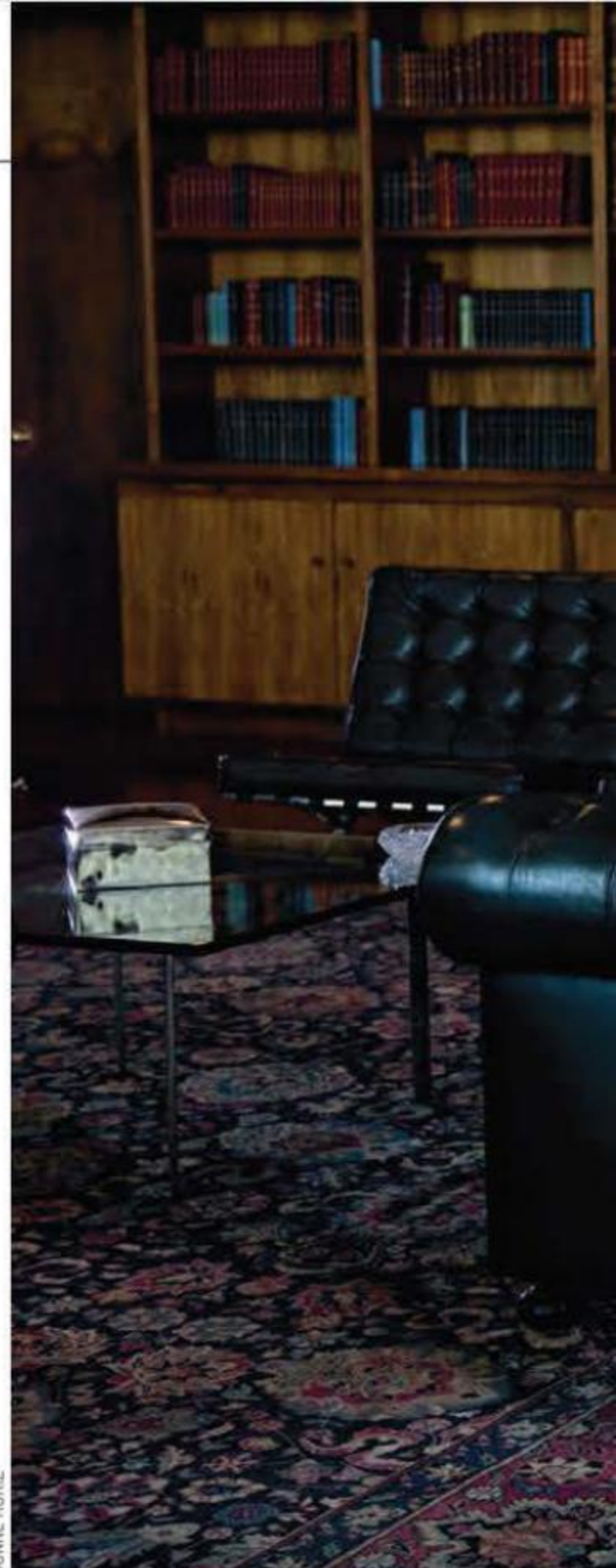
MAURICIO LIMA E **POLICARPO JUNIOR**

JONNE RORIZ

Aos olhos de muita gente, Jair Bolsonaro deveria estar preocupado — aliás, muito preocupado. As pesquisas mais recentes mostram que o presidente atingiu um incômodo patamar de impopularidade. Cinquenta e três por cento dos brasileiros acham que o governo é ruim, 39% não enxergam qualquer perspectiva positiva no horizonte e apenas 28% creem que a situação pode melhorar. Muito desse pessimismo certamente é derivado dos problemas econômicos. A inflação e os juros estão em alta, o emprego e o crescimento se recuperam lentamente e a prometida agenda de reformas estruturais emperrou. No terreno político, a CPI da Pandemia finaliza um relatório que vai acusar o presidente pela morte de quase 600 000 pessoas, a tensão com o Supremo Tribunal Federal diminuiu, mas não acabou, e a palavra impeachment voltou a ser citada em influentes rodas de conversa. Nada disso, porém, parece atormentar o presidente.

Prestes a completar 1 000 dias de governo, Jair Bolsonaro recebeu VEJA na quinta-feira 23 para uma conversa de duas horas no Palácio da Alvorada, onde cumpre isolamento sanitário por comparecer à abertura da Assembleia-Geral da ONU. Em Nova York, Bolsonaro pintou um Brasil que se livrou da corrupção, superou a pandemia, protegeu o meio ambiente e está bem estruturado para receber investimentos internacionais. Na entrevista, a imagem que o presidente constrói do país, de si mesmo e de seu governo não é muito diferente. A novidade surge quando ele é indagado sobre um espectro que, há algum tempo, ronda o imaginário de alguns setores, especialmente depois das manifestações de 7 de setembro: a possibilidade de o presidente se valer de um golpe para manter o poder.

CAPA: FOTO DE JONNE RORIZ

PACIFICAÇÃO Bolsonaro, sobre as manifestações e a Carta à Nação: "Não sou o Jairzinho paz e amor, mas a idade dá certa maturidade"

"A chance é zero", garantiu Bolsonaro, admitindo, no entanto, que houve pressão "de algumas pessoas" para que o governo "jogasse fora das quatro linhas". Quem são essas pessoas, ele não revela, mas afirma que o ambiente agora está pacificado.

A equipe de VEJA tomou todos os cuidados necessários para realizar a entrevista — uso de máscara, álcool em gel e distanciamento. Sobre a política de combate à pandemia, aliás, o presidente reafirmou que faria tudo de novo. Ele continua cético em relação às vacinas, embora seus assessores ainda tentem convencê-lo a mudar de ideia. Em Nova York, em tom de brincadeira, o presidente chegou a propor uma aposta ao primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, para saber quem tinha o IgG maior. Tomar ou não o imunizante, segundo ele, deve ser uma opção, não uma obrigação — e cita como exemplo a primeira-dama Michelle Bolsonaro, que foi vacinada. "Não consigo influir nem na minha própria casa", disse. A seguir, os principais trechos da entrevista, na qual o presidente também fala de eleições, Lula, voto impresso, CPI, crises políticas, economia e revela qual foi o pior e mais tenso momento de seu governo nesses quase três anos.

Existe uma leitura bastante difundida de que várias de suas ações e falas são preparação para um golpe de Estado. Daqui pra lá, a chance de um golpe é zero. De lá pra cá, a gente vê que sempre existe essa possibilidade.

O que seria exatamente esse "de lá pra cá"? De lá pra cá é a oposição, pô. Existem 100 pedidos de impeachment dentro do Congresso. Não tem golpe sem vice e sem povo. O vice é que renegocia a divisão dos ministé-

ANTONIO MOLINA/FOTOARENA

EXAGEROS Desfile de tanques na Esplanada dos Ministérios: Bolsonaro reconhece que extrapolou em algumas ocasiões

rios. E o povo que dá a tranquilidade para o político voltar. Agora, eu te pergunto: qual é a acusação contra mim? O que eu deixei, em que eu me omiti? O que eu deixei de fazer? Então, não tem cabimento uma questão dessas.

O senhor está dizendo que existe uma conspirata contra o governo?
Quando você passa a ter o povo do teu lado, como eu tenho, bota por terra essa possibilidade. A não ser que tenha algo de concreto, pegou uma conta minha na Suíça, aí é diferente. Não tenho nada. Desligo o aquecimento da piscina, não uso cartão corporativo, não pedi aposentadoria na Câmara, não dou motivo. Estamos há dois anos e meio sem um caso de corrupção.

A CPI da Pandemia diz que houve corrupção no Ministério da Saúde.
Tem gente que não pensa no seu país, ao invés de mostrar seu valor, ele quer caluniar o próximo. Vejo na CPI os senadores Omar Aziz e Renan Calheiros falando: "O governo Bolsonaro é corrupto". Pois aponte quem por ventura pegou dinheiro. Com todo o respeito à PM de MG, um cabo da PM negociando 400 milhões de doses a 1 dólar, se encontrando fortuitamente num restaurante? É coisa de maluco.

"Não errei em nada. Fui muito criticado quando falei que ficar trancado em casa não era solução. Eu falava que haveria desemprego – e foi o que aconteceu. Outra consequência disso é a inflação"

Depois de um ano e meio de pandemia, o senhor faria algo diferente?
Não errei em nada. Fui muito criticado quando falei que ficar trancado em casa não era a solução. Eu falava que haveria desemprego — e foi o que aconteceu. Outra consequência disso é a inflação que está aí. Hoje há estudos que mostram que quem mais caminha para o óbito por coronavírus é o obeso e quem está apavorado. Falei isso no início do ano passado. Todo mundo aumentou de peso ficando em casa. Também criamos o auxílio emergencial. Sem ele, com certeza teríamos saques em supermercados, balbúrdia, violência.

Mas teve a sugestão de tratamento precoce, a hidroxicloroquina.
Continuo defendendo a cloroquina. Eu mesmo tomei quando fui infectado e fiquei bom. A hidroxicloroquina nunca matou ninguém. O militar na Amazô-

nia usa sem recomendação médica. Ele vai para qualquer missão e coloca a caixinha no bolso. O civil também. Você nunca ouviu falar que na região Amazônica morre gente combatendo a malária por causa da hidroxicloroquina. Criou-se um tabu em cima disso.

Mas o senhor está sendo responsabilizado pelas quase 600 000 mortes durante a pandemia. Responsabilizado por quem? Pela CPI? Essa CPI não tem credibilidade nenhuma. No auge da pandemia, esses caras ficaram em casa, de férias, em home office, cuidando da vida deles. E agora vêm acusar? Não engulo isso aí. A história vai mostrar que as medidas que tomamos, concretas, econômicas, ajudando estados e municípios com recursos, salvaram as pessoas.

A demora em comprar e a pregação contra a vacina não são, no mínimo, um mau exemplo? No ano passado, não tinha vacina para vender. No caso da Pfizer, havia um dispositivo na proposta que dizia que eles não se responsabilizavam pelos efeitos colaterais. Como posso comprar um negócio desse aí? Se começar a ter efeito colateral adverso, de quem é a responsabilidade? Vocês iriam me perdoar? Não, né? Então tem que ter responsabilidade. Pergunto: a CoronaVac tem comprovação científica? Não tem. Tomar vacina é uma decisão pessoal. Minha mulher, por exemplo, decidiu tomar nos Estados Unidos. Eu não tomei.

Qual foi o momento mais tenso nesses 1000 dias de governo? Foi quando avolumou a pressão a apoios mediante concessões. Eu não podia ceder. Depois de 28 anos de Parlamento, eu conheço como essas coisas funcionam. Era muito comum acabar uma votação importante e chegar uma lista da fidelidade. Estava ali no fedor, na muvuca: "Olha nosso partido deu mais voto que o outro, que tem um ministério a mais que nós". Era comum você ver nas manchetes de jornais: PSDB, PFL... era comum você ver acerto. Isso não tem mais. A gente precisa aprovar as coisas e alguns do Parlamento vão com tudo para cima de você. Foram quinze dias de tensão, mas foi tudo contornado. Considero que estou bem com o Parlamento hoje em dia. Não vou entrar em detalhes nem de quando e nem quem foi, mas pretendo destravar a pauta nesta semana.

O preço da gasolina, do gás de cozinha e dos alimentos pressiona o bolso do brasileiro. Eu não vou tabelar ou segurar preços. Não posso tabelar o preço da gasolina, por exemplo, mas quero que o consumidor fique sabendo o preço do combustível da refinaria, o imposto federal, o transporte, a margem de lucro e o imposto estadual. Hoje toda crítica cai no meu colo. O dólar está alto, mas o que eu posso falar para o Roberto Campos *(presidente do BC)?* Quem decide é ele, que tem independência e um mandato. Reconheço que o custo de vida cresceu bastante aqui, além do razoável, mas vejo perspectivas de melhora para o futuro.

CLEIA VIANA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

PAUTA Câmara: o governo ainda quer aprovar uma agenda econômica importante

> **"Depois de 28 anos de Parlamento, eu conheço como essas coisas funcionam. Era comum acabar uma votação importante e chegar uma lista de fidelidade. Isso não tem mais"**

PEDRO VILELA/GETTY IMAGES

ECONOMIA Linha de montagem de automóveis: Bolsonaro crê em melhora da perspectiva econômica nos próximos meses

O governo ainda patina para encontrar recursos para o Auxílio Brasil, que substituirá o Bolsa Família. Acertei com o Paulo Guedes um mínimo de 300 reais para o Auxílio Brasil, um programa que, ao contrário de governos passados, não vai ser usado como curral eleitoral. Se eu usasse o programa para ganhar a eleição, colocava o valor em 600 reais. Em outros governos, com uma canetada fingia-se que estava extinta a pobreza no Brasil. São as hipocrisias. Duvido que o PT se reelegeria com o Orçamento que eu tenho. Com toda a certeza eles iriam furar o teto de gastos. Apesar da nossa dívida e dos nossos problemas, a nossa meta é ter responsabilidade e cumprir o teto de gastos, lógico.

O ministro Paulo Guedes continua indemissível? Não existe nenhuma vontade minha de demiti-lo. Vamos supor que eu mande embora o Paulo Guedes hoje. Vou colocar quem lá? Teria de colocar alguém da linha contrária à dele, porque senão seria trocar seis por meia dúzia. Ele iria começar a gastar, e a inflação já está na casa dos 9%, o dólar em 5,30 reais. Na economia você tem que ter responsabilidade, o que se pode gastar, respeitando o teto de gastos. Se não fosse a pandemia, estaríamos voando na economia. A inflação atingiu todo mundo, mas a melhor maneira de buscarmos a normalidade e baixar a inflação é o livre mercado.

"Não existe nenhuma vontade de demiti-lo. Vamos supor que eu mande embora o Paulo Guedes. Vou colocar quem lá? Teria de colocar alguém da linha contrária à dele, por que senão seria trocar seis por meia dúzia"

Mas o senhor vê perspectiva de melhora, presidente? Sim, sim. Como temos ainda um ano para a eleição, as decisões que devem ser tomadas ainda não estão contaminadas por interesses eleitorais. O Paulo Guedes tem dito que a eleição estimula você a gastar para buscar a reeleição. Estimula você a fazer certas coisas que você não quer, para buscar a reeleição, isso aí é natural do ser humano. E nós não furamos teto, não fizemos nada de errado no tocante a isso aí.

PANDEMIA Sala de UTI de hospital com doentes de Covid: na visão de Bolsonaro, a cloroquina é eficiente contra a doença

SILVIO AVILA/AFP

Presidente, é 100% de certeza que o senhor vai disputar a reeleição, instrumento que foi contra no passado? Se não for crime eleitoral, eu respondo: pretendo disputar.

Já tem partido e um nome para disputar a chapa como candidato a vice-presidente? Olha só, seu eu vier candidato, não vai mais se repetir o que aconteceu em 2018. O vice tem que ter algumas características, tem que ajudar você. E tem que ajudar no tocante ao voto também. Então, o pessoal diz pra mim: "Ah, o vice ideal é de Minas ou do Nordeste". Então, tudo isso a gente vai botando na mesa. O Mourão, por exemplo, eu acho que não está fechada a porteira para ele ainda. Agora, o Mourão não tem a vivência política. Praticamente zero. E depois de velho é mais difícil aprender as coisas. Mas no meu entender, seria um bom senador. Sobre o partido, eu não vou fugir de estar no PP, PL ou Republicanos. Não vou fugir de estar com esses partidos, conversando com eles. O PTB ofereceu pra mim também.

"Pergunto: a CoronaVac tem comprovação científica? Não tem. Tomar vacina é uma decisão pessoal. Minha mulher, por exemplo, decidiu tomar nos Estados Unidos. Eu não tomei"

As pesquisas mostram que, se as eleições fossem hoje, o senhor perderia para o ex-presidente Lula. Pesquisa é uma coisa, realidade é outra. O que o outro lado faz?: "Oh, no meu tempo o gás estava tanto, a carne estava tanto". Eles ficam jogando isso aí, ele pegou uma economia de certa forma arrumada do Fernando Henrique Cardoso. Nós estamos arrumando a casa, engordando o porquinho, espero que o lobo mau não coma o nosso porquinho. A gente quer o bem do Brasil. O outro gastava horrores, não tinha teto de gastos, não tinha problemas com o Parlamento, dava menos dor de cabeça para eles, loteou tudo. Hoje é completamente diferente, estou demorando um recorde de tempo para sabatinar o André Mendonça, coisa que não acontecia no passado. Era um relacionamento Executivo-

Legislativo bem diferente do que é hoje. Aqui não tem loteamento.

O ex-presidente Lula é um adversário preferencial? Não dou bola para isso. Eu, poxa, por Deus que está no céu, é uma desgraça essa minha cadeira, você não tem paz, cara. A única satisfação que eu tenho, uma das poucas, é saber que não tem um comunista sentado naquela cadeira, só essa.

Presidente, o senhor foi eleito deputado federal cinco vezes com a urna eletrônica e foi eleito presidente do Brasil com a urna eletrônica. O que faz o senhor não acreditar nesse sistema? Por que os bancos investem dezenas de milhões para cada vez mais evitar que hackers entrem e façam um estrago em seu banco? A tecnologia muda. O que estou pedindo? Transparência. Muita gente diz: "Eu não vou votar porque o meu voto não vai ser contado para quem eu votei". Uma vez conversei com o ministro Luiz Fux, presidente do STF, sobre esse assunto. Ele ia implementar 5% do voto impresso no Brasil. 5% do voto impresso, ao lado da urna eletrônica. E depois o Supremo pulou para trás e disse que é inconstitucional, não sei por quê. Se o Lula está tão bem, como diz o Datafolha, por que não garantir a eleição dele com o voto impresso?

"Essa CPI não tem credibilidade nenhuma. No auge da pandemia, esses caras ficaram em casa, de férias, em home office, cuidando da vida deles"

A decisão sobre o voto impresso já foi tomada pelo Congresso. O senhor vai aceitar? Olha só: vai ter eleição, não vou melar, fique tranquilo, vai ter eleição. O que o Barroso está fazendo? Ele tem uma portaria deles, lá, do TSE, onde tem vários setores da sociedade, onde tem as Forças Armadas, que estão participando do processo a partir de agora. As Forças Armadas têm condições de dar um bom assessoramento. Com as Forças Armadas participando, você não tem por que duvidar do voto eletrônico. As Forças Armadas vão empenhar seu nome, não tem por que duvidar. Eu até elogio o Barroso, no tocante a essa ideia — desde que as instituições participem de todas as fases do processo.

O senhor apresentou MP para restrição de combate a *fake news*

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

CPI DA PANDEMIA Aziz e Renan: para o presidente, ambos fazem acusações sem provas para tumultuar o cenário

e depois um outro projeto. Qual a urgência desse assunto? A urgência é dado o que está acontecendo no Brasil, os inquéritos de *fake news*, por exemplo. Onde está a linha sobre o que se pode ou não publicar. O que está ali são dispositivos da Constituição. Você só pode ter a página da internet retirada depois do contraditório e de uma ação judicial. Não se pode monocraticamente excluir ninguém com uma canetada... Estão nos acusando de *fake news*. O que a esquerda faz? O pessoal faz jogo de futebol com minha cabeça de borracha. Por que não tomar providência contra essas pessoas também? Só para cima da gente? O objetivo das mídias sociais é liberdade. Você vai deixar de frequentar minha página no Facebook se eu escrever besteira, vai descurtir e tem que ser assim.

A crise com o Judiciário está superada? Não sou o Jairzinho paz e amor, mas a idade dá certa maturidade. Depois das manifestações de 7 de setembro, houve a reação do STF. Teve o telefonema do Temer, ele falou para mim: "O que a gente pode fazer para dar uma acalmada?". Respondi que o que eu mais queria era acalmar tudo. Acabou o 7 de Setembro, é um movimento, talvez um dos maiores do Brasil, o povo está demonstrando espontaneamente o que quer, como liberdade. Então ele *(Temer)* falou que tinha umas ideias. "Você pode falar para mim?" "Eu prefiro conversar pessoalmente." "É um prazer." Mandei um avião da Força Aérea trazer ele para cá, ele trouxe uns dez itens, mexemos em uma besteirinha ou outra, duas ou três com um pouquinho mais de profundidade, estava bem-feito, casou com o meu pronunciamento e divulguei.

Parte de seus apoiadores criticou muito o que foi interpretado como um recuo. Esperavam que eu fosse chutar o pau da barraca. Você imagina o problema que seria chutar o pau da barraca. Eu não convoquei a manifestação. Eu vinha falando que estamos lutando por liberdade e comecei a falar uns quinze dias antes que estaria na Esplanada e em São Paulo. Mas em São Paulo, quando eu falei em negociar, eu senti um bafo na cara. Extrapolei em algumas coisas que falei, mas tudo bem.

FACEBOOK @LULA

ELEIÇÕES Lula: embora a polarização com o PT beneficie Bolsonaro, o presidente diz que não escolhe adversário e que sua única satisfação é não ter um "comunista" sentado em sua cadeira de presidente da República

"Nós estamos arrumando a casa, engordando o porquinho. Espero que o lobo mau não coma o nosso porquinho. A gente quer o bem do Brasil"

O que significa "chutar o pau da barraca"? Queriam que eu fizesse algo fora das quatro linhas. E nós temos instrumentos dentro das quatro linhas para conduzir o Brasil. Agora todo mundo tem que estar dentro das quatro linhas. O jogo é de futebol, não é de basquetebol. Não vou mais entrar em detalhes porque quanto mais pacificar melhor. ■

O PARTIDO DOS ARREPENDIDOS

O DEM e o PSL avançam em fusão para criar a maior legenda do país e viabilizar uma opção mais à direita na corrida ao Planalto para os desiludidos com Bolsonaro **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS**

A SELVA político-partidária brasileira, com 33 legendas registradas no Tribunal Superior Eleitoral, deve em breve perder duas delas, importantes, mas ganhar uma outra, gigante: a que sairá da fusão entre o Democratas e o Partido Social Liberal, que terá a maior bancada da Câmara (82 deputados, quase trinta a mais que o segundo colocado PT, com 53) e perto de meio bilhão de reais em dinheiro público para financiar o seu jogo político em 2022. Resultante do casamento entre um partido oriundo da ditadura, o DEM (herdeiro da Arena), e outro anabolizado pelo bolsonarismo, o PSL, a nova agremiação, se confirmada, surgirá como alternativa a eleitores de direita e centro-direita a desiludidos com Jair Bolsonaro, mas que ainda não se identificaram com as alternativas colocadas para a eleição presidencial. Segundo pesquisa Datafolha feita entre os dias 13 e 15 de setembro, 26% das pessoas que votaram em 2018 no atual presidente o rejeitariam no próximo ano e 66% delas não querem nem ouvir falar do ex-presidente Lula, por ora o favorito.

Com um movimento dessa envergadura na véspera do principal processo eleitoral brasileiro, a nova sigla desponta como uma importante peça no xadrez ainda em construção da disputa pela Presidência. Antes de a fusão se concretizar, o PSL tem como presidenciável o apresentador José Luiz Datena (4 pontos na pesquisa), enquanto o DEM trabalha a candidatura do ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta (entre 3 e 4 pontos). Mas, diante dos flertes de Gilberto Kassab para roubar Rodrigo Pacheco (DEM-MG) e colocá-lo como cabeça de chapa ao Palácio do Planalto pelo PSD, o presidente do Senado começa a ser tratado como o "plano A" da futura sigla — a expectativa dos caciques é que o patamar da nova legenda o convença a ficar. Já Datena, que passou por DEM e MDB sem entrar nas disputas de 2018 e 2020, diz ter ido para o PSL em julho deste ano com a garantia de concor-

BRUNO ROCHA/FOTOARENA

O NOVO GIGANTE PARTIDÁRIO

A sigla terá quase meio bilhão de reais de dinheiro público

CACIQUE Bivar: o ex-aliado do presidente deve ser o chefe da agremiação

BETTO JR.

BEM NA FOTO ACM Neto: o presidente do DEM terá posição estratégica na sigla

rer à Presidência. Se o partido recuar, o apresentador, que acha Pacheco e Mandetta apenas bons vices, diz não ver motivo para seguir na sigla e concorrer ao Senado ou governo de São Paulo. "Pelo PSL, com ou sem fusão, só sou candidato a presidente. Se não me quiserem, posso ajudar em uma chapa que acredito que pode vencer, como a do Ciro Gomes", diz o jornalista, sondado para ser vice no PDT.

Mesmo com eventuais defecções, como a saída do instável Datena, o casamento entre as duas legendas é o que se pode chamar de "ganha-ganha". O PSL entra com a condição de novo-rico que passou a ostentar após ser inflado pelo furacão bolsonarista de 2018, e o DEM — que vivia um encolhimento gradativo (foi de 198 deputados em 1998 para 29 na última eleição) — adquire maior relevância e empresta os seus nomes com mais peso político, além da capilaridade da legenda, que tem cinco vezes o número de prefeitos do aliado *(veja o quadro abaixo)*. "O DEM tem quadros qualificados, propicia muito mais alternativas que o PSL", afirma o deputado Luciano Bivar (PE), que preside o PSL. Os mandachuvas que comandam a negociação ressaltam também as afinidades programáticas, como a defesa do liberalismo econômico, que embalou o discurso de Bolsonaro, mas que foi abandonada por

4 GOVERNADORES

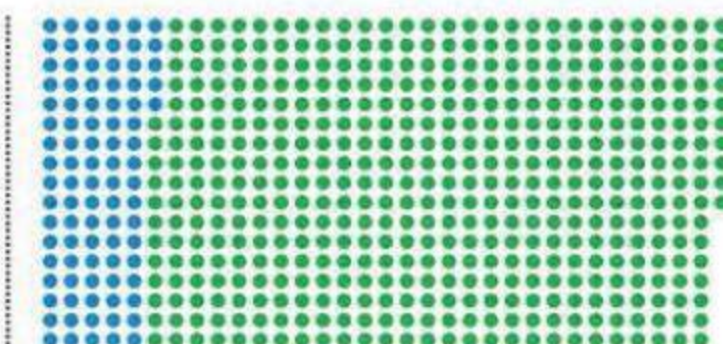
PSL **2** + DEM **2**

Tocantins e Rondônia — *Goiás e Mato Grosso*

554 PREFEITOS

10% do total do país (resultado da eleição de 2020)

PSL **90** + DEM **464**

Fonte: *Tribunal Superior Eleitoral (TSE)*

ele. Citam ainda a necessidade de adaptação às novas regras, sobretudo o veto às coligações proporcionais, ponto sensível na eleição de deputados federais, que servem como base para a distribuição de dinheiro e tempo de propaganda na TV.

Prevista para se desenrolar entre os partidos até outubro, com cerca de três meses para aprovação no TSE, a fusão deu o seu primeiro passo formal na terça 21 com a aprovação, por unanimidade na Executiva do DEM, da convocação de uma convenção no próximo mês. As negociações caminham para que Bivar presida a sigla, com ACM Neto, hoje cacique-mor do DEM, como secretário-geral. A operação é conduzida por homens de confiança da dupla, como o vice-presidente do PSL, Antonio Rueda, e o líder democrata na Câmara, Efraim Filho (PB). "Juntos, podemos ter papel de protagonismo, com a perspectiva de eleger o maior número de governadores e manter a maior bancada", diz Efraim.

A remoção da identificação com o bolsonarismo é um dos desafios da fusão. O nome e o número da legenda que nascerá serão decididos com base em pesquisas, mas uma coisa é certa: a aposentadoria do 17 do PSL, que se

ANDRÉ RIBEIRO/FUTURA PRESS

DE SAÍDA Eduardo Bolsonaro: aliados do presidente devem deixar o PSL

tornou um símbolo bolsonarista. O primeiro sinal mais claro da fusão veio em uma nota conjunta dos dois partidos contra as manifestações golpistas protagonizadas pelo presidente no dia 7 de setembro. O que fazer com os apoiadores dele, no entanto, é um dos nós a ser desatados. Espera-se que os deputados dessa ala do PSL — cerca de metade da bancada, com nomes como Eduardo Bolsonaro (SP), Carla Zambelli (SP) e Bia Kicis (DF) — acompanhem o capitão em seu novo destino partidário, ainda incerto. "Não faz sentido os bolsonaristas seguirem no projeto", avisa o deputado Júnior Bozzella (SP), vice-presidente do PSL. No DEM, também há aliados do presidente, como os ministros Onyx Lorenzoni (Trabalho) e Tereza Cristina (Agricultura) e parlamentares como o senador Marcos Rogério (RO), um dos expoentes da tropa de choque governista na CPI da Pandemia. Pré-candidato ao governo do Rio Grande do Sul, Onyx pretende dar pa-

DIVULGAÇÃO

ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO

NO PÁREO Datena e Pacheco: o apresentador e o comandante do Senado estão entre os presidenciáveis de PSL e DEM

lanque ao presidente e coloca isso como condição para a sua permanência — que é vista com bons olhos por parte do DEM por se tratar de um "quadro histórico". Tereza pode concorrer ao governo de Mato Grosso do Sul. Ambos votaram favoravelmente à convenção. Rogério, dizem aliados, está inclinado a permanecer. Também há entraves locais a ser superados. Em São Paulo, por exemplo, há no DEM entusiastas da candidatura do vice-governador, Rodrigo Garcia, recém-saído do partido rumo ao PSDB, e outros que preferem atrair o ex-governador Geraldo Alckmin. Já no Rio, o deputado Sóstenes Cavalcante (DEM), ligado ao pastor Silas Malafaia, e o prefeito de Belford Roxo, Waguinho, presidente do PSL fluminense, resistem a uma união.

Superados os percalços, é certo que a fusão mexerá com a eleição, principalmente por abrir uma via mais à direita, mas sem Bolsonaro. "O potencial passa pelo fato de que o PSL, apesar de ter se associado a Bolsonaro, atraiu um eleitorado que não é necessariamente bolsonarista", avalia Rui Tavares Maluf, professor da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo — um exemplo, cita, são os apoiadores da Lava-Jato. Outro ponto, diz, é que a fusão amplifica o potencial do DEM, que já se mostrou muito viável eleitoralmente, mas nunca emplacou um projeto nacional. O impacto será maior pelo fato de que, com a disputa polarizada entre esquerda e direita, ninguém conseguiu fazer deslanchar por ora uma alternativa viável em meio a vários nomes na praça. Falta muito para 2022 e a operação DEM-PSL chega cheia de ambições e de dinheiro, podendo congestionar ainda mais o já rarefeito espaço do centro político. ■

ALON FEUERWERKER

UMA FRENTE DIFÍCIL

Alianças só se concretizam quando há uma ameaça externa maior

POR QUE os opositores não se reúnem numa frente ampla contra Jair Bolsonaro? A explicação está ao alcance. Qual dos candidatos a participar da frente vê no capitão uma ameaça significativamente maior que a representada pelos possíveis aliados táticos contra o presidente da República?

Pois seria simples de resolver.

Bastaria todos firmarem o compromisso de apoiar quem for ao segundo turno contra Bolsonaro. Se o presidente estiver no segundo turno. Poupariam tempo e energia. E cada um faria seus próprios comícios, passeatas e que tais. Sem o risco de ser apupado pelos amigos de hoje, que amanhã voltarão a ser os inimigos de ontem.

Qual é o obstáculo? Em largas parcelas do espectro político-social-empresarial apoiar Bolsonaro ou manter certa neutralidade, no primeiro ou no segundo turno, continua sendo uma opção à mesa. E alianças políticas só se consolidam quando se cristaliza a consciência, ou a circunstância, de uma ameaça externa qualitativamente maior.

"Em largas parcelas da sociedade, apoiar Bolsonaro ou manter certa neutralidade ainda é uma opção à mesa"

Um exemplo aliancista sempre lembrado é o da Frente Ampla costurada por Carlos Lacerda e Juscelino Kubitschek, que tentou atrair João Goulart. No fim, o regime militar implodiu a articulação e ela acabou sendo o canto do cisne político dos três.

Eram inimigos e só começaram a conversar sobre juntar-se quando a ameaça existencial política já tinha desabado ou estava apontada para todos eles. Lacerda fora um líder de 1964. E JK votara no marechal Castelo Branco na eleição indireta para substituir o deposto Jango.

Outro episódio de referência é a II Guerra Mundial. União Soviética, Estados Unidos e Reino Unido juntaram-se para derrotar a Alemanha. O incauto pode ser induzido a acreditar na fábula das três potências que certa hora decidiram salvar a humanidade, deixaram para depois as diferenças e deram-se as mãos na urgente tarefa comum.

O Reino Unido e a França declararam guerra à Alemanha quando esta invadiu a Polônia, mas britânicos e franceses esconderam-se numa guerra de mentirinha *(phoney war)*, ou pelo menos de baixa intensidade, até os alemães atacarem a França.

A União Soviética só passou a combater a Alemanha quando foi invadida por ela, em junho de 1941. Antes, firmara em 1939 um pacto de não agressão com Berlim, para neutralizar a pressão que britânicos e franceses faziam sobre os alemães para que estes atacassem os soviéticos. E os Estados Unidos só entraram na guerra quando atacados pelos japoneses em Pearl Harbor, em dezembro de 1941.

Súditos da rainha, liderados de Stalin e comandados por Roosevelt só se deixaram arrastar diretamente para a guerra quando se viram diante de uma ameaça existencial direta. A eles mesmos (União Soviética), a seu império (Reino Unido) ou a sua área de influência no Pacífico (Estados Unidos).

Que futuro o PT oferece ao "centro" para este fechar as portas definitivamente a Bolsonaro? E que garantias a esquerda raiz tem de vida mais fácil num governo da "terceira via"?

Dizer "vamos tirar o Bolsonaro e só depois eu corto teu pescoço" não chega a ser uma sedução irresistível. ■

ANTONIO MILENA

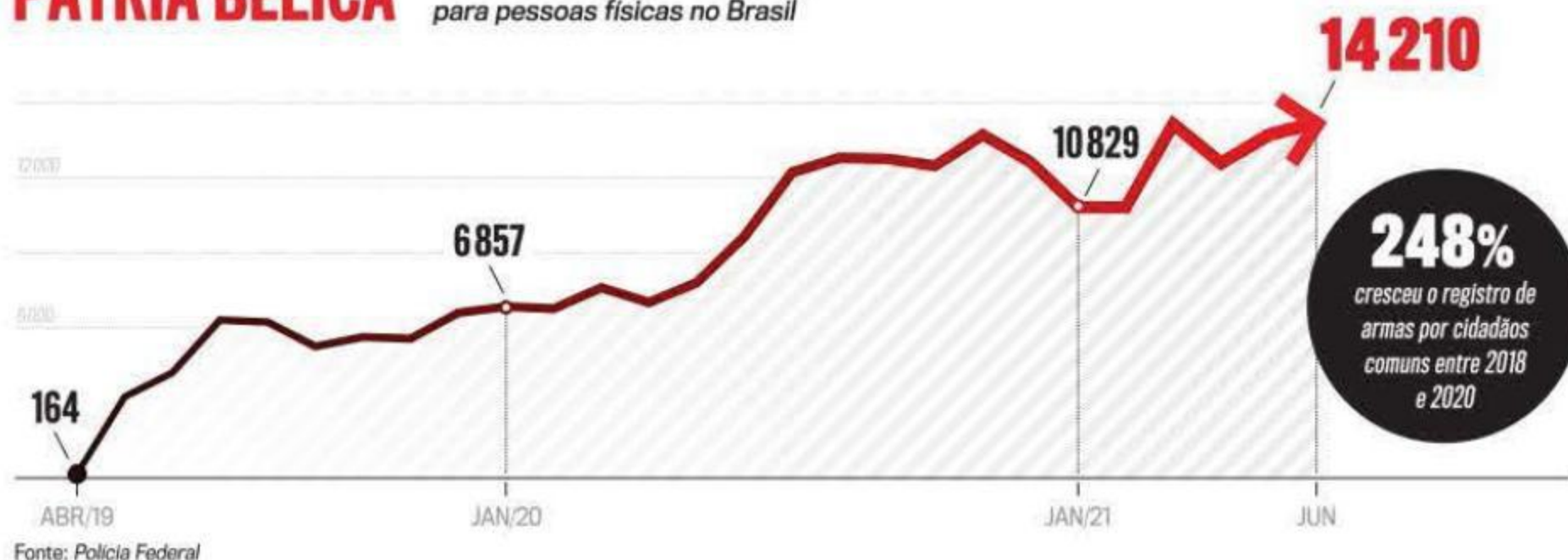
BARRIL DE PÓLVORA

Estimulado por Bolsonaro, o armamento de cidadãos comuns tem escalada no país, em especial em estados do Norte e Centro-Oeste com histórico de conflitos no campo **CAÍQUE ALENCAR**

REFLEXO DA OBSESSÃO do presidente Jair Bolsonaro em armar a população, o arsenal em poder de cidadãos comuns passa por uma escalada jamais vista na história do Brasil. Os registros na Polícia Federal mais que triplicaram sob o novo governo. Em 2018, na era Michel Temer, foram dadas 51 027 autorizações a civis, número que foi a 94 064 no primeiro ano do bolsonarismo e atingiu 177 782 em 2020. Somente nos seis primeiros meses deste ano já foram 97 243, o que mostra que o fenômeno continua. Embora tenha ocorrido de forma geral no país, a alta foi maior nas regiões Norte e Centro-Oeste. Estados como Tocantins, Mato Grosso e Mato

PÁTRIA BÉLICA

A evolução do registro de novas armas para pessoas físicas no Brasil

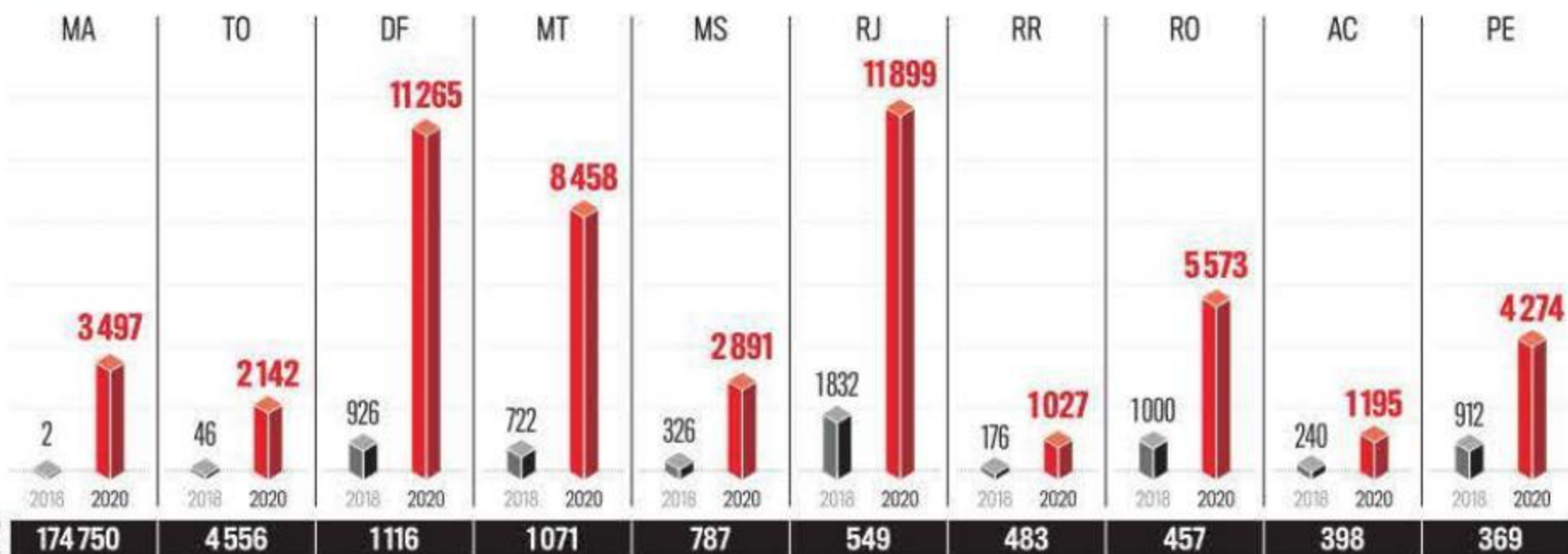
Fonte: *Polícia Federal*

VIGÍLIA
Fazendeiro com espingarda em Mato Grosso do Sul: cada um por si

Grosso do Sul destacam-se nesse ranking *(veja o quadro abaixo)*.

Fator de preocupação adicional dentro dessa política bélica bolsonarista, essas são áreas que já figuram como líderes em conflitos armados no país, devido a problemas como o acirramento das disputas por terras e a pressão exploratória por recursos naturais. Áreas indígenas costumam estar no epicentro de muitos desses conflitos e a polêmica sobre os direitos desses povos só vem aumentando e chegou a um ponto de grande tensão. Encontra-se em análise no Supremo Tribunal Federal o marco temporal que fixa que indígenas só podem reivindicar terras já ocupadas antes da Constituição de 1988 — o julgamento foi suspenso por pedido de vista do ministro Alexandre de Moraes. Uma eventual mudança tem potencial de agravar ainda mais as brigas já frequentes, dentro de um cenário de enorme deterioração dos órgãos de controle e fiscalização que ocorre neste governo. "Onde as instituições não chegam, o que vale é a lei do mais forte", afirma o economista e técnico do Ipea Daniel Cerqueira.

No discurso que entoa desde antes da eleição, Bolsonaro reserva um lugar especial para o armamento de quem vive no campo. Ele permitiu, por exemplo, aos fazendeiros andarem armados em toda a propriedade, e não apenas na sede, como antes. A política ganhou até uma ilustração no dia 28 de julho, quando, a pretexto de comemorar o Dia do Agricultor, a Presidência da República divulgou uma mensagem com a imagem de um homem portando uma espingarda em meio a uma plantação — o material foi apagado horas depois sob o argumento de que ele fazia "referência à segurança no campo", mas deu "margem a interpretações fora do contexto". De acordo com Ivan Marques, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a lógica do "cada um por si" é a mensagem incutida hoje pelo governo no coração e mente dos brasileiros, o que pode transformar em um barril de pólvora as muitas pendengas fundiárias do país. "O Brasil corre o risco de caminhar 100 anos para trás, onde nós tínhamos territórios tomados por jagunços", afirma Marques.

O alerta parece um pouco exagerado, mas encontra eco na própria PF. Segundo o delegado Pedro Ivo, titular da Delegacia de Controle de Armas e Produtos Químicos do Tocantins, é para as mãos de produtores rurais que a maioria das armas está indo. "Elas viraram a segunda paixão nacional depois do futebol", ironiza. Segundo ele, tanto o pequeno produtor quanto o latifundiário estão montando pequenos arsenais, com a diferença de que o segundo cria uma estrutura interna de segurança para defender a propriedade. A flexibilização de normas foi o principal motivo para deixar a PF de mãos atadas diante da demanda. "Não temos mais a discricionariedade *(liberdade de ação administrativa)* de exigir que o indivíduo comprove que ele tem a prerrogativa de ter arma", completa Ivo.

ONDE OS ARSENAIS MAIS CRESCERAM

ANDRESSA ANHOLETE/GETTY IMAGES

OBSESSÃO Ato no Distrito Federal: o bolsonarismo encampou a bandeira da direita mundial

MIGUEL SCHINCARIOL/AFP

EM ALTA Novos atiradores: o arsenal da população é quase o dobro do policial

No bolsonarismo, claro, a visão é outra. "É a forma que nós temos para ter o nosso patrimônio protegido onde o Estado não consegue se fazer presente", alega o deputado Nelson Barbudo (PSL-MT), o mais votado no estado, um proprietário rural que já foi alvo do Ministério Público após ameaçar invadir a terra indígena Marãiwatsédé e devolvê-la a agricultores retirados no governo Dilma Rousseff, em 2012. Outro defensor da flexibilização, o deputado José Medeiros (Podemos-MT) argumenta que é preciso se proteger de ladrões. "Não tem como tratar da mesma forma quem mora na Avenida Paulista e quem mora no interior de Mato Grosso. Tem regiões em que a delegacia mais próxima fica a 200 quilômetros", alega. Por ora, o aumento do arsenal não correspondeu a uma alta da violência, mas especialistas temem o efeito a longo prazo. "As novas armas tendem a ficar em circulação por cinquenta a sessenta anos", ressalva Ivan Marques.

As portas para essa política vêm sendo abertas por Bolsonaro desde os primeiros dias de sua gestão. Ao colocar o assunto como prioridade, o presidente foi enfileirando uma sucessão de decretos, portarias, medidas provisórias e outros instrumentos legais que simplificaram o processo para a aquisição. Entre os mais de trinta atos que o atual governo editou estão o aumento de duas para seis armas para cada cidadão, o afrouxamento do limite para munições e até a autorização para que indivíduos possam circular com duas armas na cintura (o limite era uma). Também retirou do controle do Exército itens como os pentes de munição e as miras telescópicas, além de revogar medidas que permitem rastrear a produção caseira de projéteis.

A ladainha em defesa de armas não é uma invenção de Bolsonaro nem da direita brasileira. O tema é central para esse espectro ideológico em qualquer lugar do mundo, em especial nos Estados Unidos. Lá, a ideia de que o cidadão tem direito à autodefesa está

expressa na segunda emenda da Constituição, de 1791 — ela tem origem nos *minutemen*, como eram chamados, pela rapidez com que se colocavam para o combate, os colonos que formaram brigadas para lutar pela independência. Não por acaso, os bolsonaristas vivem citando os Estados Unidos como sua inspiração no assunto.

Para o presidente, o tema ajuda a mobilizar a militância radical. Na célebre reunião ministerial de abril de 2020, ele justificou a insistência no assunto com uma teoria conspiratória: "É por isso que eu quero que o povo se arme! É a garantia de que não vai ter um 'fdp' para aparecer e impor uma ditadura aqui". Uma estimativa dos institutos Sou da Paz e Igarapé mostra que no fim do ano passado havia 1,15 milhão de armas nas mãos de cidadãos, quase o dobro das 629 000 em poder das Polícias Militares. "Isso pode acabar gerando milícias favoráveis ao governo. É muito ruim do ponto de vista da democracia", diz o cientista político Leandro Consentino, professor do Insper.

Essa sanha armamentista, porém, pode sofrer um revés. O STF iniciou um julgamento com potencial para derrubar de vez quatro decretos, cuja eficácia já foi suspensa por liminar da ministra Rosa Weber. Seu voto foi referendado por Moraes e Edson Fachin, mas, na sexta 17, Nunes Marques, indicado por Bolsonaro, pediu vista e parou o processo. Cedo ou tarde, porém, a Suprema Corte vai retomar o assunto, sendo que a maioria dos integrantes é contrária à política bélica. Para um governo que gastou enorme energia para fazer do armamento da população uma de suas pouco bem-sucedidas políticas públicas, será um verdadeiro tiro no pé. ■

NINGUÉM MANDA NO PAÍS

Somos uma sociedade plural onde atuam diversos polos de poder

AS TURBULÊNCIAS institucionais recentes provocaram temores no país quanto a potenciais rupturas e episódios de violência. No desenrolar dos acontecimentos, o presidente do STF, Luiz Fux, apresentou um cartão amarelo com tons de laranja que precipitou uma série de embaixadas entre atores políticos relevantes. O dito ficou pelo não entendido ou pelo mal-entendido.

Uma reflexão acerca dos episódios de 7 de setembro nos leva a uma questão essencial para entender o Brasil: quem, de fato, manda no país? A resposta não é fácil nem pacífica. Isso porque aqui há setores que mandam, mas não parecem mandar; e outros que pensam mandar, mas não mandam. Além do mais, o próprio conceito de "mando" é frágil.

Começando de trás para a frente e respondendo à indagação, digo que ninguém manda no Brasil. O país, como um organismo vivo, reage e atua com base em dezenas de inputs que levam a decisões que, por sua vez, são influenciadas pelos eventos. Sendo organismo vivo, temos inúmeros atores no jogo político.

E, como sempre, os fatos geram repercussões que se refletem no processo político, numa espécie de moto contínuo. Por exemplo, o acirramento das invasões de fazendas estimulou a organização da União Democrática Ruralista, entidade de proprietários que, por sua vez, foi essencial para a criação da poderosa bancada ruralista. Não há tema relevante aprovado no Congresso Nacional sem as digitais do agro.

O entrechoque de forças sociais move a política, bem como as idiossincrasias, as crenças, as expectativas e as narrativas que circulam, historicamente, país afora. Para entender por que ninguém manda no Brasil e por que o processo político é resultante do embate com múltiplos atores, devemos seguir um breve roteiro de esclarecimentos.

Somos uma sociedade plural com diversos polos de poder, seja no universo público, seja no privado. Os campos de disputa política não afloram só em período de eleições. Prosseguem cotidianamente no Congresso, na mídia, no Judiciário, no mercado e suas expressões (bolsa, câmbio e juros futuros), no empresariado, nos trabalhadores, nas organizações não governamentais, nas redes sociais e, eventualmente, nas ruas. Apesar do intenso bombardeio ideológico do século XX, a maioria dos polos de disputa política se expandiu em torno de agendas de interesses específicos em uma luta por privilégios e poder.

> "Nossas instituições funcionam com pesos e contrapesos para conter exageros, arroubos e bravatas"

A quantidade de polos de poder político e de campos de disputa multiplica os lugares de fala e dificulta a construção de narrativas hegemônicas. A própria construção de consensos é dolorosa, tanto para aperfeiçoamentos quanto para retrocessos. Nossas instituições, como nos acontecimentos de 7 de setembro, funcionam com pesos e contrapesos para conter exageros, arroubos e bravatas.

Em 2023, seja lá quem for o presidente eleito, o quadro institucional prosseguirá o mesmo. E ninguém, de forma isolada, mandará no Brasil nem romperá o equilíbrio "desequilibrado" entre as suas instituições. Prosseguiremos como um regime semiparlamentarista com forte influência do Judiciário, descobrindo-se como federação e com múltiplos atores brigando por espaço e influência no processo político. ■

O SIGNO DA INTOLERÂNCIA

A rotina de agressões e ameaças contra a deputada que, coerente com suas convicções, contraria interesses dos radicais da esquerda e da direita **LARYSSA BORGES** E **FELIPE MENDES**

HUMBERTO PRADERA/PSB NACIONAL

ALVO DE ATAQUES Tabata: "Fico triste em ver as pessoas se calarem"

EM SEU PRIMEIRO mandato como deputada federal, Tabata Amaral já experimentou situações de extremo constrangimento. Na reforma da Previdência, ela contrariou a orientação do seu então partido, o PDT, e votou a favor das mudanças que permitiram ajustar um sistema que caminhava para o colapso — e foi massacrada nas redes sociais pela militância de esquerda. Antes disso, Tabata também já havia entrado na lista negra dos bolsonaristas ao travar um duro embate com o então ministro da Educação, Ricardo Vélez, a quem acusou de despreparo e incapacidade para exercer o cargo. O massacre nas redes sociais, dessa vez, foi promovido pela militância da direita radical. O volume e a dimensão das ameaças contra a parlamentar chegaram a ponto de ela ser orientada a circular em carro blindado e com proteção policial. Mas nenhuma agressão foi tão explícita, grosseira e também simbólica como a que aconteceu no último fim de semana.

Em uma mensagem disparada para seus mais de 470 000 seguidores, o ator José de Abreu xingou Tabata de "canalha". Não satisfeito, ele ainda compartilhou a postagem de um cidadão que ameaçava socar a congressista caso a encontrasse na rua. Tudo porque a deputada deu uma entrevista criticando a polarização entre petistas e bolsonaristas. Diante da má repercussão nas redes, José de Abreu tentou explicar que reproduzir o texto não significava endosso à ameaça, mas o estrago já estava feito. O episódio também revelou que a indignação de alguns setores da sociedade diante de agressões dessa natureza é, para dizer o mínimo, bastante seletiva. Na terça-feira 21, durante um depoimento na CPI da Pandemia, a sena-

VALENTÃO José de Abreu: no Twitter, o ator petista chamou a deputada de "canalha" e reproduziu mensagem com ameaças de agressão

dora Simone Tebet (MDB-MS) foi chamada de "descontrolada" pelo ministro Wagner Rosário, controlador-geral da União. A reação das parlamentares da bancada feminina — corretíssima, diga-se — foi implacável. No caso de Tabata, predominou o silêncio cúmplice. Procurados, o PDT, que tem o presidenciável Ciro Gomes como estrela principal e suspendeu a deputada de seus quadros após a reforma da Previdência, e o PT, partido a que José de Abreu se filiou em 2013, nem sequer comentaram o caso.

Tabata Amaral, que tem apenas 27 anos, integra hoje um grupo de alvos que redes sociais como o Facebook consideram permeáveis a agressões mais violentas. Menções criminosas a ela são reunidas periodicamente por uma equipe da plataforma. O time de assessores da parlamentar também compila diariamente as postagens com ataques e encaminha o material para a polícia. O monitoramento detectou certo padrão nas mensagens intimidatórias: elas são majoritariamente publicadas em perfis no Twitter e incentivam agressões e espancamentos, como a que foi retuitada por José de Abreu. Os ataques via redes sociais ganham envergadura sempre que Tabata se posiciona contra pautas simpáticas a Jair Bolsonaro, como a flexibilização do disparo de *fake news* e a adoção do voto impresso, ou a favor em votações de temas sensíveis à esquerda, como a reforma da Previdência e o projeto de autonomia do Banco Central.

Na terça-feira 21, a deputada se filiou ao PSB. Na solenidade, em Brasília, o destempero de José de Abreu até permeou rodas de conversa entre os convidados, mas não foi enfrentado abertamente pela cúpula do partido. Nos discursos de boas-vindas de caciques como Carlos Siqueira, presidente da legenda, e Márcio França, coordenador da sigla em São Paulo, o caso foi ignorado. É uma passividade tática. O PSB, afinal, tende a apoiar o PT de José de Abreu nas eleições presidenciais do ano que vem e não quer criar rusgas que possam comprometer uma futura parceria. O silêncio conivente — e conveniente — foi quebrado apenas pela secretária nacional de Mulheres do PSB Dora Pires, que criticou a inação de seus correligionários. "Até agora a gente não se uniu para fazer uma defesa decente da Tabata", protestou. Em entrevista a VEJA, Tabata falou sobre o episódio: "Fico triste em ver pessoas que se apresentam como feministas, que dizem lutar contra o machismo, contra a violência política e de gênero, se calarem completamente, ou porque não gostam de mim, ou porque gostam do Zé de Abreu. Isso é muita hipocrisia. O combate ao machismo deve ser firme, independente de quem seja o alvo". Em tempo: Tabata é incentivadora de uma candidatura da chamada terceira via e, por causa disso, contra o alinhamento automático de seu partido a Lula e ao PT. Para ela, Jair Bolsonaro é o adversário principal a ser batido em 2022. Apoiar Lula, só em último caso.

No dia da filiação ao PSB, o prefeito do Recife, João Campos, namorado da congressista, destacou que Tabata Amaral "nunca pensou em desistir" da vida pública. Não é bem assim. Quando os ataques contra ela atingiram níveis considerados absurdos e perigosos — cartas com ameaças de morte, mensagens com sugestões de estupro e a invasão de e-mail de familiares —, ela confidenciou a apoiadores que cogitou renunciar ao mandato e deixar Brasília para trás. Hoje diz ter aprendido a lidar com as intimidações: "Descobri que a vida pública não é uma Disneylândia" — e não é mesmo, embora algumas celebridades insistam em interpretar na vida real personagens da Disney, como Gaston, o valentão machista, preconceituoso e inculto do filme a *Bela e a Fera*. ■

Colaborou Victor Irajá

FACEBOOK @ENJOYPUNTA

MODELO Cassino em Punta del Este: por ano, 200 000 brasileiros arriscam a sorte em destinos turísticos do exterior

CARTAS NA MESA

Em meio à crise econômica, a liberação dos cassinos volta à discussão e a aposta é de que nem os evangélicos vão ser mais contra os lucros que podem vir da jogatina **REYNALDO TUROLLO JR.**

O GOVERNO FEDERAL jogou com a sorte ao fazer uma gestão desastrada da pandemia, não realizar reformas necessárias e menosprezar os riscos de um novo apagão energético. Como resultado dessas e de outras trapalhadas (incluindo-se aí as turbulências geradas pelo comportamento errático de Jair Bolsonaro), as projeções de crescimento para o PIB vão encolhendo. Diante de um cenário que ameaça enterrar os sonhos da reeleição do presidente, buscam-se hoje em Brasília desesperadamente ações capazes de ajudar a reverter o quadro. A aposta que ganhou força nas últimas semanas foi a de tirar da gaveta o projeto de liberação de jogos. Embora conte com a simpatia do próprio Bolsonaro, a ideia nunca saiu do papel devido às resistências dos parlamentares evangélicos. Agora, diante do agravamento da crise econômica, acredita-se ser possível finalmente vencer a oposição com a promessa de que o negócio pode trazer a curto prazo novos investimentos e receitas a partir da tributação das apostas.

Quem decidiu colocar essas cartas na mesa agora foi o Centrão. Principal

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

BOA INICIATIVA Lira: criação de grupo de trabalho para atualizar texto antigo

SAULO ROLIM/PODEMOS19

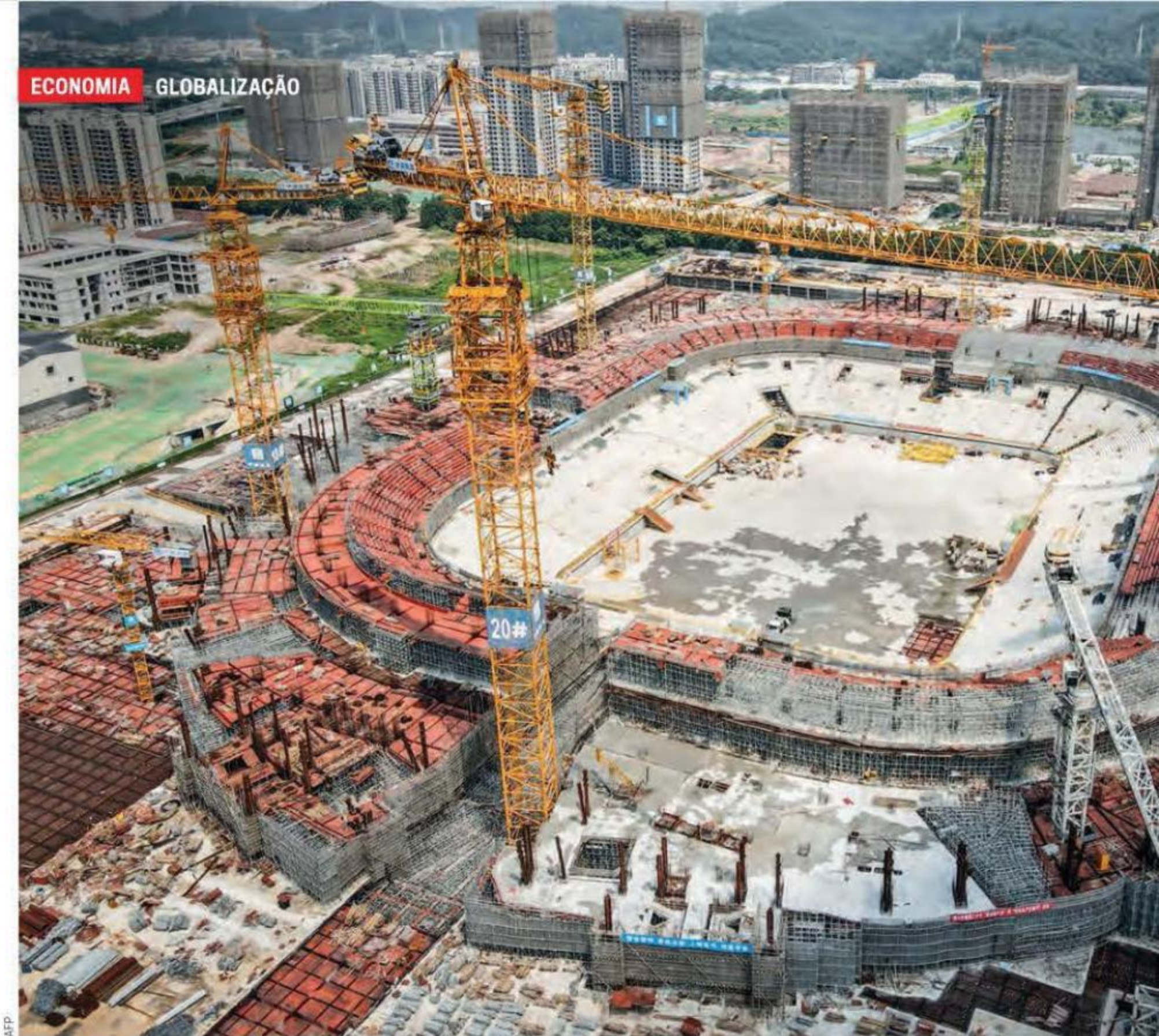
ARGUMENTO Bacelar: "Podemos nos dar ao luxo de abrir mão de 20 bilhões?"

base aliada do governo hoje, o grupo tem um peso enorme nas decisões no Congresso e não costuma brincar quando entra no jogo. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), criou um grupo de trabalho no último dia 9 para atualizar um texto que, desde 2016, aguarda votação. Formada por dez deputados pró-jogatina, a equipe conta com o apoio de ministros e do filho mais velho do presidente, o senador Flávio Bolsonaro (Patriota-RJ). Em setembro de 2020, o Zero Um se declarou entusiasta dos cassinos: "O que nós ouvimos em Las Vegas é que há um grande interesse de que esses grandes players do turismo invistam pesado nessa área, em especial em estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Amazonas".

Parlamentares favoráveis à liberação têm outros aliados de peso. O ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP-PI), por exemplo, é autor de um projeto no Senado similar ao que está na Câmara. As equipes dos ministros da Economia, Paulo Guedes, e do Turismo, Gilson Machado, também têm feito lobby a favor. Embora a bancada evangélica seja historicamente contrária à ideia, o grupo de trabalho coordenado pelo deputado Bacelar (Podemos-BA) tem mantido diálogo com os religiosos e acredita que muitos já mudaram de opinião. Ele cita o exemplo do ex-prefeito do Rio Marcelo Crivella, pastor licenciado da Universal que era favorável à liberação dos jogos para ajudar as contas do município. "Hoje, só uma minoria continua criticando", acredita Bacelar.

O objetivo é votar o projeto até o fim deste ano. De autoria do deputado Guilherme Mussi (PP-SP), o texto, que substitui o original de 1991, estipula que a União seja responsável pela concessão e fiscalização dos cassinos. Os estados cuidariam do jogo do bicho, e os municípios, por sua vez, ficariam com os bingos. A atualização do texto em discussão deve incluir a previsão de destinação dos impostos arrecadados com a jogatina — uma cifra anual estimada em 20,4 bilhões de reais. Uma possibilidade, segundo Bacelar, é que boa parte vá para a promoção do turismo. "Um país em que a inflação voltou, em que a miséria aumentou, pode se dar ao luxo de abrir mão de 20 bilhões?", diz.

Para tirar o projeto do papel, uma das principais polêmicas que o grupo enfrentará se refere ao modelo de implantação dos cassinos. O texto atual prevê que eles somente poderão existir integrados a resorts. Isso agrada aos grandes investidores estrangeiros, que poderão monopolizar o mercado. Mas empresários e lobistas brasileiros já pressionam para incluir no pacote os cassinos turísticos, que possam operar independentemente de resorts, funcionando como geradores de demanda para os hotéis já estabelecidos. Detalhes à parte, a iniciativa em curso tem o mérito de acabar com uma das maiores hipocrisias nacionais. A proibição nunca impediu a proliferação de apostas de todos os tipos e a instalação de milhares de máquinas caça-níqueis por aqui. Países como Portugal são exemplos de como a legalização desse mercado ajuda a gerar receitas, criar empregos e fomentar o turismo. Basta colocar as cartas na mesa. ■

AFP

A IMPLOSÃO DE UM COLOSSO

O colapso da gigantesca construtora Evergrande, a segunda maior da China, pode provocar uma crise de impacto global e preocupa particularmente o Brasil

CARLOS EDUARDO VALIM, LUISA PURCHIO E **FELIPE MENDES**

FIM DE LINHA Novo estádio de Guangzhou: uma das 778 obras paralisadas em 223 cidades da China

MIKHAIL METZEL/TASS/GETTY IMAGES

MÃO DE FERRO Xi Jinping: interferência cada vez maior nas empresas

A construtora chinesa Evergrande, a segunda maior do país, experimenta uma inusitada simbiose com a cidade de Shenzhen, onde fica sua sede. Assim como a antiga vila de pescadores que virou uma das mais cintilantes metrópoles asiáticas em menos de quatro décadas, a empresa fundada em 1996 se tornou um colosso. Impulsionada por projetos faraônicos, um mercado imobiliário em crescimento exponencial e um fluxo de recursos aparentemente infinito, a Evergrande inflou de tamanho e, contrariando a crença de que era grande demais para quebrar, bateu nos últimos dias às portas da insolvência. Com uma dívida na casa dos 300 bilhões de dólares, disseminou um sentimento de pânico mundo afora, com ondas de choque em setores tão diversos quanto o de finanças globais e exportação de commodities.

Com 778 canteiros de obras em 223 cidades, a Evergrande parou na semana passada. Comandada pelo bilionário Xu Jiayin, dono de uma fortuna estimada em 9 bilhões de dólares, a construtora vinha sangrando forte nos últimos meses. Desde 2020, suas ações tiveram queda acima de 90%, para 4,5 bilhões de dólares. Ao todo, cerca de 80 000 chineses ajudaram a financiar a companhia em dificuldade (boa parte deles funcionários). Grandes nomes das finanças do Ocidente, como Allianz, Ashmore, BlackRock, UBS e HSBC, também aportaram dinheiro. Na última semana, a empresa deu mostras de que não terá como honrar sua dívida, começando pelos 980 milhões de dólares de juros com vencimento até o fim do ano. "Os chineses já sabiam que havia problemas sérios com a empresa desde outubro, quando as ações da Evergrande deram a primeira 'barrigada'. O resto do planeta, no entanto, só despertou para o problema agora", diz Pablo Spyer, sócio da XP.

Na segunda-feira 20, as bolsas de valores do mundo todo registraram uma das maiores quedas coordenadas desde a eclosão da pandemia da Covid-19, no início do ano passado. O abalo é resultado do temor de que a derrocada da Evergrande seja o prenúncio do estouro de uma bolha imobiliária chinesa, preconizado há quase uma década. Trata-se de uma hecatombe com potencial de abalar produtores e exportadores de matérias-primas como ferro, carvão, aço, cobre, zinco, níquel e alumínio, com efeitos dramáticos principalmente sobre os países emergentes. No Brasil, a perspectiva de tamanho risco foi suficiente para, em um dia, derrubar em 2,33% o Ibovespa e 3,30% do valor da mineradora Vale, que tem a China como seu principal cliente. Nos três dias seguintes, o Ibovespa voltou ao patamar anterior.

Uma frase recorrente entre especialistas em finanças globais diz que quando a China espirra, o mundo fica doente. No caso do Brasil, a situação é particularmente preocupante. O banco americano Wells Fargo apontou a economia brasileira entre as mais vulneráveis a uma desaceleração da potência asiática, ao lado da de Singapura, África do Sul, Chile, Coreia do Sul e Rússia. Altamente dependente do

MARY ALTAFFER/AP/IMAGEPLUS

TRISTE LEMBRANÇA A quebra do Lehman Brothers, em 2008: a situação atual será tratada de forma diferente

comércio com a China, o Brasil pode ter seu índice de crescimento comprometido por uma eventual crise do outro lado do mundo, uma vez que as compras chinesas variam de 2% a 6% do PIB nacional. Outra agravante é que, se uma crise chinesa realmente acontecer, os investidores internacionais tendem a ficar mais avessos a riscos, prejudicando ainda mais o país, que já enfrenta queda na taxa de investimento estrangeiro.

A crise provocada pela Evergrande trouxe a financistas de todo o mundo uma sensação de déjà-vu associada ao estouro da bolha imobiliária americana em 2008, provocado pela quebra do banco Lehman Brothers. Ambas as situações têm de fato semelhanças, mas existe uma diferença fundamental. O mercado de títulos imobiliários tóxicos que foi à ruína nos Estados Unidos é produto de uma economia puramente capitalista. Na China, as digitais do Partido Comunista estão por toda parte em negócios que, mesmo com dimensões titânicas, têm pouquíssima transparência para os padrões ocidentais. Ao mesmo tempo que manifesta a intenção de deixar a Evergrande naufragar para dar o exemplo de que não vai tolerar casos similares, também não pode deixar a economia sofrer sem intervir fortemente.

CVRD/DIVULGAÇÃO

IMPACTO Mina da Vale: companhia exposta à queda das vendas para a China

Uma crise generalizada no mercado imobiliário chinês traz riscos de tensões sociais bem no momento que Xi Jinping, o líder do país, promove uma grande reforma para concentrar mais poderes e alterar a natureza do crescimento do PIB chinês. Nas últimas décadas, a China estimulou o

maior êxodo rural da história da humanidade para as suas grandes cidades, fluxo que lentamente vem se revertendo nos últimos meses, na esteira da pandemia. Para dar fim à forte dependência do crescimento baseado em dívida e na construção civil, o governo de Xi instituiu em 2020 três métricas de endividamento máximo que as incorporadoras precisavam respeitar. A Evergrande falhou em todas. Para piorar a situação da empresa, a crise da Covid-19 causou uma queda de 3,2% no setor imobiliário chinês entre janeiro e agosto, diante do mesmo período do ano passado. Xi Jinping chegou a declarar que casas são feitas para morar e não para especular. "Tenta-se atualmente fazer uma melhor distribuição de renda na China e aumentar o consumo. O problema é que isso aumenta a intervenção estatal", diz Welber Barral, estrategista de comércio exterior do Banco Ourinvest.

Para solucionar a crise e acalmar os mercados mundo afora, o governo chinês estuda a possibilidade de uma implosão controlada da Evergrande. A forma como isso aconteceria não está clara ainda, mas uma possibilidade seria punir a empresa e seus executivos, salvar o que fosse possível da companhia e repassar seus contratos para construtoras menores — o estatal Banco do Povo da China já anunciou a injeção de 37 bilhões de dólares no sistema financeiro. Isso afastaria riscos imediatos decorrentes da quebra de um colosso como a construtora de Shenzhen. Mas não eliminaria a possibilidade de novos problemas que provoquem o estouro da bolha chinesa e a contaminação da economia global. O mundo segue atento aos espirros do gigante. ■

COMO A ECONOMIA CRESCE

A inovação e a difusão de conhecimento são o âmago do processo

NO SÉCULO XVI, dizia-se que a prosperidade dependia da intervenção do Estado e das forças do mercado. O nome da ideia era "mercantilismo". Pensava-se que a riqueza viria da acumulação de ouro e prata. Nações que não tivessem acesso a minas deviam exportar mais do que importar, pois o saldo era pago naqueles metais.

Já os fisiocratas, economistas franceses do século XVIII, acreditavam que a riqueza vinha da agricultura. O governo não deveria intervir na economia. Os preços seriam ditados pelo mercado. A natureza promoveria a produtividade. Era a primeira teoria econômica de base científica.

Em *A Riqueza das Nações* (1776), Adam Smith refutou o mercantilismo e a fisiocracia. Para ele, a prosperidade decorria de um sistema de plena liberdade. Uma "mão invisível" guiaria a atividade econômica em uma sociedade dotada de boas instituições. A produtividade adviria da divisão do trabalho, uma consequência natural da propensão ao comércio.

"A prosperidade funda-se em instituições que incentivem a concorrência e as novas tecnologias"

No século XX, nova evolução mostrou que o crescimento dependia da combinação de mão de obra, investimento e produtividade — decorrência da forma como se organiza o processo produtivo —, e da tecnologia. O economista John Maynard Keynes realçou o papel da política fiscal nas recessões e depressões.

No livro *The Power of Creative Destruction*, os economistas franceses Philippe Aghion, Céline Antonin e Simon Bunel falam de um novo paradigma. Baseiam-se na "criação destrutiva", ideia desenvolvida no princípio do século XX pelo economista Joseph Schumpeter: novas tecnologias acarretavam vantagens competitivas para os empresários que as adotavam, superando concorrentes tecnologicamente defasados.

Aqueles autores argumentam que "inovações surgem continuamente, tornando obsoletas as tecnologias existentes". Empresas inovadoras competem com as que ficam para trás, enquanto novos empregos e atividades emergem e substituem os anteriores. "A destruição criativa é a força motriz do capitalismo, assegurando sua renovação e reprodução, ao mesmo tempo acarretando riscos e disrupções que precisam ser geridas e reguladas".

Eles sustentam, assim, que a inovação e a difusão do conhecimento constituem o âmago do processo de crescimento. Isso depende, entre outros fatores, da proteção da propriedade privada. A prosperidade funda-se em instituições que incentivem a concorrência e as novas tecnologias. Isso não existia nos países comunistas — daí o seu fracasso — nem na estratégia de substituição de importações que adotamos para promover a industrialização.

A substituição de importações costuma formar resistências ao término da proteção tarifária, como se viu no Brasil. Agora, dados o esgotamento do bônus demográfico e a queda do investimento, cumpre lançar uma nova estratégia de desenvolvimento que modernize o Estado, supere essas resistências e siga o novo paradigma. Sem inovação, fonte essencial da produtividade, não existe futuro para o desenvolvimento econômico, social e político do país. ■

ALIANÇA SUBM

"Uma facada nas costas." Foi assim que o governo da França definiu a assinatura de uma parceria militar dos Estados Unidos com a Austrália e o Reino Unido que pretende equipar o maior país da Oceania com uma frota de submarinos com propulsão nuclear. Apelidada de Aukus (as iniciais das três potências, em inglês), a iniciativa encabeçada pelo presidente Joe Biden para fazer frente à China e sua influência cada vez mais pronunciada nos mares e terras ao seu redor mexeu, como nunca antes, com os brios do mais antigo e fiel parceiro americano na Europa — não só o Eliseu foi o último a saber, como viu rolar por água abaixo um contrato fechado com os australianos em 2016, e agora cancelado, de venda de doze submarinos movidos a diesel, no valor de 65 bilhões de dólares. "Isso não é algo que se faça entre aliados", vociferou o ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Yves Le Drian, comparando a conduta de Biden à de seu antecessor e antagonista, o truculento Donald Trump.

O presidente Emmanuel Macron chamou de volta os embaixadores em Washington e Camberra, o carimbo de insatisfação na diplomacia internacional (comenta-se que não convocou o de Londres para rebaixar os britânicos a um papel secundário no caso). Também cancelou a festa programada em Washington para comemorar os 240 anos de uma batalha vencida pelos franceses, aliados de primeira hora, na guerra pela independência dos Estados Unidos. A Austrália foi acusada, sem meias-palavras, de mentir sobre suas intenções — o que de fato aconteceu. Enquanto mantinha seguidas reuniões para tratar da compra dos submarinos franceses, o governo do primeiro-ministro Scott Morrison discutia com a Casa Branca, desde janeiro, a troca de fornecedor. À França, alertada para a mudança poucas horas antes do anúncio oficial, o Ministério da Defesa da Austrália alegou que agiu em prol da segurança nacional, assegurando equipamentos de tecnologia mais avançada. Não convenceu ninguém. "Estamos vendo uma clara falta de transparência e lealdade", disse o presidente do Conselho Europeu, Charles Michell.

Os Estados Unidos são uma das poucas potências ocidentais com quem os franceses nunca estiveram em guerra e, tirando a oposição do presidente Jacques Chirac à invasão ao Iraque em 2003, os dois países nunca travaram embates ideológicos ou políticos em sua relação, reforça-

ERSA

Em mais um gesto desastrado de política externa, Biden firma um acordo militar com o Reino Unido e a Austrália pelas costas da França, antiga aliada americana. Por trás do conflito está o vale-tudo da luta contra o aumento da influência da China

JULIA BRAUN

BRENDAN SMIALOWSKI/AFP

MORDE E ASSOPRA
Biden discursa na Casa Branca: falta de tato e recados para os chineses

LUDOVIC MARIN/AFP

C'EST FINI Macron visita submarino em Sydney, em 2018: negócio desfeito

da pelos anos em que Thomas Jefferson, um dos pais da independência americana, serviu como embaixador em Paris e apoiou os ideais republicanos que desembocariam na Revolução Francesa. No contexto mais amplo da União Europeia, ainda ressabiada depois de quatro anos de esnobadas por parte do furacão Trump, a atitude de Biden pegou mal — ele chegou ao governo justamente prometendo restaurar a cooperação e a confiança esgarçadas. O Aukus pode ser um empurrão para os defensores de uma Europa que atenda a seus interesses acima de alianças multinacionais — entrando aí o "exército europeu" que Macron propagandeia. "A Casa Branca terá de ir além das palavras e buscar uma maior cooperação comercial e militar com a França para compensar sua negligência", diz Richard Boucher, professor da Universidade Brown e ex-diplomata do Departamento de Estado.

A falta de tato nesse episódio vem reforçar a impressão, ressaltada no fim desastrado da interferência militar americana no Afeganistão, de que Biden e sua equipe ainda têm pouca habilidade em medir as consequências de seus atos, sobretudo quando se trata de questões cruciais para o governo. O nó, nesse caso, é a ofensiva contra a China, alvo de sutis ameaças de Biden em seu discurso na Assembleia-Geral da ONU. A Casa Branca quer a todo custo conter o avanço hegemônico de Pequim no mundo e, nesse intuito, ter submarinos nucleares a seu dispor nas águas australianas é um trunfo. "Os Estados Unidos pretendem cultivar o maior número possível de aliados nas vizinhanças da China, e a localização da Austrália é estratégica para esse objetivo", diz Ryan Hass, analista do Brookings Institution. A união de forças com o Reino Unido — que teve nesse episódio sua primeira chance de cantar de galo no cenário internacional desde que se separou da UE — também é um recado para Pequim: o comando militar britânico despachou um porta-aviões de última geração para a região em maio. Passado o pior da crise, Macron e Biden conversaram por telefone e concordaram que a ação teria "se beneficiado de consultas abertas entre aliados nos assuntos de interesse estratégico", segundo um comunicado conjunto. Na Casa Branca de Trump, a regra era morder. Na de Biden, mudou para assoprar depois de morder. ■

CHOREM POR MIM

Paralisado pelo cabo de guerra entre o presidente e sua vice, o governo argentino não resolve os graves problemas do país e afunda em altos índices de impopularidade **ERNESTO NEVES**

MESMO acostumados à fábrica de crises em que se transformou a convivência entre os peronistas Alberto Fernández e sua vice, Cristina Kirchner, os argentinos foram brindados nos últimos dias com um racha ruidoso entre os supostos parceiros. O estopim foi o fato de o partido governista Frente de Todos perder as eleições primárias em dezoito das 24 províncias, incluindo Buenos Aires, e pôr em risco sua maioria no Congresso — uma prévia do que deve acontecer nas eleições legislativas de novembro. Kirchner atribuiu o descontentamento das urnas (o voto nas primárias é obrigatório) ao "arrocho econômico de Fernández" e pregou o retorno ao receituário clássico do peronismo em tempos de crise: a velha gastança populista bancada com impressão de dinheiro. "Não sou eu quem põe o presidente em xeque, é o resultado eleitoral", disparou, convocando seus fiéis seguidores a ir às ruas contra o governo de que faz parte.

Fernández foi ao Twitter afirmar que "minha gestão continuará do modo que considero conveniente, para isso fui eleito" e, em seguida, cancelou a ida a Nova York para a abertura da Assembleia-Geral da ONU, só para não dar à vice o gostinho de assumir sua cadeira. Ela, no entanto, parece ter saído desse embate ainda mais poderosa: forçou uma reforma ministerial que pôs nas mãos de seu grupo a Chefia do Gabinete e a Secretaria de Comunicações, além das pastas da Segurança, Ciência e Tecnologia e Agricultura. O mau resultado de Fernández nas primárias está diretamente relacionado a sua inépcia em apresentar propostas novas para a economia em crise eterna. A inflação argentina deve fechar o ano em 48%, a segunda maior no continente, perdendo apenas para a insolvente Venezuela. A pobreza, drama que impacta o eleitorado descamisado de raiz e que a dupla Fernández-Kirchner prometeu combater, atinge 19 milhões de pessoas, cerca de 42% da população — um em cada dez argentinos encontra-se em situação de indigência.

MAXIMILIANO LUNA/TELAM/AFP

DE MAL Fernández e Kirchner após as primárias: a vice culpa o chefe

A pandemia veio bombardear um cenário já em ruínas e aprofundar a insatisfação popular, por diversos motivos. A vacinação é lenta, com apenas 44% da população imunizada, o que impede a retomada mais vigorosa das atividades. É notório o favorecimento de parentes de políticos e grandes empresários na aplicação das doses. A opção pela vacina russa Sputnik V, em detrimento das americanas Pfizer e Moderna, é questionada. Como se não bastasse, o presidente desatou uma onda de repúdio nacional ao vazarem fotos e vídeos da festa de aniversário de sua mulher, Fabíola Yañez, em agosto, quando ele cobrava do resto da população respeito à rígida quarentena. "Somente o núcleo mais fiel permanece ao lado do governo", afirma María Lourdes Olivera, da Universidad Católica Argentina.

A Argentina é refém hoje de décadas de instabilidade política e econômica, açoitada por uma espiral inflacionária incontrolável, que por um lado faz com que o peso perca valor e destrói o poder de compra da população e, por outro, impede que o Estado

MAGALI CERVANTES/AFP

INSATISFAÇÃO Protesto em Buenos Aires: governo impopular

quebre, ao diluir o valor das dívidas públicas — o que não impediu oito calotes até agora nos credores internacionais. O presidente anterior, Mauricio Macri, um raro não peronista eleito para mudar esse estado de coisas, vergou diante das dificuldades encontradas. Fernández entrou com a ideia de controlar Kirchner e buscar saídas sem abandonar os princípios tradicionais. Deu-se mal nos dois propósitos. “As disputas de poder acontecem desde o primeiro dia de governo e não há trégua possível”, acredita Alejandro Coronel, professor de administração pública da Pontificia Universidad Católica, de Buenos Aires. Em crise eterna, a situação da Argentina segue sendo de chorar. ■

VILMA GRYZINSKI

DO TERROR AO RIDÍCULO

De Cristina Kirchner a Bukele, populismo de dar vergonha alheia

A AMÉRICA LATINA já teve caudilhos grandiosos até no ridículo, como Antonio López de Santa Anna, onze vezes presidente do México no século XIX, que promoveu o enterro oficial da perna perdida numa batalha com os franceses e depois mandou exumar o membro pelo qual se tornou obcecado, arrastando seu entorno em elaboradas e bizarras cerimônias fúnebres. Os populistas atuais ficam só com a parte do ridículo, sem a grandiosidade. De esquerda ou direita, unem-nos o pendor para operetas orquestradas via Twitter e a propensão para distribuir recursos que não são seus, mesmo quando os recursos acabam — restando sempre a alternativa de rodar a maquininha. “Um populismo que fica sem dinheiro, logo fica sem votos e no final fica sem povo”, escreveu no *La Nación* o colunista Jorge Fernández Díaz, sintetizando o pavor que baixou nas diversas alas peronistas depois de um fiasco bravo nas eleições primárias para o Congresso. Por causa da bofetada das urnas, Cristina Kirchner rodou o poncho e protagonizou um dos episódios mais patéticos da política argentina: a humilhação pública e acachapante do presidente Alberto Fernández. Tratado como um aluno malcomportado que precisava ser colocado em seu devido lugar, o presidente, que deve o cargo a Cristina, desistiu de encenar qualquer tipo de resistência, aceitou todas as ordens da chefe e mudou os ministros exatamente da maneira como ela havia tuitado numa carta aberta, para aumentar o fator humilhação. Se Cristina mandasse, talvez faria o enterro da perna — metaforicamente, claro. Tudo o que Fernández plantou na imprensa foi desmentido em questão de horas pela realidade. Poderia ser enquadrado na definição que, em contexto diferente, o eterno líder sindical Hugo Moyano deu certa vez sobre sua grei: “Nós, peronistas, somos assim, um dia dizemos uma coisa e no outro, outra”.

“Os eleitos latino-americanos parecem personagens de novelas tão ruins que parecem boas”

Em El Salvador, o presidente millennial, Nayib Bukele, está ficando notavelmente parecido com oligarcas encarquilhados do século passado. Num capricho caudilhesco, ele decretou que o bitcoin seja adotado como moeda nacional num país já dolarizado. Como 70% da população salvadorenha não tem acesso a serviços bancários, é possível que a adoção da criptomoeda se torne um “enterro da perna”, uma dessas bizarrices que só acontecem em países latino-americanos e nos enchem de vergonha alheia — ou vergonha própria. Nem o depósito equivalente a 30 dólares feito em nome de cada cidadão salvadorenho para promover as transações em bitcoin está conseguindo vencer as resistências da população, embora Bukele continue formidavelmente popular — 85% de aprovação — e se dê ao luxo de ironizar as críticas: colocou no perfil do Twitter como descrição biográfica “ditador de El Salvador”.

Em comparação com as atrocidades cometidas no passado por tiranos latino-americanos da estirpe de um Rafael Trujillo (mais 50 000 mortes) na República Dominicana ou da dinastia Somoza na Nicarágua, os populistas atuais, eleitos legitimamente, parecem personagens de novelas tão ruins que parecem boas. Mas às vezes fica difícil decidir se gestos obscenos feitos numa comitiva diplomática — repita-se, diplomática — em Nova York são para rir, chorar ou ter saudade do general Santa Anna e sua perna insepulta. ■

O DISCRETO "SIM"

Casados, sim, mas com escovas de dentes separadas. Depois do enlace no dia 18 em um cartório (no qual um funcionário tirou a foto) em Itaipava, região serrana do Rio, **CHICO BUARQUE,** 77 anos, e a advogada **CAROL PRONER,** 47, devem permanecer exatamente como estão: cada um no seu quadrado. "Eles moram no mesmo prédio no Leblon, mas em apartamentos diferentes", confidencia uma amiga do casal, que está junto desde 2017. A escolha da Serra Fluminense para o casamento sem nenhum convidado se deve a questões práticas. Desde o início da pandemia, o músico se isolou em uma casa alugada na região, onde aproveitou para escrever seu primeiro livro de contos, *Anos de Chumbo*, com lançamento em outubro.

INSTAGRAM @CHICOPARATODOS

INSTAGRAM @VANESSAGIACOMO

SOB A SAIA DA MÃE

REPRODUÇÃO

Foi com a pompa habitual que a família real anunciou no dia 20 o nascimento da primeira filha da princesa Beatrice, neta da rainha Elizabeth. A mãe da princesa, Sarah Ferguson, correu para seu lado. O pai, não: **ANDREW** não sai por nada do castelo de Balmoral, na Escócia, onde também se encontra a rainha, para não ter de receber a convocação para depor no processo em Nova York em que Virgi-

VAMOS MUDAR DE ASSUNTO

Quando o papo é sobre conscientização ambiental, **VANESSA GIACOMO,** 38 anos, é toda animação. "Reciclo e reaproveito tudo, da casca de ovo aos móveis de casa", afirma. Mas experimente puxar conversa sobre a série que contaria a história da morte da modelo Eliza Samudio, e a atriz se fecha em copas. "Não tenho informações", desconversa. Por sugestão da própria Vanessa, a Globo pagou (caro) pelos direitos do livro *Indefensável – O Goleiro Bruno e a História da Morte de Eliza Samudio* e ela foi anunciada com estardalhaço como protagonista pela diretora Amora Mautner, em 2020. Mas a repercussão foi a pior possível – achou-se que a filmagem humanizaria um bandido e traria ares de espetáculo a um crime brutal. O projeto acabou engavetado.

nia Giuffrie, a mais conhecida e eloquente vítima do criminoso sexual Jeffrey Epstein, o acusa de ter abusado dela quando tinha 17 anos. Andrew e Epstein, que morreu na cadeia, eram amigos do peito e Virginia diz ter sido "emprestada" ao príncipe. Os advogados dela afirmam ter deixado a documentação no endereço dele, o Castelo de Windsor, e enviado uma cópia pelo correio, mas a lei manda que Andrew a receba em mãos. A próxima audiência na corte nova-iorquina está marcada para 13 de outubro.

MUSAS SEM RETOQUES

Grandes amigas desde os tempos em que chutavam, socavam e arrasavam no cinema, na franquia *Charlie's Angels*, as atrizes **DREW BARRYMORE,** 46 anos, e **CAMERON DIAZ,** 49, receberam *likes* em profusão nas redes sociais ao postar foto de seus rostos com tudo o que a idade colocou neles, sem retoques nem disfarces. A aversão das duas a preenchimentos e tratamentos rejuvenescedores é conhecida. Cameron, aposentada das telas desde *Annie,* de 2014, não escondeu o pavor que sentiu na primeira aplicação de Botox – "Mudou meu rosto de um jeito esquisito" – e jurou que nunca repetiria a dose. Já Drew, menina-prodígio que passou a juventude entrando e saindo de *rehab,* diz que nem tentou, porque não ia parar na primeira injeção. "Tenho tendência a me viciar", explicou, sincerona. ■

INSTAGRAM @DREWBARRYMORE

BYE-BYE, BRASIL

Debandada de pessoas daqui rumo ao exterior atinge número recorde no governo Bolsonaro – a diáspora cresceu quase 20% mesmo na era de fronteiras fechadas durante a pandemia

LEONARDO LELLIS

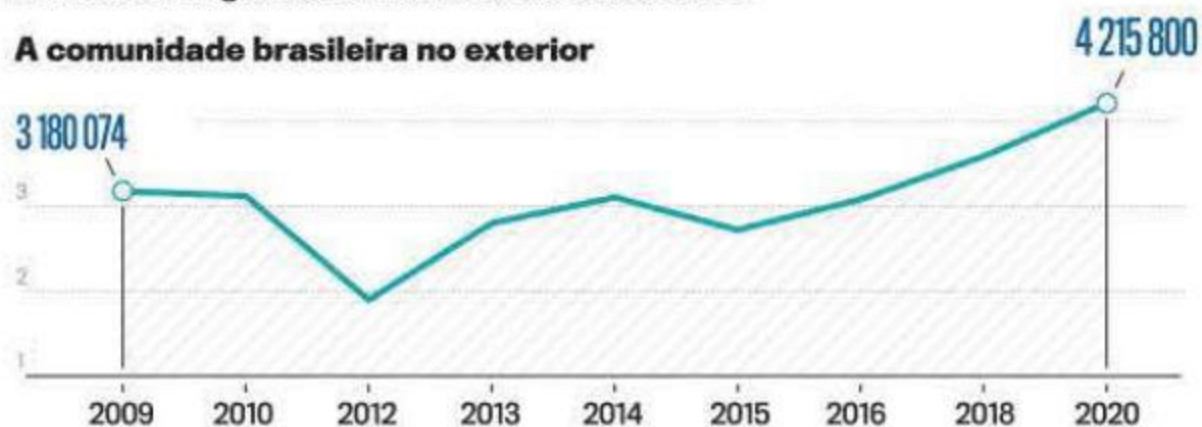
Guerras e grandes desastres naturais estão entre os principais geradores na história de grandes fluxos de imigração. No caso do Brasil, que não enfrenta nenhuma dessas catástrofes (felizmente), mas sofre no momento com duas crises agudas (sanitária e econômica), o ceticismo com relação a um futuro melhor tem levado um número recorde de pessoas a tentar a vida no exterior. A onda que vinha crescendo desde 2015 ganhou maior velocidade nos últimos dois anos, mesmo com fronteiras fechadas por um bom tempo durante a pandemia. Segundo dados recentes do Ministério das Relações Exteriores, há 4,2 milhões de brasileiros vivendo longe do país, um aumento de quase 20% sobre o número de 2018. Isso é ainda mais impressionante quando se considera que o dado não computa com precisão quem saiu daqui e se encontra em situação ilegal lá fora. Estimativas falam em até 50% a mais de gente nessa condição, o que elevaria para acima de 6 milhões o volume da diáspora.

Além do patamar inédito, o perfil dessa debandada tem características novas, a começar pela mudança do perfil de parte considerável dos imigrantes. O desalento com o Brasil é amplo, geral e irrestrito e o aeroporto tem sido a única saída para quem busca qualidade de vida e carreiras mais atraentes. O presidente Jair Bolsonaro, que nunca disfarçou seu desapreço pela produção de conhecimento, conseguiu a façanha de acentuar o perfil de quem vai embora para oferecer a países desenvolvidos a excelência que faz falta aqui: é cada vez maior o número de famílias com integrantes com ao menos um diploma de ensino superior indo embora, sem intenção alguma de voltar. Entre 2019 e 2020, o Brasil caiu da 63ª para a septuagésima posição no quesito retenção de talentos em um ranking global de competitividade, elaborado pela instituição Insead. Uma verdadeira "fuga de cérebros". "É um problema de falta de perspectiva", afirma Vanessa Cepellos, professora de gestão de pessoas da FGV. "O salário aqui acaba sendo mais baixo e o custo de vida, muito alto. A conta não fecha e os profissionais acabam buscando outras oportunidades."

Além do aumento de quase 20% entre 2018 e 2020 no número de brasileiros morando fora, os números estimados pelo Itamaraty revelam o surgimento de novos destinos de preferência. O aumento mais notável foi registrado na Irlanda, onde a comunidade brasileira mais que triplicou e, de uns anos para cá, tornou-se o lugar favorito de intercambistas atraídos

ÊXODO NACIONAL

O número de migrantes é o maior ao menos desde 2009

ARQUIVO PESSOAL

NA TERRA DO CANGURU

Doutora em química, a maranhense Adriana Pires Vieira foi contratada por uma universidade australiana para desenvolver pesquisas em energias renováveis. "Eu senti um misto de alegria e tristeza porque o país que me formou não aproveitou o conhecimento que tenho a oferecer", afirma, ao se lembrar de quando recebeu o visto voltado a pessoas com conhecimentos excepcionais.

FRONTEIRA SUL

O engenheiro gaúcho Everton de Almeida Lucas formou-se no Rio Grande do Sul, mas mudou-se para o Uruguai atraído pela estabilidade econômica e qualidade de vida. Lá, trabalha em uma companhia de energia eólica, concluiu um mestrado e dá aulas no ensino superior. "Aqui, o setor produtivo está mais próximo das universidades e os programas de incentivo educacional não mudam conforme o governo", compara.

ARQUIVO PESSOAL

por preços de cursos mais em conta do que no vizinho Reino Unido e por um visto que permite conciliar estudo e trabalho. Quem vai para o país também conta com oportunidades nas áreas de tecnologia, saúde ou finanças. "Tenho um padrão de vida aqui que não teria no Brasil", afirma o executivo de marketing digital Matheus Teodoro, de 29 anos, que mora desde 2019 em Dublin com a esposa, também brasileira. A história é semelhante à do consultor em segurança da informação Deivid Luchi, 29, que chegou a prestar serviços para grandes bancos no Brasil trabalhando em Porto Alegre, mas trocou o país pela Austrália em busca de melhores oportunidades e hoje procura profissionais daqui para compor a equipe que lidera em Melbourne. "Os brasileiros são muito bem reconhecidos e valorizados internacionalmente", diz.

A Austrália, aliás, investe pesado para atrair estrangeiros qualificados. O setor educacional chega a superar o volume de receitas geradas pelo turismo no país — 38,4 bilhões de dólares no último ano. O país concorre com potências como o Canadá, que conta com mais de sessenta programas governamentais para atrair mão de obra estrangeira. No caso australiano, uma das joias de sua política de imigração é o programa de visto para talentos globais, criado em 2019 para atrair profissionais altamente qualificados em suas áreas de atuação. Foi dessa forma que a química Adriana Pires Vieira, natural de São Luís, no Maranhão, partiu para o outro lado do mundo. Após o fim de seu contrato como pesquisadora na Universidade de São Paulo, em novembro de 2018, ela embarcou levando na bagagem um doutorado na Unicamp e um pós-doutorado na USP. Hoje mora em Perth, na costa ocidental da Austrália, onde pesquisa energia renovável e vive com o namorado, também pesquisador na Universidade Curtin. "O país que me formou não aproveitou o conhecimento que eu tinha a oferecer", lamenta Adriana.

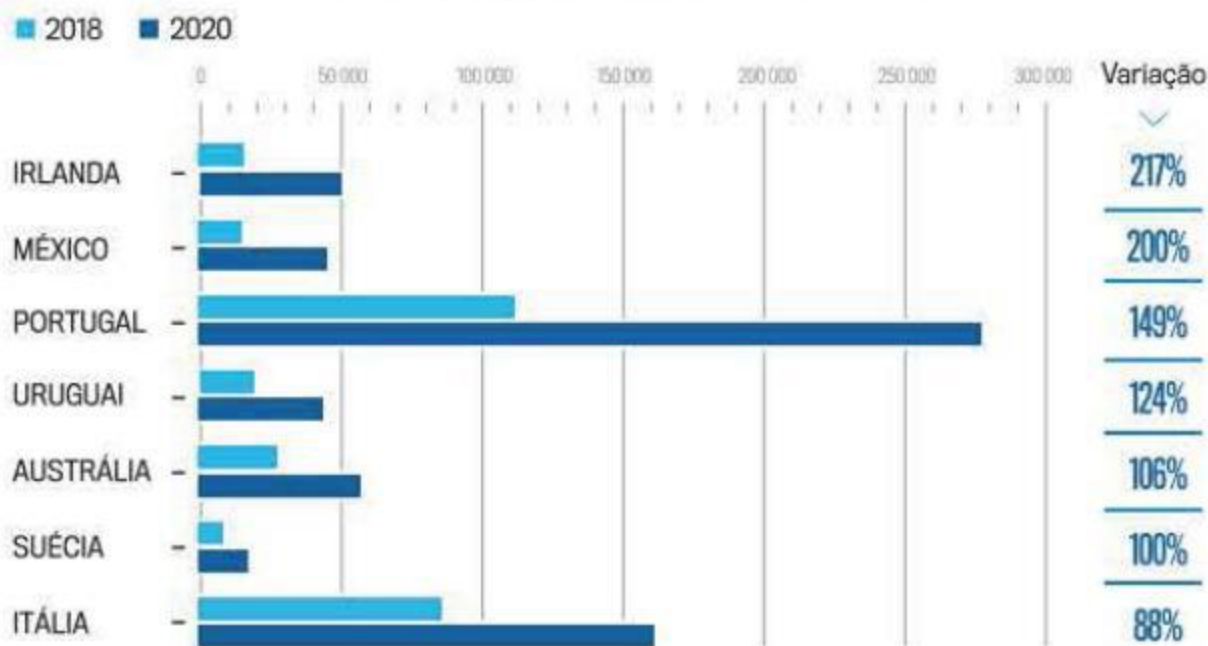
A queda nos investimentos em pesquisas também tem sido determinante para o êxodo. Uma nota técnica do Instituto de Pesquisas Econômicas mostra que os gastos do governo Bolsonaro em ciência e tecnologia somaram 17 bilhões de reais em 2020, um nível inferior ao observado em 2009 (19 bilhões em valores reais). O desalento com a área de pesquisa também levou a advogada Thais Cossetti, 29, formada pela Universidade Federal de Ouro Preto a fazer o caminho inverso dos colonizadores portugueses. Desde 2019, ela fixou residência em

ARQUIVO PESSOAL

SONHO IRLANDÊS

O paulista Matheus Teodoro foi para Dublin fazer intercâmbio e, depois de dois anos trabalhando na área de tecnologia, conseguiu permissão do governo para se instalar permanentemente no país europeu. "Tenho um padrão de vida que não teria no Brasil em um emprego equivalente. O dinheiro tem mais valor", conta ele, que ainda concilia as obrigações com passeios pelo continente.

DESTINOS PREFERIDOS

Irlanda e México viram triplicar o número de brasileiros em dois anos

As maiores comunidades

Fonte: *Itamaraty*

Coimbra, que abriga uma das mais antigas universidades do mundo, onde foi aprovada para um programa de mestrado em sociologia e conseguiu a licença para atuar como advogada em Portugal. Um drama familiar em particular (a morte da avó) chegou a fazê-la repensar a escolha no início deste ano, mas o tempo que passou aqui em uma visita para se despedir ajudou a sedimentar a decisão de permanecer em Portugal. "Eu fui para ficar duas semanas, mas, com o fechamento dos aeroportos por causa da pandemia, acabei ficando quase três meses e vi os preços nos supermercados e a situação de amigos com dificuldade para conseguir emprego", recorda. Além de não ter a barreira do idioma e oferecer processos seletivos em universidades que aceitam a nota do Enem, os portugueses estão de olho nos profissionais de tecnologia: desde julho de 2019, a concessão de vistos específicos para brasileiros dessa área aumentou mais de 400%. Ainda na Europa, a Alemanha alterou sua legislação para facilitar a entrada de imigrantes para preencher mais de 1 milhão de vagas. Na Itália, pequenos vilarejos aproveitam a difusão do home office e tentam não sumir do mapa com subsídios para atrair moradores.

Com o clima tão bucólico quanto o interior da Itália e IDH superior ao do

BILL CLARK/CQ-ROLL CALL/GETTY IMAGES

IMIGRAÇÃO ILEGAL Muro na fronteira dos Estados Unidos: tentativa de conter a chegada de estrangeiros pelo México

Brasil, o Uruguai virou outro polo de atração de brasileiros. No país que se notabilizou por levar adiante pautas progressistas como a legalização das drogas e do aborto, a população de brasileiros mais que dobrou nos últimos anos. Mas foi a economia mais estável e uma oportunidade de emprego melhor que levaram o engenheiro Everton de Almeida Lucas, 31, a instalar-se em Montevidéu, onde trabalha em uma empresa de energia eólica e dá aulas na Universidade Tecnológica do Uruguai (Utec). "Aqui os programas de incentivo educacional não mudam conforme o governo", diz.

Mesmo com novos destinos, os Estados Unidos ainda são a referência quando se pensa em morar fora. O país abriga a maior comunidade brasileira no exterior, com 1,7 milhão de pessoas atraídas por mais segurança, educação superior de qualidade e salários mais competitivos. Recentemente, o país reduziu de 1,8 milhão para 900 000 dólares o piso para atrair investidores estrangeiros que queiram o green card, o famoso visto de permanência. A atratividade do destino gerou um efeito colateral no vizinho México. A população de brasileiros estimada lá é de 45 000 pessoas — sendo apenas 15 000 regulares. O país latino virou a principal rota terrestre para quem, por falta de informação ou puro desespero, tenta chegar aos Estados Unidos à margem dos rigorosos processos de imigração americanos e com riscos à própria vida.

PATRICIA DE MELO MOREIRA/AFP

NA TERRINHA
Portugal: o país oferece incentivos para profissionais de tecnologia

REPRODUÇÃO

MORTE NO DESERTO Lenilda dos Santos: deixada para trás na travessia

A tragédia mais recente foi a da técnica de enfermagem Lenilda dos Santos, 50, encontrada morta no deserto após ser abandonada pelo grupo com quem tentou atravessar a fronteira. Calcula-se que um terço dos turistas que entram no país (cerca de 400 000 em 2019, antes da pandemia) viaja com a intenção de se bandear para os Estados Unidos. "As migrações econômicas são as mais preocupantes porque as pessoas que saem do Brasil a qualquer custo acabam não tendo condições de sobreviver nos países para onde vão", diz Angela Tsatlogiannis, especialista em direito internacional. O roteiro dos coiotes, como são conhecidos os atravessadores, que chegam a cobrar 20 000 dólares no pacote de quem quer se aventurar em uma jornada com altas chances de fracasso, inclui entradas via Cidade do México ou Cancún — aqui, o turismo é apenas um álibi para quem quer vencer a primeira barreira dos agentes de fronteira. Muito embora a chegada do democrata Joe Biden tenha servido ao "marketing" dessas quadrilhas para atrair vítimas ao esquema de imigração ilegal, nada mudou na prática: os Estados Unidos não só retomaram as deportações em massa por via aérea como a Suprema Corte determinou o restabelecimento da política "Fique no México", instituída por Donald Trump, em que os imigrantes são devolvidos ao país vizinho e precisam aguardar em território mexicano a improvável decisão sobre um pedido de asilo.

Pródigo em crises econômicas que dão impulso à busca de uma vida melhor lá fora, não é a primeira vez que o Brasil vive um boom de imigração. Nos anos 80, a década perdida marcada pela hiperinflação, intensificou-se a mudança de pessoas (boa parte ilegais) para os Estados Unidos. Foi nesse mesmo período que descendentes de japoneses fizeram o caminho inverso de seus antepassados e rumaram ao Japão, onde os dekasséguis, incentivados pelo governo, foram para suprir a necessidade de mão de obra na indústria do país e enviar dinheiro para os familiares que aqui ficavam. "Hoje, a insegurança política juntamente com a crise econômica criam uma certeza de que o Brasil não dá certo", afirma Sueli Siqueira, professora da Universidade Vale do Rio Doce, de Governador Valadares (MG), um dos polos exportadores de imigrantes aos Estados Unidos. A desesperança atinge hoje tanto os mais humildes quanto as pessoas com mais recursos e é o motor que produz recordes de brasileiros vivendo mundo afora. ■

FIORDALISO/GETTY IMAGES

O ANO DA COMILANÇA

As preocupações, o isolamento e o trabalho em casa, com comida sempre por perto, fizeram o brasileiro ganhar peso e uma parcela cruzar a perigosa linha da compulsão alimentar **DUDA GOMES**

A COMBINAÇÃO de rotina alterada, ansiedade, reclusão e finanças incertas, aliada ao trabalho em casa (com lanchinhos ao alcance da mão o tempo todo), resultou em mais um fenômeno a ser cravado na vasta conta dos efeitos pandêmicos: o aumento dos distúrbios de alimentação. Pesquisa do Instituto Ipsos mostrou que 52% dos brasileiros engordaram ao longo do último ano e meio, e não foi pouca coisa — a média de aumento de peso é de 6,5 quilos. Amostra inequívoca da subida do ponteiro da balança é o fato de vídeos nas redes sociais com a *hashtag* #transtornoalimentar estarem na casa dos 60 milhões de visualizações. A título de vago consolo, note-se que quase todo o planeta ficou mais rechonchudo nos meses passados entre quatro paredes. Mais grave ainda, muita gente ultrapassou o limite do eventual ataque à geladeira no meio da noite e ingressou no território minado de distúrbios graves como anorexia, bulimia e, campeão disparado, compulsão alimentar.

Válvula de escape das mais conhecidas quando a vida fica difícil, a comida sempre por perto, seja na

VÁLVULA DE ESCAPE Trabalho e comida: a parceria provocou aumento de peso em mais da metade dos brasileiros

DE BOCA BEM ABERTA

Pesquisas confirmam o que já era visível: a pandemia fez o ponteiro da balança subir consideravelmente

52%
dos brasileiros engordaram em 2020

6,5
quilos foi o aumento médio de peso

50%
mais pessoas buscaram tratamento para transtornos alimentares em clínicas do Rio e de São Paulo

Dois terços dos mais rechonchudos são mulheres

26,8%
da população do Brasil sofre de obesidade

Fontes: *IBGE, Instituto Ipsos*

própria despensa, seja via aplicativos, contribuiu para desestabilizar pacientes sob controle e aumentar a triste estatística das vítimas dos distúrbios ligados à mesa. Estudo realizado pela Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, constatou que o número de internações de jovens sofrendo desse tipo de mal mais que dobrou nos primeiros doze meses de quarentena. Na Alemanha, levantamento da Clínica Schoen Roseneck, um centro de referência do país, revelou que 41% dos que tiveram alta em 2019 registraram piora dos sintomas no período em que a humanidade se isolou.

Uma nítida manifestação do crescimento dos transtornos alimentares no Brasil está na procura por tratamento nas seis principais clínicas do Rio de Janeiro e de São Paulo, que subiu até 50% *(veja no quadro acima)*. Sem poder sair para trabalhar e preocupada com as despesas, a maquiadora Tamiris Sindice, 25 anos, de São Paulo, relata que começou a comprar guloseimas aos montes todos os dias. Saiu da quarentena com 32 quilos a mais, diagnóstico de compulsão e a ponto de desenvolver diabetes e obesidade. "No ápice da doença, deixei de pagar conta para comprar doces", diz Tamiris, que está com a compulsão sob controle através de antidepressivos e muita terapia. De acordo com o psiquiatra José Carlos Appolinario, da comissão de transtornos alimentares da Associação Brasileira de Psiquiatria, os excessos, se não são tratados a tempo, vão acarretar outros problemas de saúde. "Quase 70% dos diagnosticados com compulsão evoluem para a obesidade", afirma.

Mesmo antes de a Terra parar, o Brasil já padecia de uma epidemia de excesso de peso — que não decorre, necessariamente, de transtornos como a compulsão alimentar. Segundo o IBGE, entre a população acima de 20 anos, 26,8% são obesos, um índice que mais do que dobrou em compara-

ARQUIVO PESSOAL

LAILSON SANTOS

FRONTEIRA INVISÍVEL

A vida limitada entre quatro paredes levou **Tamiris Sindice,** 25 anos, a encontrar conforto na comida. Sem perceber, ela, que sempre foi magrinha *(à esq. em 2020)*, ganhou 32 quilos *(à dir.)*. "Demorei a entender que a coisa estava desandando"

ção com a pesquisa anterior, de 2003. Praga universal, a obesidade, que afeta mais de 40% dos adultos americanos e é por si só um risco para a saúde, também eleva as chances de aparecimento de uma série de doenças de alto risco, como hipertensão, diabetes, hipertrofia cardíaca, câncer de bexiga, acidente vascular cerebral, infarto e apneia de sono.

A linha divisória entre um ou outro episódio de comilança exagerada e o quadro de compulsão é tênue e pode passar despercebida até ser tarde demais e o transtorno estar estabelecido. Considera-se comportamento compulsivo a ingestão exagerada de alimentos em curto espaço de tempo — em geral, menos de duas horas a cada episódio —, mesmo sem nenhum sinal de fome. A pessoa passa a comer de forma acelerada e, em muitos casos, escondida, por vergonha de seu descontrole. No auge da crise, o compulsivo chega a ingerir 20 000 calorias por dia, dez vezes mais do que uma pessoa normal. "Compulsão alimentar não é comer duas fatias de bolo de uma vez. É engolir três bolos inteiros", compara a nutricionista Marcela Kotait, do Programa de Transtornos Alimentares do Hospital das Clínicas (Ambulim), de São Paulo.

Nos casos mais graves, ingere-se tudo o que se encontra pela frente, inclusive alimentos crus e congelados. "Essa relação de dependência com a comida aprisiona e limita. Não representa prazer de comer, mas, sim, medo e frustração", diz a psicóloga Fernanda Sader, 23 anos, de Campos dos Goytacazes, no interior do Rio de Janeiro, que engordou 20 quilos no fatídico ano pandêmico. Para a influen-

FOTOS INSTAGRAM @CAMILAMONTEIRO

ciadora Juliana da Motta, 27 anos, de Itaboraí, no estado do Rio, o pior momento foi o dia em que pediu vários pratos de doces e salgados ao mesmo tempo em aplicativos de delivery e acabou passando mal de tanto comer. "Lembro que, enquanto eu me fartava, achava normal e prazeroso. Mas depois me senti muito infeliz, frustrada com o dano que estava causado à minha saúde", relata.

Os especialistas destacam a necessidade de os familiares estarem sempre de olhos abertos para os sinais de distúrbios alimentares nas pessoas à sua volta, que incluem alterações bruscas de peso, dietas restritivas e estoques de comida escondidos pela casa. "Elas mesmas dificilmente percebem que estão doentes", alerta a psicóloga Patrícia Xavier, da Associação Brasileira de Transtornos Alimentares (Astral). A influenciadora digital Camila Monteiro, 30 anos, de São Paulo, começou a ganhar peso ainda na adolescência, mas só em 2019 foi diagnosticada com compulsão alimentar. Tratou-se, controlou o distúrbio, mas, no isolamento da pandemia, sofreu um aborto espontâneo e os episódios recomeçaram. "A causa da minha recaída foi um conjunto de fatores. Não podia visitar amigos, nem sair de casa para arejar a cabeça. Até minha psicóloga só me atendia remotamente, e passar por tudo o que passei on-line é muito diferente de estar cara a cara com quem pode te confortar", explica. Com tratamento e terapia, Camila voltou a se estabilizar e está grávida de gêmeos. Sabe, no entanto, que precisa estar sempre alerta para conseguir vencer uma doença insidiosa que, em épocas de crise, ataca com mais vigor ainda. ■

RECAÍDA E LUTA

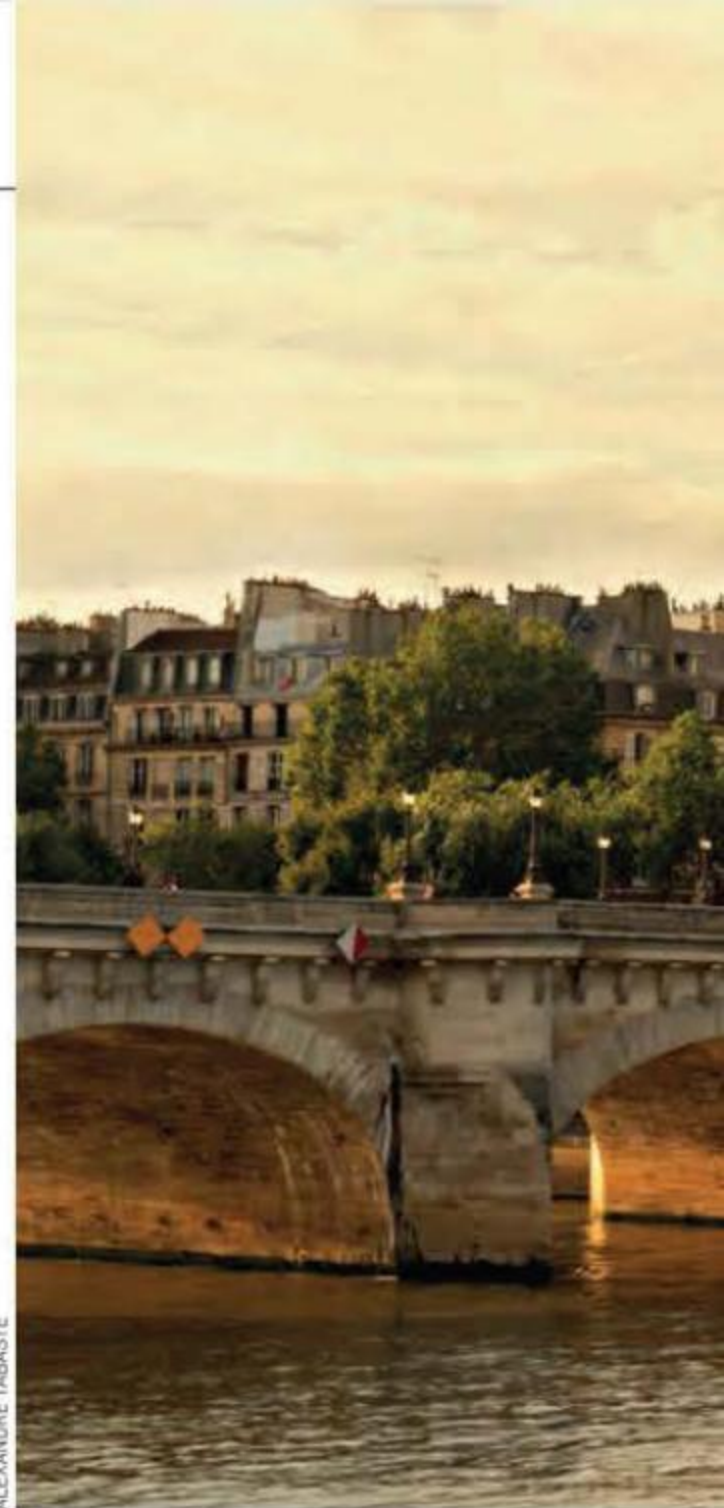
Em 2019, **Camila Monteiro,** 30 anos, recebeu diagnóstico de compulsão alimentar. Tratou, estabilizou, mas a doença voltou. "Foi emocional", diz ela, se cuidando após engordar 13 quilos em cinco meses

PARIS É UMA FESTA

O maior conglomerado de marcas premium do mundo reabre uma das lojas mais icônicas da capital francesa e inaugura o mais novo hotel de luxo da cidade **CILENE PEREIRA**

COM O AVANÇO da vacinação e a abertura gradual das fronteiras, as capitais europeias começam a ver os turistas de volta. O movimento é tímido, mas até por isso mesmo responsável por permitir que as cidades estejam ainda envolvidas por uma atmosfera tranquila, silenciosa, bem diferente daquela que se costumava encontrar antes da pandemia. É nesse ambiente que Paris desperta depois de um ano e meio fechada em si mesma. A cidade, que tantas e tantas vezes renasceu, ressurge novamente, liderando a retomada no mercado de hotéis de luxo. Segundo a Consultoria Mordor Intelligence, o setor, avaliado em 2020 em cerca de 175 bilhões de dólares, deve crescer mais de 4% até 2026.

Não surpreende, portanto, que o LVMH, o maior conglomerado de grifes de luxo do mundo, tenha escolhido a capital francesa para marcar o momento com duas grandes inaugurações. Em junho, a holding, que é dona de nomes premium como Dior, Louis Vuitton e Tiffany, reinaugurou a La Samaritaine, a primeira loja de departamentos de Paris. Em estilo art déco, predominante entre o fim do século XIX e o começo do século XX, o prédio tem localização primorosa. Está à beira do Sena, pertinho da Ponte Neuf e do Museu do Louvre, bem no coração de Paris. A loja foi comprada pelo grupo LVMH em 2010 e passou anos fechada até que o presidente do conglomerado, o bilionário Bernard Arnault, decidiu investir em um cuidadoso projeto de restauração da fachada e renovação do interior do edifício que custou 500 milhões de euros e levou seis anos para ser concluído. Hoje, marcas populares não entram mais na Samaritaine, o que incomoda os parisienses, mas encanta os turistas endinheirados.

No dia 7 de setembro, a holding abriu a quinta unidade do hotel Cheval Blanc, também de sua propriedade, em edificação contígua à Samaritaine. Até agora, a bandeira Cheval Blanc estava em Courchevel, St. Tropez, St. Barths e Ilhas Maldivas. O hotel tem apenas 72 quartos, todos com vista para o Sena, e diárias que começam em 1 200 euros. O menor possui 45 metros quadrados. O maior, 1 000 metros quadrados. A suíte mais exclusiva contém obras de arte escandalosamente belas. Uma delas é a escadaria desenhada pela escultora francesa Claude Lalanne. Junto com o marido, François-Xavier Lalanne (1927-2008), ela formou uma das duplas mais festejadas da arte contemporânea. O trabalho hoje exibido na suíte do hotel foi o último de Claude, que morreu em 2019. O design interior foi criado por Peter Marino. O americano entende a linguagem premium como poucos. Desde 1978, quando seu trabalho de decoração do apartamento de Andy Warhol em Nova York repercutiu nos Estados Unidos e na Europa, Marino já foi chamado para desenhar os ambientes de grifes como Chanel, Fendi, Armani e Louis Vuitton.

ALEXANDRE TABASTE

FOTOS DIVULGAÇÃO

HISTÓRICO La Samaritaine: na margem do Sena, o prédio em estilo art déco é ícone da cidade

EXPERIÊNCIA A arte em todos os detalhes: do hall de entrada ao conforto do quarto e o café da manhã na sacada, o hóspede desfruta um design de móveis e decoração feito por artistas renomados

Cheval Blanc Paris é exemplo da chamada experiência de alto luxo, algo no qual as marcas de turismo vêm investindo. "As pessoas estão querendo um pouco mais de privacidade e, ao mesmo tempo, ficar em lugares melhores do que suas casas quando viajam", explica Ilan Wallach, dono da GSP Travel e integrante Grupo Virtuoso, rede composta das melhores agências de viagens de luxo do mundo. Uma experiência que agrada muito é a gastronômica. No Cheval Blanc Paris, há quatro restaurantes, um deles comandado pelo chef Arnaud Donckele, dono de três estrelas no *Guia Michelin*. Outro é liderado pelo chef milanês Enrico Buonocore e tem frutos do mar como os ingredientes de resistência. Localizado no 7º andar, o restaurante está ao lado do jardim de onde é possível contemplar a cidade e renovar o olhar. Paris, como escreveu Ernest Hemingway, é mesmo uma festa. ■

O FUTURO CUSTA CARO

Visionário americano quer construir a cidade mais sustentável do planeta em pleno deserto americano. O sonho tem preço: 400 bilhões de dólares **SABRINA BRITO**

A SEGUNDA metade do século passado foi marcada pelo adensamento populacional das áreas urbanas. Com a expansão econômica do pós-guerra, as grandes cidades se desenvolveram e o mundo viu o desabrochar das metrópoles — e para elas se deslocaram milhões de pessoas em busca de trabalho, moradia e um lugar melhor para viver. O que parecia ser uma fórmula infalível, porém, acabou levando a efeitos colaterais indesejáveis. Poluição, trânsito caótico, violência, superlotação, entre muitos outros problemas, são características reconhecíveis de praticamente todos os grandes centros urbanos. Com o esgotamento do modelo tradicional, os urbanistas começaram a debater alternativas para o que definiram como um dos maiores desafios do futuro: lugares capazes de acomodar milhões de pessoas, mas sem os inconvenientes atuais. Daí surgiu o conceito de smart

CHRIS SORENSEN/THE WALL STREET JOURNAL

DONO DO PROJETO Marc Lore: a meta é que o primeiro morador da nova cidade se instale por lá antes de 2030

UTÓPICO Ilustração do município que será chamado de Telosa: energia renovável e uso irrestrito da inteligência artificial

TWITTER @MARKLORE

APRAZÍVEL Sem trânsito: a ideia é que os habitantes trabalhem perto de casa

TWITTER @MARKLORE

cities, as cidades inteligentes que aliam qualidade de vida a preservação ambiental e alto uso da tecnologia.

O mais ambicioso projeto de smart city foi anunciado há alguns dias pelo bilionário americano Marc Lore, acionista do Walmart e fundador das empresas de comércio eletrônico Jet.com e Quidsi. Lore deu nome ao seu sonho: Telosa. Sua ideia é que a futura cidade, que será construída em algum deserto americano — nos estados de Nevada ou Texas preferencialmente —, seja a mais sustentável da história. Com 600 quilômetros quadrados, ela produzirá a própria energia renovável e contará com um sistema de tratamento e reaproveitamento de água que a tornará independente de fornecedores externos.

Lore também definiu como ponto inegociável a proibição de veículos movidos a combustíveis fósseis — todos os carros em circulação pela cidade serão elétricos. Outra meta é tecer redes de transporte eficientes a ponto de permitir que os habitantes cheguem ao trabalho após se deslocarem por no máximo quinze minutos. Telosa será totalmente gerenciada por inteligência artificial, que vai controlar os sinais de trânsito, a rede de transporte público, os sistemas de limpeza e as equipes de segurança. Além da metrópole verde e tecnológica, a intenção de Lore é que Telosa seja administrada por colegiados de cidadãos que se revezarão no comando. "Ela será a cidade mais aberta, justa e inclusiva do mundo", disse o visionário.

O discurso é bonito, mas e o custo para colocar a utopia de pé? Como não poderia deixar de ser, ele não será baixo. Para ser mais preciso, o projeto está orçado em 400 bilhões de dólares — é quase um terço do PIB brasileiro. Lore quer convencer bilionários a participar do projeto. Ele também planeja a criação de um fundo para a captação de recursos, usando as ferramentas da indústria financeira para viabilizar a iniciativa. O empresário, aliás, tem pressa: sua meta é que o primeiro morador se instale em Telosa antes de 2030.

AMBIÇÃO DESMEDIDA

Os números superlativos do projeto

$

INVESTIMENTO NECESSÁRIO
400 BILHÕES DE DÓLARES

LOCALIZAÇÃO
ALGUM DESERTO NOS ESTADOS UNIDOS

TAMANHO
600 QUILÔMETROS QUADRADOS

POPULAÇÃO FINAL
5 MILHÕES DE HABITANTES

As smart cities estão em alta. No ano passado, a fabricante japonesa de carros Toyota revelou a intenção de criar um município para 2000 habitantes aos pés do Monte Fuji, chamado Woven City. Na região, seria possível testar carros autônomos, conviver com tecnologias inteligentes e viver lado a lado com robôs que simplificam a vida doméstica. Em 2021, o príncipe saudita Mohammed bin Salman anunciou a construção de um cinturão de comunidades se estendendo por mais de 150 quilômetros, onde serão permitidos apenas carros autônomos. O preço do empreendimento também é alto, cerca de 200 bilhões de dólares. "Houve um aumento nas tentativas de criar cidades tecnológicas nos últimos anos, inclusive na Ásia", constata Sarah Moser, professora de geografia da Universidade McGill, do Canadá, e especialista no tema. Estima-se que, atualmente, existam cerca de 150 cidades em construção no mundo que buscam atender a um dos desejos mais legítimos do ser humano: um lugar acolhedor para passar a maior parte dos seus dias. ■

ON/DIVULGAÇÃO

REI DO TÊNIS Roger Federer e um dos calçados da On que ajudou a desenvolver: a grife já é sucesso em Wall Street

A RODA DA FORTUNA

Algumas das maiores estrelas do esporte mundial se tornam acionistas de empresas bilionárias e até ajudam na gestão das companhias **LUIZ FELIPE CASTRO**

BRILHAR em Nova York não é novidade para Roger Federer. Cinco dos vinte Grand Slams, como são chamados os principais torneios de tênis, vencidos pelo astro suíço ocorreram no complexo de Flushing Meadows, sede do US Open, no distrito de Queens. Aos 40 anos, ele já celebra novas façanhas a cerca de 20 quilômetros dali, no coração de Manhattan, mais precisamente em Wall Street. Sua estreia na bolsa de valores mais famosa do planeta foi tão espetacular quanto a elegância de suas raquetadas.

Há dois anos, Federer tornou-se sócio investidor da On Holding, uma até então modesta marca suíça de calçados esportivos fundada em 2010 pelo ex-triatleta Olivier Bernhard. Desde então, o negócio decolou. No primeiro semestre deste ano, as vendas da On subiram 85%. No último dia 15, a empresa estreou na Bolsa de de Nova York (Nyse) com um salto de 50% em suas ações, com valor de mercado de 11 bilhões de dólares — em uma semana, a quantia já dobrou.

Federer, portanto, envereda pelo caminho que consagrou outro membro do clube dos GOATs (sigla em inglês para "maior de todos os tempos"). Um deles é Michael Jordan, o rei do basquete, que em 1984 assinou

CAMPEÕES DOS NEGÓCIOS

Os ídolos do esporte que também brilham no mundo corporativo

Roger Federer

Tenista, 40 anos

Suíça

Ele é um dos principais acionistas da marca de calçados suíça On, que estreou na Bolsa de Nova York valendo 11 bilhões de dólares

Michael Jordan

Ex-jogador de basquete, 58 anos

EUA

O ídolo do Chicago Bulls revolucionou o mercado com o lançamento dos tênis Air Jordan, em parceria com a Nike, na década de 80

Cristiano Ronaldo

Jogador de futebol, 36 anos

Portugal

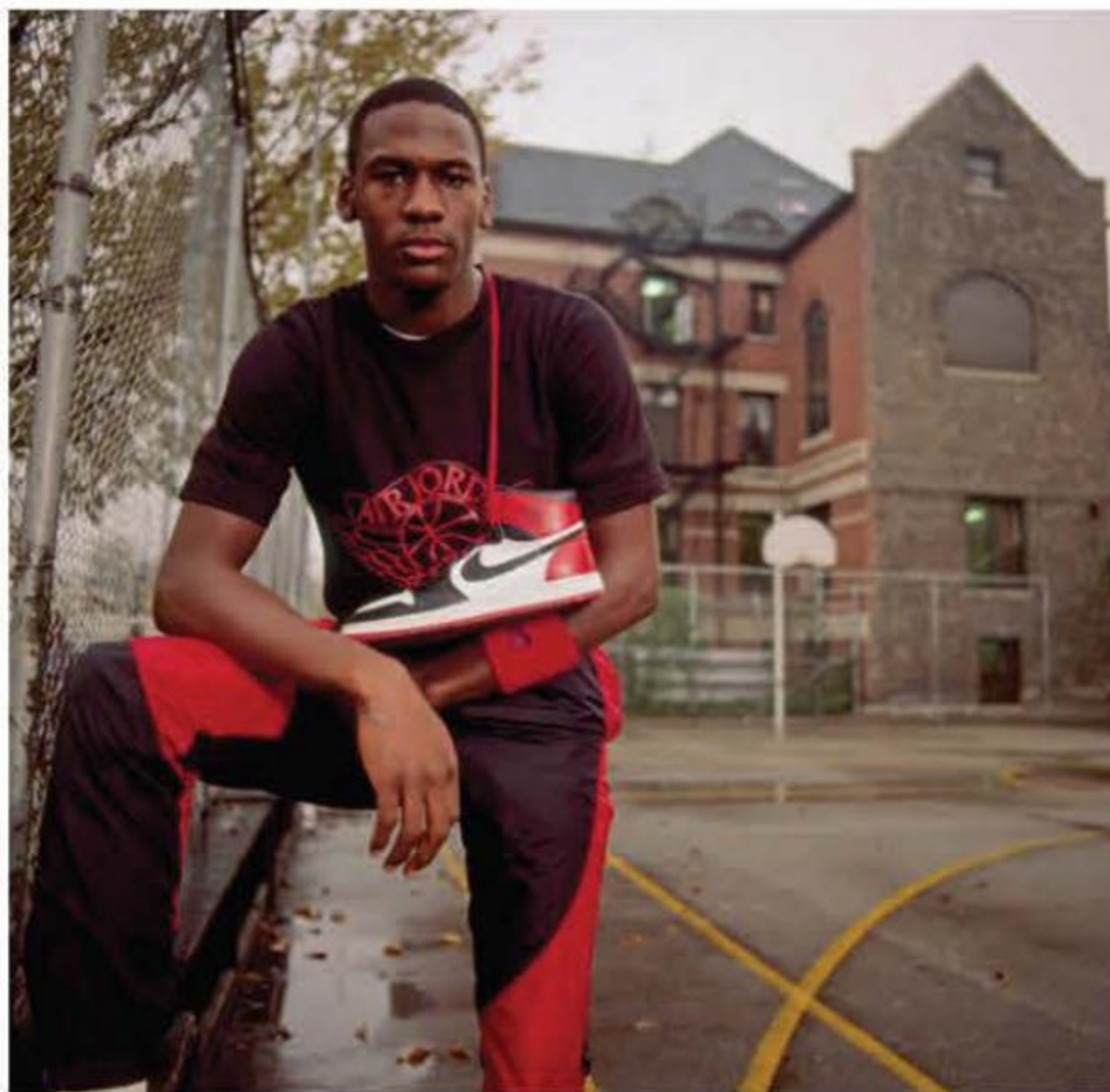
O artilheiro português é dono de uma marca de roupas, um grupo de hotéis e uma rede de academias

Tom Brady

Jogador de futebol americano, 44 anos

EUA

Brady mantém uma marca de estilo de vida, a TB12, e uma empresa de mídia. Em 2021, fundou a Autograph, que vende NFTs

o contrato mais bem-sucedido do esporte mundial, que impulsionou tanto o prodígio do Chicago Bulls quanto a Nike. Sua linha de calçados, a Air Jordan, rendeu-lhe mais de 1 bilhão de dólares e segue sendo item de desejo de colecionadores. A mais recente tacada de mestre de Jordan foi vestir no time de futebol mais estrelado do mundo, o PSG de Neymar, Messi e Mbappé.

NIKE/DIVULGAÇÃO

PRECURSOR O jovem Jordan e o clássico de 1984: a marca segue voando

As feras, claro, não agem sozinhas. Na maioria dos casos, são apenas o rosto mais conhecido de uma megaestrutura. "Os superatletas se tornam, por si só, uma grande marca", ressalta Henning Sandtfoss, fundador da Redoma Capital, empresa que cuida das finanças de jogadores da seleção e medalhistas olímpicos. "Por isso se cercam de profissionais especializados, que mostrarão os possíveis caminhos e eventuais riscos."

Há quem busque opções menos óbvias. O irlandês Conor McGregor, ex-campeão do UFC, um marqueteiro de primeira, tornou-se o atleta mais bem pago em 2021, segundo a revista *Forbes*, mesmo tendo feito apenas três lutas (foi derrotado em duas delas, inapelavelmente) desde 2018. O motivo: vendeu por 150 milhões de dólares a sua participação majoritária na marca de uísque que criou em 2018, a Proper No. Twelve.

Tom Brady, o gênio do futebol americano, também tem dado valiosas contribuições ao empreendedorismo. O marido de Gisele segue levando trombadas aos 44 anos — em fevereiro, conquistou seu sétimo Super Bowl —, mas empresta seu prestígio a outros projetos. Na semana passada, a Religion of Sports, empresa de mídia esportiva da qual é sócio, firmou parceria com a startup brasileira Adventures. "O melhor conteúdo sobre o Brady ainda está por vir e vamos explorá-lo no Brasil", avisa Ricardo Dias, fundador da Adventures. Meses atrás, o quarterback do Tampa Bay Buccaneers também decidiu apostar no setor de criptoativos ao fundar a Autograph, empresa que vende NFTs, itens digitais colecionáveis e certificados. A tenista Naomi Osaka já é uma de suas parceiras. Como de costume, os craques seguem buscando — e enxergando — as melhores brechas. ■

CARRÃO? DISPENSO

Ganhar um automóvel, sonho dos jovens de antigamente, perdeu a graça. As novas gerações querem mais é preservar o meio ambiente **DUDA MONTEIRO DE BARROS** E **MATHEUS DECCACHE**

PARA QUEM chegou aos 60, parece que foi ontem que os jovens, rapazes principalmente, mal alcançavam a idade de dirigir e corriam para tirar carteira de motorista, sonhando com o primeiro carango (gíria também das antigas). Ter carro era sinônimo de liberdade e ferramenta de sedução — o garoto motorizado já saía com vantagem na hora da conquista. Pois esse rito de passagem para a vida adulta caiu em desuso. Tanto os millennials quanto a geração que vem depois deles, os Zs, gente nascida após 1980, torcem o nariz para o carro, em geral, e o próprio, em particular. A atitude combina com sua visão de mundo, na qual se privilegiam experiências em vez de bens materiais e se coloca a proteção do meio ambiente acima de tudo.

Prova cabal do desinteresse da juventude brasileira pelo volante é a queda de mais de meio milhão no número de carteiras de habilitação emitidas para pessoas entre 18 e 30 anos em julho passado, em comparação com o mesmo mês de 2018. Acompanhando esse refluxo, os novos licenciamentos de veículos encolheram em 650 000 unidades entre 2019 e o ano passado, afetando as vendas em um mercado com faturamento médio anual de quase 300 bilhões de reais.

Os jovens de hoje, quando olham para um automóvel, pensam no preço da gasolina, seguro, estacionamento e manutenção, dinheiro que poderiam aproveitar melhor em lazer, viagens e estudos. "Consigo ir a qualquer lugar sem carro e não tenho nem tempo de tirar carteira de habilitação. Para mim, não é prioridade", garante Kourosh Naghibi, 21 anos, estudante de Vitória da Conquista, na Bahia. "Trata-se de um objeto grande demais para ser carregado na experiência cotidiana. Não tem nada a ver com a fluidez desejada pelas novas gerações", elabora Bernardo Conde, professor de antropologia da PUC-Rio. Especialistas explicam que o desdém por possuir coisas é reforçado no mundo moderno pelo sucesso dos negócios virtuais, onde a Amazon não acumula estoques, o Uber não possui um só veículo e o Airbnb passa longe do título de propriedade dos imóveis que aluga.

Outro componente primordial na dispensa do carro próprio é a preocupação com o impacto ambiental da queima de combustível fóssil. Estudo realizado pelo Instituto de Energia e Meio Ambiente (Iema) mostrou que os veículos são responsáveis por 72% das emissões de gases em São Paulo, notoriamente uma das metrópoles mais congestionadas — e poluídas — do planeta. Para as novas gerações, compactuar com isso é inaceitável: em pesquisa da consultoria Deloitte, o aquecimento global aparece em primeiríssimo lugar na lista de preocu-

MUDANÇA DE HÁBITOS

A cada dia, estar à frente do volante fascina menos as novas gerações, o que se reflete na queda de emissão de carteiras nacionais de motorista

(expedição de CNH entre 18 e 30 anos no mês de julho, em milhões)

Fonte: *Denatran*

VOU DE METRÔ Simões, 25 anos: sem perder tempo no trânsito de São Paulo

EGBERTO NOGUEIRA/IMAFOTOGALERIA

pações de quem está na faixa dos 18 aos 26 anos. "Ter carro não compensa mais", decreta Caio Carvalho, 25 anos, estudante de educação física de Niterói que, como tantos de sua faixa etária, passou a fazer seus trajetos de bicicleta. Para Geovani Fagundes, especialista em finanças da consultoria PwC Brasil, a sobrevivência das montadoras depende de sua adesão ao carro elétrico. "Dirigir um veículo com motor de combustão vai ser motivo de vergonha futuramente", afirma. Nas grandes cidades, sustentabilidade se alia a praticidade na hora de se locomover. "Moro e trabalho ao lado de estações de metrô exatamente para perder menos tempo em deslocamentos", diz o designer Klaus Simões, 25 anos, de São Paulo.

Ciente de que os tempos são outros, o setor automobilístico investe na diversificação de negócios. Mercedes-Benz, BMW e Porsche são algumas das marcas de luxo que decidiram percorrer a pista limpa e silenciosa das bicicletas elétricas. De acordo com Evandro Bastos, gerente de produto da Mercedes, o objetivo é atender à necessidade de deslocamento das pessoas sem degradar o meio ambiente — e, de quebra, fidelizar os cobiçados consumidores jovens. A General Motors, por sua vez, aposta que os carros continuarão relevantes, mas os combustíveis à base de petróleo têm os dias contados. "A tendência à mudança já atinge, inclusive, quem tem mais de 35 anos", observa Hermann Mahnke, diretor-executivo de marketing da GM para a América do Sul. Uma alternativa que começa a se popularizar, sobretudo entre os jovens, são os serviços de assinatura — a pessoa escolhe um carro zero na locadora e, mediante pagamento mensal, pode usá-lo e devolver na hora que quiser, pelo prazo do contrato. "A estabilidade já não tem mais tanto valor, o que pode ser muito saudável", afirma a psicóloga Lidia Aratangy, da USP. Livre de amarras, a juventude segue — a pé — em outra direção. ■

DOWN NÃO É DOENÇA. É CONDIÇÃO GENÉTICA

Depois de campanha feita por Vitória Mesquita, o Google mudou a definição da síndrome

MEU NOME É VITÓRIA. Nasci em Brasília, tenho 22 anos. Sou *influencer* digital e tenho deficiência. Mas não sou portadora da síndrome de Down porque Down não é doença e sim uma condição genética. A gente tem três cromossomos 21 nas células em vez de dois. É por essa razão que se chama trissomia do cromossomo 21. O fato de ser Down me dá a chance de lutar contra o preconceito, o bullying e a tendência das pessoas de subestimarem as capacidades de quem tem deficiência. Isso não tem de acontecer. Os Downs fazem de tudo!

Foi por isso que resolvi promover uma campanha on-line para mudar o que estava descrito no Google sobre a síndrome. Eu e minhas irmãs, Luiza e Catarina, estávamos conversando e começamos a procurar na internet sobre pessoas com Down. Vimos que o Google estava errado: a síndrome aparecia como uma doença. Só que eu não estou doente, não sou doente. Meu namorado, o Gabriel Lima, também não. Achei aquilo muito ruim. O Google é o maior site de busca do mundo e não dava para deixar que aquela definição continuasse lá. Pense, por exemplo, e se uma mãe fizesse uma pesquisa sobre seu filho Down e aparecesse que ele é doente? E todo mundo lendo e pensando que ele não tem muitas habilidades? Não pode simplesmente porque está errado. Não é verdade.

Em abril, comecei a campanha #atualizaGoogle na minha conta do Instagram que tinha aberto em janeiro. Naquela época, estava muito ansiosa porque suspendi tudo o que eu fazia quando começou a pandemia. E era muita coisa, viu? Faço capoeira, balé, street dance, já pratiquei karatê, natação, teatro, muay thai. Também gosto de fotografar crianças e animais como peixes e as minhas cachorras Frida e Greta. E leio muito! Na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, que eu frequento, cuido dos livros da biblioteca. Adoro Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis e Paulo Coelho. Ficar sem essas atividades mexeu comigo.

Mas começar a postar em um blog e depois no Instagram fez muito bem para mim. Falo da minha rotina, das atividades diárias, ajudo a quebrar mitos em relação aos Downs. E foi um jeito também de eu exercer minha criatividade, de me manter ocupada. Fiz tudo com o incentivo e a ajuda das minhas irmãs. Para a campanha, gravei um vídeo, em maio, falando do que eu tinha visto no Google e como aquilo podia contribuir para o entendimento errado da síndrome. Pedi para as pessoas compartilharem e me marcarem. Como já tinha o perfil, era querida pelos seguidores e recebia muitas mensagens, deu certo. Foram os próprios seguidores que me avisaram que o Google tinha atualizado a definição em 12 de setembro (a empresa mudou o resultado da pesquisa para o termo "Síndrome de Down" de "doença" para "condição genética", como Vitória pediu). Fiquei muito feliz com isso! O vídeo ficou famoso, apareceu em palestras, ganhei muito mais seguidores (hoje, são 18 600), tenho até fãs. O mais bacana é que essa campanha e a vitória que conseguimos foram fundamentais na luta contra o preconceito. Estou tão animada que quero fazer outras coisas como essa para continuar nessa luta. Fazer mais e melhor porque eu tenho força. Sei que posso influenciar as pessoas e fazer com que entendam que não somos doentes, somos diferentes. Como todo mundo, também tenho muitos sonhos. Adoro moda, por exemplo. Quero ser modelo e participar de desfiles de moda inclusiva para inspirar muito mais gente. Agora, é seguir em frente. Ainda tenho muita coisa para falar, fazer, ajudar, inspirar. Essa é a minha vida e ela é muito importante, assim como a vida de todas as pessoas, com ou sem Down. ■

Depoimento dado a Simone Blanes

BEN BIRCHALL/PA IMAGES/GETTY IMAGES

EM OBRAS
Andaimes no círculo de rochas: conserto de rachaduras e buracos

UMA PEDRA NO CAMINHO

A Inglaterra inicia um dos mais ambiciosos programas de restauração dos misteriosos blocos de arenito de Stonehenge. A ideia é preservá-lo para as futuras gerações **ALESSANDRO GIANNINI**

NOS ÚLTIMOS 4500 anos, Stonehenge, monumento arquitetônico na planície de Salisbury, a 140 quilômetros de Londres, na Inglaterra, foi castigado por toda sorte de intempéries e ações humanas. Ainda assim, resistiu bravamente às marcas do tempo, a ponto de ser considerado Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). O fascínio justifica-se. As ruínas locais contam uma história que remonta ao período neolítico e remete aos povos que começavam a se estabelecer em comunidades e a criar hábitos e instrumentos para a manutenção da vida cotidiana na região. Resta apenas parte das pedras que um dia formaram círculos concêntricos e foram dispostas de acordo com a posição do sol na época dos solstícios de verão e inverno, talvez para a realização de rituais religiosos ou fúnebres no local — não há elementos suficientes para determinar sua função exata. Pois desde a semana passada, técnicos ocuparam o ponto turístico, um dos mais visitados do país, para recuperar rachaduras e buracos nos megálitos pré-históricos, em um dos maiores trabalhos de conservação realizados em décadas.

O sistema de numeração das pedras, criado em 1880 por William Flinders Petrie, coincide com o início do período moderno de restaurações de Stonehenge. A primeira intervenção documentada aconteceu um ano depois, para impedir a queda de um dos megálitos. Já em 1893, o então inspetor de monumentos antigos alertou para o fato de que muitos blocos corriam o risco de cair. Sete anos depois, às vésperas do Ano-Novo, na virada para o século XX, uma tem-

BEN BIRCHALL/PA IMAGES/GETTY IMAGES

CUIDADOS Técnico examina uma peça: em busca de falhas a serem reparadas

pestade derrubou a pedra número 22, que ficou inteira na queda, e o lintel (como são chamados os blocos horizontais) número 122, que se partiu em dois pedaços tamanha a violência com que encontrou o chão. Fazia mais de um século que ocorrências desse tipo não eram registradas. Os restauros mais abrangentes e recentes datam do fim dos anos 50 e começo dos 60, e deixaram heranças que deverão ser corrigidas até o final do atual processo de recuperação.

Os trabalhos de agora estão sendo coordenados pelo English Heritage, o patrimônio histórico inglês, órgão responsável pela conservação e manutenção dos monumentos do país. Uma das pedras que a equipe vai examinar com mais atenção é justamente a de número 122, cujos pedaços quebrados na queda de 1900 foram "colados" com argamassa de concreto em 1958. A peça restaurada foi recolocada em sua posição original, como uma viga sobre duas outras verticais. Em 2018, quando uma equipe de arqueólogos e geólogos descobriu que alguns dos blocos de arenito foram trazidos de West Woods, uma área florestal a 25 quilômetros dali, os técnicos identificaram que a emenda estava rachando e com pedaços caindo.

PA IMAGES/GETTY IMAGES

PASSADO No fim dos anos 1950: ao longo da história, o local passou por diversos ciclos de manutenção

O novo projeto de conservação traz um elemento de curiosidade. Algumas pessoas que estiveram envolvidas na intervenção do fim da década de 50 foram contatadas. Entre elas, Richard Woodman-Bailey, que tinha apenas 8 anos na época. Seu pai, o então arquiteto-chefe de monumentos antigos TA Bailey, que liderou o trabalho de restauração, deu-lhe o privilégio de pôr uma moeda sob um dos megálitos. O English Heritage e a Royal Mint, a casa da moeda britânica, providenciaram para que ele, hoje com 71 anos, volte a Stonehenge para colocar uma outra peça comemorativa de prata — cunhada especialmente para a ocasião — dentro da nova argamassa que vai segurar os blocos horizontais no lugar. "Graças à tecnologia e aos nossos monitoramentos, as pedras agora serão capazes de resistir ao teste do tempo", comemorou a curadora de Stonehenge, Heather Sebire. A humanidade agradece. ■

PATRIMÔNIO EM RISCO

Como será o trabalho de recuperação

Temperaturas extremas, ventos e tempestades ao longo dos anos ampliaram rachaduras e cavidades ocultas nas rochas

As falhas foram identificadas por equipamentos a laser, que detectaram buracos profundos em algumas pedras

A restauração impedirá que as rachaduras existentes se ampliem e substituirá a argamassa de concreto usada em reparos nos anos 1950 e 60 por argamassa de cal

FOTOS DIVULGAÇÃO

NOVA BOSSA Passarela: looks apresentados no New York Bridal Fashion Week 2021 mostram inspiração na alfaiataria

SURPRESA NO ALTAR

Calças compridas e macacões entram na lista dos modelos preferidos pelas noivas. No grande dia, elas querem o conforto das roupas que marcam a moda na pandemia **SIMONE BLANES**

DESDE OS TEMPOS da rainha Vitória, que governou o Reino Unido de 1837 a 1901, o vestido da noiva é a maior atração da cerimônia de casamento. Em seu enlace com Albert de Saxe-Coburgo, em 10 de fevereiro de 1840, em Londres, a monarca selou a tradição do vestido branco que perdura até hoje. Antes associado ao luto — o mais comum entre as noivas eram os vestidos coloridos, como o dourado e azul, e, no caso da realeza, o púrpura —, o branco tornou-se a cor oficial depois de Vitória. O vestido, já nem tanto. O modelo não reina mais tão soberano. Em 1971, por exemplo, Bianca Jagger surpreendeu com seu tailleur branco desenhado por Yves Saint Laurent quando se casou com Mick Jagger. Em 1995, a atriz Pamela Anderson usou um biquíni — tudo bem, era branco — para se unir ao roqueiro Tommy Lee. Nos dois casos, há um denominador comum: a personalidade da noiva. E é exatamente este o motivo que continua fazendo surgir novas bossas nas cerimônias.

HULTON-DEUTSCH/CORBIS/GETTY IMAGES

PASSADO Modelito bolo confeitado: o vestido de casamento da princesa Diana tinha 10 000 pérolas e uma cauda de 7,6 metros. Ele foi imitado por décadas, mas hoje quase ninguém se inspira em tanto volume e detalhes

A mais nova são as calças compridas. Vistas em desfiles de moda nupcial, elas estão entre os modelos preferidos das noivas do século XXI. Boa parte delas não liga a mínima para a pressão de vestir um figurino que não lhe faz sentido. O que desejam é um rito com significado e um traje que reflita sua personalidade. “A mulher quer algo com a cara dela e não se fantasiar de noiva”, diz Lethicia Bronstein, estilista que tem em seu currículo, por exemplo, os modelos que as atrizes Camila Queiroz e Milena Toscano usaram em seus casamentos.

A busca por conforto, marca da moda na pandemia, e a segurança de noivos e convidados também influenciaram a mudança de figurino. Os eventos estão mais intimistas, menos suntuosos, e a noiva quer respirar sem aperto ou algo que a incomode. "As noivas optam por trajes adaptados às suas realidades mas sem perder o glamour do grande dia", explica Lethicia. De fato, as noivas contemporâneas trazem sua personalidade por meio da forma como se apresentam ao mundo. No caso das que optam por se casar de calças compridas, elas preferem a elegância de trajes de alfaiataria, com linhas simples e retas e algum toque de ousadia, claro.

Uma inspiração é a advogada Amal Alamuddin, que em 2014 se casou com o ator George Clooney a bordo de um elegante conjunto de calça e blusa assinado por Stella McCartney. Os conjuntos, aliás, são tendência forte pelo que se viu na edição do New York Bridal Fashion Week 2021. Ao lado dos macacões, eles apareceram em muitas coleções, incorporando diversos estilos. Todos esses trajes são perfeitos para eventos urbanos ou realizados ao ar livre. No ato religioso, podem estar associados a elementos mais sofisticados. Por isso, de acordo com o estilo da noiva, vale a incorporação de detalhes em rendas ou brilhos, véus, saias removíveis, laços ou até uma capa, como a usada pela cantora Solange Knowles em seu macacão de casamento. "O aspecto mais tradicional é a cor alva", pontua Lethicia sobre o branco e suas variações off-white e marfim. Embora clássico, ele conversa perfeitamente com os modelos que qualquer mulher queira usar no dia do casamento (e que seja eterno enquanto dure). ■

COVIDALGIA

Novas palavras nos ajudam a superar velhos medos

O DESCONFORTO de ficar em locais fechados é claustrofobia. A angústia de estar em aglomerações é agorafobia. Incomodar-se com pequenos sons que a maioria nem repara, como mastigar, tossir ou simplesmente limpar a garganta, é misofonia. A aflição ao falar em público é glossofobia. Como se não bastasse o mal causado por essas fobias, nossos tempos forjaram o medo de todos esses medos juntos. E ele ganhou um nome, é o FORTO.

Esta é uma abreviação de *fear of returning to the office*. Em tradução literal, seria o "medo de voltar para o escritório". E o FORTO é real. Para sete em cada dez pessoas, retornar à rotina do escritório será "difícil" e "estranho", segundo pesquisa da consultoria Korn Ferry.

Entretanto, com o avanço da vacinação e a queda no número de internações, cabe pensar. Será que esse temor de retornar ao local de trabalho está relacionado apenas com a Covid?

Imaginar o "chato" do escritório com dois anos de assuntos para botar em dia pode ser bastante assustador, a ponto de influir no seu FORTO. Não há quem esteja pronto para isso. Outras coisas também trazem pavor na retomada, como dividir espaços, evitar virar os olhos presencialmente e voltar a usar sapatos!

Afinal, depois das cavernas, dos feudos e das sesmarias, é nos escritórios que se enfrentam os limites humanos. Tanto físicos quanto, ultimamente, mentais, como o stress e a síndrome de burnout. Pois então veio a pandemia, que fechou tudo, inaugurou a era do home office e, de uma hora para outra, fez cessar esses transtornos fóbico-ansiosos para muita gente.

Sim, no meio de tantas vítimas, muitas outras foram salvas. O que nos leva a uma outra nova palavra no léxico, "covidalgia", a nostalgia do tempo da Covid-19. Isso mesmo, saudades da pandemia.

Por incrível que pareça, já há quem sinta falta da fase dura do confinamento, como a ausência de trânsito nas ruas vazias. Menos mesquinha, dentre as covidalgias mais sentidas para quem retorna à rotina estará a saudade da comida feita em casa, por exemplo. Outras perdas serão sentidas. Lá se vão hábitos saudáveis como a caminhada matinal, diante da necessidade de sair mais cedo e evitar o engarrafamento. E adeus a comer em família, diante da junk food cotidiana entre reuniões e os snacks da madrugada para entregar o relatório na primeira hora.

"Por incrível que pareça, já há quem sinta falta da fase dura do confinamento, das ruas sem trânsito"

Como algo que ninguém controla, medos também são necessários. Fica difícil confessar, mas a verdade é que não descendemos do hominídeo mais valente. Esse achou que dava conta e foi comido pelo leão. Viemos do que estava logo atrás, do mais prudente. Ou seja, do "medroso".

Sem poder evitar, resta superar o novo medo. A adaptabilidade que levou os funcionários para o home office agora será importante para fazer o caminho inverso.

De qualquer forma, diante da conjuntura atual, em que se teme o que inventam em boatos e fatos alternativos, esse seria só mais um livramento. Sorte que, neste caso, a pista está clara. Vencer o FORTO nos tornará mais fortes. ■

OS MESTRES DO ALGORITMO

O uso da inteligência artificial para criar obras digitais milionárias traz uma especulação digna de ficção científica: os computadores um dia substituirão os artistas? **AMANDA CAPUANO**

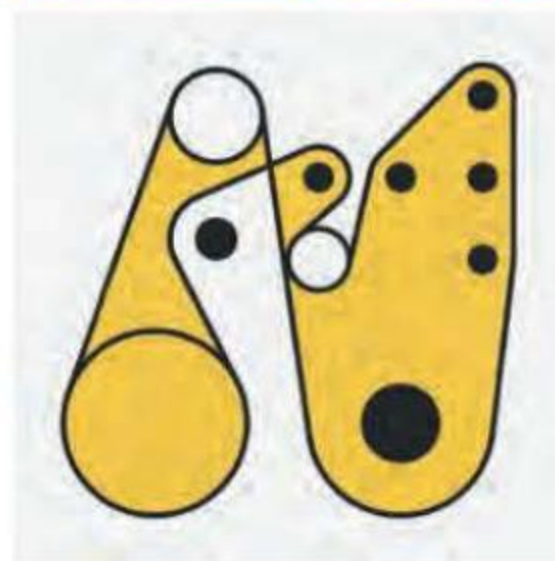
QUANDO A PAULISTA Monica Rizzolli iniciou a carreira artística, em 2008, a tela e o pincel eram seus melhores amigos. Quatro anos depois, ela embarcou em uma jornada autodidata na programação de computadores — atividade que muitos veriam como o extremo oposto da liberdade criativa. Pois foi aí que Monica, de 39 anos, se encontrou. "A programação faz com que as coisas se repitam, mas de maneiras diferentes. Eu me apaixonei pela possibilidade de trazer essa repetição irregular para meu desenho", diz ela. Agora, essa divagante paixão acaba de se reverter em fortuna bem concreta. A brasileira é a criadora de *Fragmentos de um Campo Infinito,* série de 1 024 pinturas florais que arrecadou mais de 25 milhões de reais no início de setembro. Seu feito atesta a altíssima fervura do mercado de NFTs — obras digitais portadoras de um código capaz de lhes conferir o selo de "únicas". Mas não só: chama atenção que os trabalhos supervalorizados não foram concebidos pela artista, e sim por algoritmos programados por ela. Chegou o dia, enfim, em que a pintura ousa desbravar um território antes só possível na ficção científica: as mãos humanas dão lugar às pinceladas da inteligência artificial.

A criatividade é a última fronteira entre máquinas e humanos, apontou um estudo da Universidade de Oxford que colocava ocupações que lidam com a subjetividade em uma zona de risco reduzido de substituição pela tecnologia. Mas a popularização de uma arte criada por algoritmos parece apontar para um futuro em que tal metamorfose não será assim tão improvável — ainda que a revolução não seja movida por robôs transmutados em pintores, mas programas de computador que copiam e se antecipam ao comportamento das pessoas reais.

As obras de Monica são parte de um fenômeno maior de valorização da arte feita por algoritmos. Um dos vetores da tendência, a plataforma Art Blocks tem atraído colecionadores dispostos a investir muita grana na chamada "arte gerativa". Só em agosto, o site registrou mais de 50 000 transações que movimentaram o equivalente a 600 milhões de dólares em criptomoedas. No atual estágio da inteligência artificial, o empurrão humano ainda é fundamental não só como grife, mas para escrever o código que rege o algoritmo e traçar a ideia visual da obra. "Hoje, o valor ainda depende muito do criador, mas no futuro haverá uma mistura entre o valor artístico e o valor do código de programação", prevê Victor Armellini, sócio da NFTrend, que considera que a maior falha das máquinas — por enquanto — é sua incapacidade de discernir o valor artístico das coisas.

Embora as engenhocas tecnológicas não roubem o emprego dos artistas, os programadores já entraram na disputa pelo mercado. Formado em computação, o americano Tyler Hobbs é um dos nomes fortes do ramo. Sua

FOTOS ART BLOCKS

coleção mais famosa, *Fidenza*, brinca com formas e cores em 999 obras lançadas em junho, e vendidas inicialmente por cerca de 400 dólares cada uma. Meses depois, o valor delas explodiu, alcançando cifras milionárias. "Quero encontrar novas maneiras de fundir profundamente a mão com o algoritmo", já proclamou Hobbs. Na contramão dele, Monica Rizzolli foi da

TRAÇOS ARTIFICIAIS Obra de Hobbs *(à esq.)*, tela floral da brasileira Monica Rizzolli *(no alto)*, o desenho de cordas enroladas recordista de valor *(acima, à esq.)* e o macaco mutante: vendas de 600 milhões de dólares

arte tradicional à programação. Para transformar as flores que retrata em números, ela estudou botânica e passou dois meses programando o algoritmo. "É como se jogasse um dado e a combinação dos lançamentos definisse a estação, as cores, a quantidade de pétalas e cada detalhe da obra."

Uma amostra do virtuosismo que os algoritmos-pintores podem atingir foi seu recente uso para reproduzir o modo de pintar do mestre Rembrandt, na Holanda. Nas obras de algoritmos à venda on-line, a coisa é mais prosaica: o comprador seleciona uma série e adquire um exemplar ainda inexistente, gerado na hora pelo computador. Aos avessos à surpresa, também circulam obras já concluídas. A recordista de valor até agora, vendida por quase 30 milhões de reais, é *Ringers #879*, do canadense Dmitri Cherniak, que retrata uma das 1 000 formas de enrolar uma corda. Fazem sucesso, ainda, os simpáticos macacos da série *Bored Ape Yacht Club*, que muda os elementos de sua composição a cada nova imagem e ganhou até leilão na tradicional Sotheby's. Prepare a carteira: a arte do futuro chegou. ■

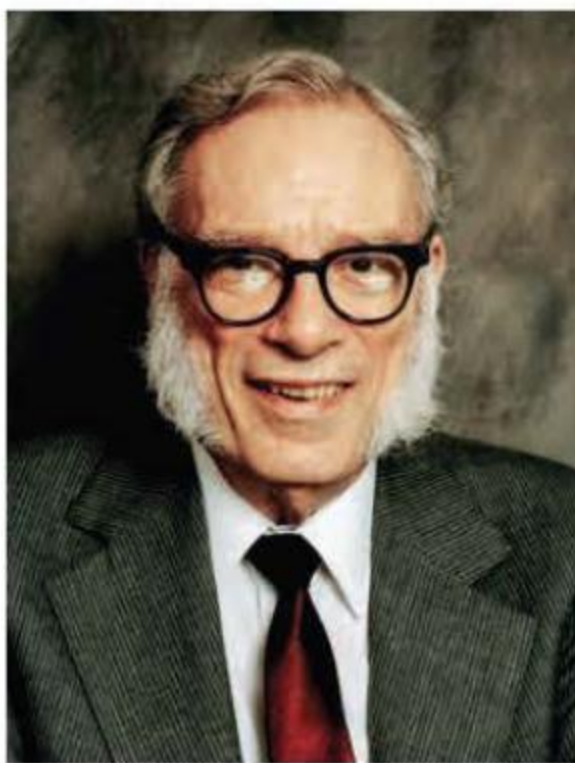
O ETERNO RETORNO

Com superprodução e elenco às vezes formidável, *Fundação* doma os livros de Isaac Asimov e sublinha sua ideia central: quem não aprende com o passado repetirá seus erros no futuro

ISABELA BOSCOV

Os oceanos de Synnax não param de subir, e os habitantes do planeta — pouco mais que uma vila de pescadores erguida sobre o mar — reagem à catástrofe iminente com uma guinada para o fundamentalismo religioso. Toda a ciência e a educação são interditadas, sob pena de morte. É no rústico Synnax, entretanto, que desponta uma das maiores mentes matemáticas do universo conhecido (e ele é grande; conta com milhares de planetas habitados e uma população que soma 10 trilhões de pessoas). A jovem Gaal Dornick (Lou Llobell) soluciona um teorema tido como insolúvel e, assim, é convidada pelo legendário Hari Seldon (Jared Harris) a juntar-se a ele em Trantor, a capital do Império Galáctico. O próprio Seldon, porém, está sobre o fio da navalha. Fundador de um ramo da ciência conhecido como psico-história, Seldon usa modelos matemáticos para prever eventos-chave futuros. E, segundo ele, em não mais do que 500 anos o Império Galáctico, que já dura 10 000 anos e se pretende eterno, estará em ruínas, mergulhando a humanidade em 30 milênios de barbárie — a não ser que, em vez de ser executado, como quer o Império, ele possa ser exilado com seus enciclopedistas em Terminus, um planeta nos confins da galáxia, para, em paz, se dedicarem a concentrar saber e

CORAGEM Gaal, a matemática genial, deixa seu planeta: só o conhecimento mostra o caminho

APPLE TV+

ALEX GOTFRYD/CORBIS/GETTY IMAGES

INFLUÊNCIA Isaac Asimov: autor de ficção e propagador da ciência

ciência e assim abreviarem o período de trevas para 1 000 anos apenas. Essa é a Fundação que dá nome à série que acaba de estrear na AppleTV+ e tem também ela uma grande ambição: adaptar o universo que Isaac Asimov (1920-1992) começou a gestar na década de 40 e que seguiu expandindo até a década de 80.

***Fundação** (Foundation,* Estados Unidos, 2021) foi um projeto várias vezes ensaiado e várias vezes gorado: trata-se de uma saga que cobre cerca de um milênio, com saltos vastos no tempo e um sem-número de locações e personagens revezando-se no protagonismo, e que tem ainda a marca de Asimov — a de se apoiar muito mais em conceitos e ideias que numa concepção convencional de enredo. Meramente domar esse material já seria boa medida de êxito. Mas, com os bolsos fundos da Apple e nas mãos de David S. Goyer, produtor experiente, a criação de Asimov ganha vida nos cenários impressionantes, na justaposição entre o épico e o íntimo e no elenco às vezes formidável — começando pelo sempre estupendo Jared Harris. Ganha vida, sobretudo, no modo como respeita os princípios de Asimov, da fé na racionalidade e na difusão do conhecimento como antídoto ao obscurantismo, até a sua visão da história, aquela com "H" maiúsculo.

APPLE TV+

O PLANEJADOR Harris, como Seldon: à imagem e semelhança de seu criador

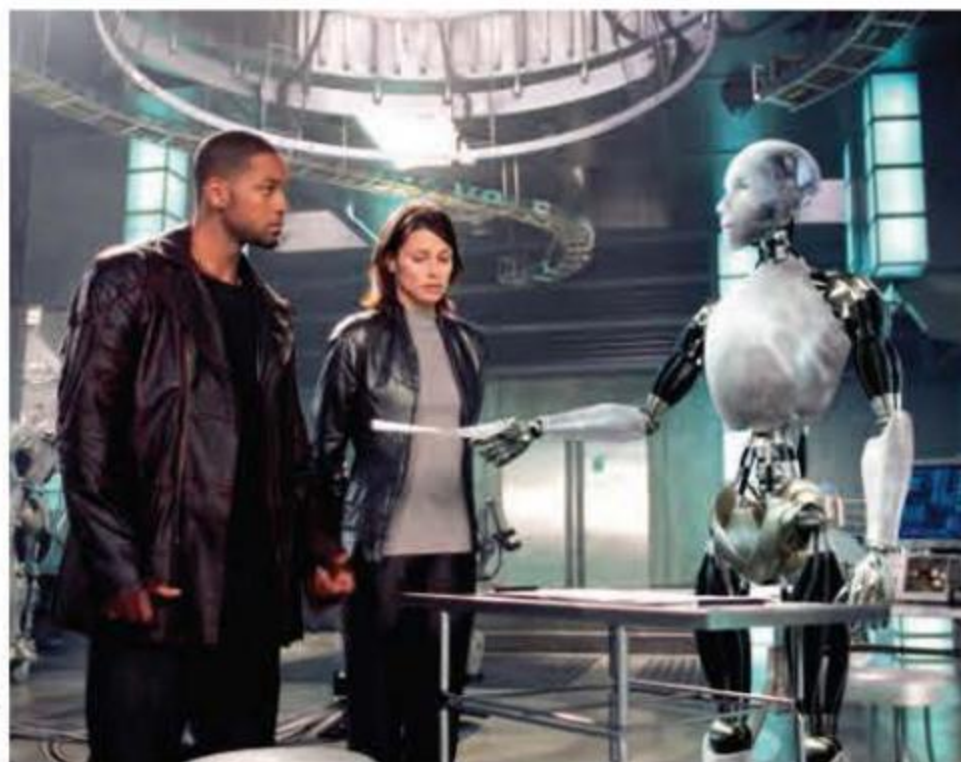
Quando publicou os contos que seriam a gênese de *Fundação*, no início dos anos 40, Asimov tinha acabado de se graduar em química — bem antes, portanto, de fazer seus doutorados, de assumir o cargo de professor de bioquímica na Universidade Colúmbia e de se consagrar como o mais influente de todos os autores de ficção científica (embora um dos menos adaptados: até hoje, só dois filmes dignos de nota conseguiram transpor para a tela algo do que estava na página — *O Homem Bicentenário*, de 1999, com Robin Williams, e *Eu, Robô*, de 2004, com Will Smith). Os Estados Unidos, então, ainda nem tinham entrado na II Guerra. Mas Asimov vinha de outro mundo: de um vilarejo judeu na Rússia dos massacres antissemitas e da Revolução Comunista. Tinha 3 anos quando sua família imigrou para Nova York, mas cresceu em um ambiente em que era premente o conhecimento de que culturas e impérios se esfacelam — e foi da leitura do clássico do século XVIII *História do Declínio e Queda do Império Romano* que germinou a ideia do que viria a ser série *Fundação*.

No decorrer das décadas seguintes, Asimov foi incorporando a esse mundo os outros que havia criado em livros e contos, notavelmente as séries *Robôs* (suas "Três Leis da Robótica" seguem sendo um dos mais elegantes postulados lógicos sobre a criação de inteligências artificiais e a convivência com elas) e *Império*. E foi integrando a *Fundação* também todos os grandes eventos e movimentos do período: a Guerra Fria, o macartismo, a ascensão do terrorismo e de facções religiosas politicamente radicalizadas, a crise ambiental — cuja extensão ele foi um dos primeiros a antever.

Essa dinâmica de conceitualização e escrita é o que torna o universo expandido de *Fundação* tão atual. Assistindo à série, poderia ter-se a impressão de que Asimov, como Hari Seldon, foi capaz de prever as movimentações geopolíticas que estavam ainda no futuro, e cuja relevância para este momento o time de roteiristas e diretores de David S. Goyer ressalta de maneira tão hábil quanto envolvente. O lance realmente decisivo da série, porém, é como ela contorna as dificuldades impostas pelos livros: preenchendo os vazios deixados no enredo pelos saltos de Asimov com personagens e drama — e com deslumbramento e beleza. Como o próprio autor gostava de dizer, o que faz um bom cientista é olhar para o mundo com a sensibilidade e a curiosidade de um artista — e vice-versa. ■

PHOTO12/AFP

TWENTIETH CENTURY FOX

NÓS E ELES *O Homem Bicentenário (acima)* e *Eu, Robô*: visão transformadora sobre a inteligência artificial

AMAZON PRIME

AMOR BANDIDO Suzane (Carla Diaz) e Daniel (Leonardo Bittencourt): quem seria vítima e manipulador nesta foto?

A MENTIRA TEM DOIS LADOS

Dois filmes narram o assassinato dos pais de Suzane von Richthofen pelos ângulos dela e do ex-namorado. Mas confrontar as versões de ambos, por si só, não ilumina a verdade dos fatos

"MEU DIA? Meu dia foi normal", diz a jovem loira, de olheiras profundas e terço na mão. O tal "dia normal" era a fatídica quarta-feira, 30 de outubro de 2002 — em cuja madrugada ocorreria o assassinato de Manfred e Marísia von Richthofen, em um bairro nobre de São Paulo. O depoimento banhado em lágrimas de Suzane von Richthofen, filha de 18 anos do casal, almejava vendê-la ao júri como vítima da manipulação do namorado, Daniel Cravinhos. "Achava que ele queria matar meus pais por amor", declarou ela, com frieza. O trecho do julgamento do crime de enorme repercussão no país é reproduzido em detalhes no filme ***O Menino que Matou Meus Pais,*** narrado pela óptica de Suzane (Carla Diaz). Mas um segundo longa, ***A Menina que Matou os Pais,*** traz o lado de Daniel (Leonardo Bittencourt). Após sucessivos adiamentos nos cinemas, acabam de ser lançados pelo Prime Video, da Amazon.

Dirigidos por Mauricio Eça, com roteiro de Ilana Casoy e Raphael Montes, os filmes foram baseados no julgamento, em 2006. Suzane se dizia uma escrava de Daniel; ele afirmava o oposto: estaria tão obcecado por ela que cometeu o crime achando que a vingaria de abusos do pai. Quem diz a verdade? Não importa. Réus confessos, os dois lançaram mão do vitimismo para tentar penas mais brandas. Não adiantou: Suzane e Daniel foram condenados a 39 anos e seis meses; Cristian, irmão de Daniel e participante do homicídio, pegou 38 anos.

Ao reconstituir de forma quase literal o disse que disse presente nos depoimentos dos condenados no processo, os filmes ficam na superfície do caso, deixando que o público seja manipulado pelos protagonistas — pois confrontar as versões de ambos, por si só, não ilumina a verdade dos fatos. Em contrapartida, sanam a curiosidade alheia ao adentrar nos bastidores da barbárie protagonizada por uma bela menina rica. Tal apelo, até hoje, faz com que cada "saidinha" de Suzane atraia fotógrafos. Em 2018, Daniel progrediu para o regime aberto. Suzane, ainda no semiaberto, almeja o mesmo direito, mas não passa no teste psicológico. Os especialistas — que ela tentou dobrar — dizem que a moça é narcisista, manipuladora e egocêntrica. Ainda assim, ela conquistou recentemente na Justiça o direito de cursar uma faculdade. A aparência angelical ainda engana. Só que as falas como a do "dia normal" abrem brechas para sua faceta mais assustadora. ■

Raquel Carneiro

AVENTUREIROS
Roosevelt (Aidan Quinn) e Rondon (Chico Diaz): doenças e até flechada na mata

EPOPEIA AMAZÔNICA

O Hóspede Americano resgata a célebre expedição de Theodore Roosevelt e Cândido Rondon pela floresta — e expõe os contrastes entre esses dois gigantes da história **RAQUEL CARNEIRO**

EM 1914, o ex-presidente americano Theodore Roosevelt (1858-1919), então aos 55 anos, se embrenhou pela Floresta Amazônica no norte de Mato Grosso. A aventura ao lado do marechal Cândido Rondon (1865-1958), explorador brasileiro de sangue indígena, tinha o intuito de catalogar espécies e mapear um rio inexplorado, batizado sugestivamente de Rio da Dúvida. Acostumado a safáris e viagens com pouco conforto, Roosevelt sabia lidar com perrengues. A Amazônia, porém, foi um desafio excruciante. "O mundo selvagem no Brasil me tirou dez anos de vida", diria ele sobre a experiência de dois meses. A constatação não era uma lamúria de arrependimento, mas quase uma bravata: a Expedição Científica Roosevelt-Rondon foi, apesar de muitos pesares, bem-sucedida e seria lembrada pelo americano como um grande feito em seu invejável currículo.

Tema de diversos livros, entre eles um da pena do próprio Roosevelt, *Through the Brazilian Wilderness*

HBO MAX

(Na Selva Brasileira), a viagem agora conduz à envolvente minissérie *O Hóspede Americano,* que estreia às 23 horas do domingo 26 no canal HBO e no HBO Max. Dirigido pelo brasileiro Bruno Barreto, com roteiro do inglês Matthew Chapman, o drama em quatro episódios relega os mistérios da floresta a papel coadjuvante. Em vez disso, prioriza os dilemas humanos, desde a insignificância do homem perante a natureza até o questionamento do conceito que atrela a valentia aos excessos da virilidade. Roosevelt (o americano Aidan Quinn) e Rondon (Chico Diaz, ótimo) são apresentados em solo brasileiro e optam por explorar o Rio da Dúvida quando ele se revela a única opção em aberto: Roosevelt se surpreende diante do avanço do país no mapeamento local, progresso para o qual Rondon foi um colaborador decisivo. Os dois se tratam com um respeito protocolar, até surgir a inescapável disputa por poder. Exemplo dos estereótipos da masculinidade, que vão da beligerância à rigidez nos modos, a dupla trava um embate sutil graças, especialmente, à conduta cortês de Rondon. Roosevelt eventualmente percebe que a mansidão do colega brasileiro é fruto de um autocontrole descomunal — qualidade que ele terá de aprender.

Responsável por verter diversas áreas nos Estados Unidos, como o Grand Canyon, em parques nacionais, o ex-presidente e herói de guerra tinha um lado feroz que destoava de seu discurso de tolerância e proteção ao meio ambiente. Com espingarda em punho, ele caçou em solo brasileiro diversos animais para catalogação científica e alimentação, mas também o fez por esporte: gabou-se ao realizar o sonho de matar uma onça-pintada. A carnificina ficou fora da minissérie, mas é uma constante no diário de Roosevelt — ele descobriria no Brasil que seus piores inimigos, os mosquitos, não sucumbem às armas. A postura belicosa se repete diante dos índios: ao menor indício de ser atacado, ele alerta dizendo que vai atirar primeiro.

Rondon, em contraste, é um defensor da convivência pacífica com os nativos — e tenta abaixar a espingarda do turrão Roosevelt em sinal de rendição. O que nem sempre dá certo: num episódio, leva uma flechada por culpa do americano. O brasileiro, contudo, também tem sua cota de brutalidade: ele chicoteia um dos soldados por roubar comida quando os mantimentos são racionados. “Eram homens complexos e cultos. Sensíveis, mas com monstros dentro de si”, diz Barreto.

BETTMANN ARCHIVE/GETTY IMAGES

REGISTRO Roosevelt e Rondon em 1914: parceria foi fruto de convivência divergente, mas respeitosa

Pensado inicialmente para um filme, o roteiro se expandiu quando o cineasta quis se aprofundar no passado de Roosevelt: a trama se divide entre as adversidades rio adentro e a carreira do protagonista. Alçado a presidente em 1901 com o assassinato de William McKinley, de quem era vice, Roosevelt foi reeleito e continuou no cargo até 1909. Desiludido com o Partido Republicano, ele concorreu mais uma vez, como dissidente — e perdeu. Na campanha, sofreu um atentado, e veio ao Brasil com a bala alojada em si. Na expedição, sobreviveu à malária e a uma cirurgia ao ar livre, em decorrência de uma ferida na perna. Perdeu 23 quilos e ficou com saúde frágil até sua morte, em 1919. Rondon continuou sua saga exploratória e o trabalho com indígenas, cerne da atual Funai. O Rio da Dúvida foi rebatizado como Roosevelt — e é um testemunho do encontro desses dois corações selvagens. ■

TELEVISÃO

Y: O ÚLTIMO HOMEM

(disponível no Star+)

O cenário de destruição impera ao redor do mundo, com corpos espalhados pelas ruas, entre carros abandonados e aviões caídos. Uma doença matou todos os mamíferos do planeta com o cromossomo Y, ou seja, do sexo masculino — exceto, misteriosamente, um rapaz (Ben Schnetzer) em Nova York. No Pentágono, uma congressista (Diane Lane) é declarada presidente e tenta lidar com a crise que afetou todo o sistema que mantém o mundo moderno funcionando. Outros personagens oferecem pontos de vista distintos, da dona de casa conservadora a um rapaz trans que agora chama a atenção por onde passa. Baseada num gibi cultuado da Vertigo, a série é uma distopia política criativa e envolvente.

EXUBERÂNCIA
Bomba Estéreo: dupla une ritmos colombianos e música eletrônica

CINEMA

NO RITMO DO CORAÇÃO

***(Coda*, Estados Unidos/França/Canadá, 2021. Em cartaz nos cinemas)**

No último ano do ensino médio, Ruby (Emilia Jones) tem uma paixão: cantar — e voz para isso não lhe falta. Mas qualquer plano em torno de sua vocação, como uma faculdade de arte, esbarra em um grande obstáculo: a dependência que os pais (Marlee Matlin e Troy Kotsur) e o irmão mais velho (Daniel Durant) têm dela. A garota é a única em sua família que não é deficiente auditiva. Sem ela, o pai e o irmão não podem sair com o barco nem vender a pesca — nem a mãe, a que mais resiste à interação com pessoas que ouvem, pode tocar sua vida. Dirigida por Sian Heder, roteirista de vários episódios de *Orange Is the New Black*, essa refilmagem de uma dramédia muito simpática é das poucas que não fazem vergonha ao original — o longa francês *A Família Bélier.*

DIAMOND FILMS

SILÊNCIO *No Ritmo do Coração:* dramédia simpática sobre jovem cantora em uma família de surdos

DISCO

DEJA, **Bomba Estéreo (disponível nas plataformas de streaming)**

Fundado há dezesseis anos na Colômbia, o duo Bomba Estéreo investe em uma moderna mistura de música eletrônica, percussão caribenha e ritmos regionais — descrita pela dupla como cumbia psicodélica. O novo trabalho remete à exuberante natureza colombiana, com letras que falam em defesa do meio ambiente e das populações indígenas. O resultado são canções elegantes e perfeitas para uma reunião de amigos descolados. *Tierra* tem melodia embalada pela marimba e *Ahora* une ritmo dançante pop a sons da floresta tropical. ■

INSTAGRAM @BOMBAESTEREO

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** Taylor Jenkins Reid [1 | 25#] PARALELA
2. **A GAROTA DO LAGO** Charlie Donlea [2 | 108#] FARO EDITORIAL
3. **TORTO ARADO** Itamar Vieira Junior [3 | 37#] TODAVIA
4. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [4 | 161#] VÁRIAS EDITORAS
5. **BOX – GEORGE ORWELL** George Orwell [9 | 4#] PRINCIPIS
6. **É ASSIM QUE ACABA** Colleen Hoover [6 | 9#] GALERA RECORD
7. **ÚRSULA** Maria Firmina dos Reis [0 | 1] ANTOFÁGICA
8. **TETO PARA DOIS** Beth O'Leary [8 | 39#] INTRÍNSECA
9. **A VIDA INVISÍVEL DE ADDIE LARUE** V. E. Schwab [7 | 3] GALERA RECORD
10. **DAISY JONES AND THE SIX** Taylor Jenkins Reid [10 | 9#] PARALELA

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 75#] ROCCO
2. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [3 | 241#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
3. **POLÍTICA É PARA TODOS** Gabriela Prioli [2 | 5#] COMPANHIA DAS LETRAS
4. **RÁPIDO E DEVAGAR** Daniel Kahneman [10 | 131#] OBJETIVA
5. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 2** Laurentino Gomes [6 | 15] GLOBO LIVROS
6. **MEDITAÇÕES** Marco Aurélio [0 | 9#] VÁRIAS EDITORAS
7. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** Tori Telfer [0 | 38#] DARKSIDE
8. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA** Djamila Ribeiro [9 | 85#] COMPANHIA DAS LETRAS
9. **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [0 | 12#] ÁTICA
10. **COMO AS DEMOCRACIAS MORREM** Daniel Ziblatt e Steven Levitsky [7 | 47#] ZAHAR

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** Napoleon Hill [1 | 126#] CITADEL
2. **DESISTIR? NEM PENSAR!** Roberto Shinyashiki [0 | 1] GENTE
3. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** George S. Clason [2 | 48#] HARPERCOLLINS BRASIL
4. **A NOVA BATALHA** Reginaldo Manzotti [0 | 11#] PETRA
5. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [4 | 250#] OBJETIVA
6. **DO MIL AO MILHÃO** Thiago Nigro [3 | 138#] HARPERCOLLINS BRASIL
7. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** T. Harv Eker [5 | 340#] SEXTANTE
8. **PAI RICO, PAI POBRE** Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [6 | 70#] ALTA BOOKS
9. **A CORAGEM DE SER IMPERFEITO** Brené Brown [8 | 51#] SEXTANTE
10. **O MILAGRE DA MANHÃ** Hal Elrod [0 | 97#] BEST SELLER

INFANTOJUVENIL

1. **MENTIROSOS** E. Lockhart [2 | 20] SEGUINTE
2. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** Casey McQuiston [1 | 28#] SEGUINTE
3. **AMOR & GELATO** Jenna Evans Welch [3 | 13#] INTRÍNSECA
4. **CORTE DE ESPINHOS E ROSAS** Sarah J. Maas [4 | 47#] GALERA RECORD
5. **A RAINHA VERMELHA** Victoria Aveyard [5 | 73#] SEGUINTE
6. **COLEÇÃO HARRY POTTER** J.K. Rowling [7 | 85#] ROCCO
7. **ARISTÓTELES E DANTE DESCOBREM OS SEGREDOS DO UNIVERSO** Benjamin Alire Sáenz [8 | 10#] SEGUINTE
8. **UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO** Karen M. McManus [6 | 16#] GALERA RECORD
9. **BOX – O POVO DO AR** Holly Black [0 | 4#] GALERA RECORD
10. **CONECTADAS** Clara Alves [0 | 4#] SEGUINTE

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Nobel Mais Shopping, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

DELÍRIO TROPICAL

A CADA EPISÓDIO do espetáculo de desmoralização da Presidência da República estrelado por Jair Bolsonaro há dois anos e oito meses, as pessoas se perguntam qual é a razão de o presidente insistir na marcha da própria insensatez.

Buscam-se variadas motivações: na vocação ao autoritarismo, numa presumida esperteza bem planejada, em algum déficit no recôndito do cérebro presidencial ou mesmo na sinalização para um golpe de Estado.

Isoladamente, nenhuma delas satisfaz por ausência de razoabilidade fática na execução dos propósitos quaisquer que sejam eles. O conjunto dessas características sem dúvida presentes nos atos e palavras do presidente, e que por isso justificam as suspeitas, dá notícia de uma personalidade dada a delírios.

O maior dos produtos da confusão mental de Bolsonaro é a ideia de que nessa toada chegará à reeleição. O que mais se ouve por aí no rol de tentativas de explicar a série de tiros no pé é que ele fala "para sua bolha". Assim a maior parte das análises sobre o espantoso discurso na abertura da Assembleia-Geral da ONU qualificou a passagem do presidente por Nova York.

Não é novo o fato de presidentes brasileiros perderem a chance de falar ao mundo e preferirem se dirigir à província. José Sarney, Luiz Inácio da Silva e Dilma Rousseff já fizeram isso, mas nenhum deles atraiu críticas nem obteve o destaque internacional alcançado pelo atual presidente, até porque o simples envio de "recados" internos não interessam ao mundo.

Portanto, parece apressado e um tanto equivocado resumir a atuação desastrosa à intenção de fidelizar uma base eleitoral de convertidos, que, inclusive, diminui de tamanho a cada contagem dessa adesão nas pesquisas. Jair Bolsonaro teve o apoio de 55% do eleitorado em 2018. Hoje é aprovado por 22% dos consultados na última apuração do instituto Datafolha, cuja mostra revelou que apenas 11% estão com ele para o que der e vier.

O que, então, poderia pensar o presidente em ganhar com a desastrosa passagem por NYC? E aqui a referência não é apenas ao discurso eivado de mentiras do começo ao fim, todas desmentidas interna e externamente, de A a Z, ponto a ponto.

> **"Pautado na sua confusão mental, Bolsonaro se perde ao insistir na marcha da própria insensatez"**

O desastre materializou-se na exibição do manual de estilo ao qual os ministros da Saúde e das Relações Exteriores acrescentaram alguns tópicos com suas chocantes linguagens de sinais.

Voltando ao ponto sobre o que pensa o presidente em ganhar com isso, chego à conclusão: ele não pensa. Tem vocação autoritária, sonha com golpes, é refém de uma expressiva confusão mental, mas não tem estratégia oculta nem é um esperto por natureza.

Bolsonaro simplesmente é assim, um homem inculto, grosseiro, deslumbrado e ao mesmo tempo assustado por ter sido guindado de repente da insignificância à total importância. Não sabe ser diferente e por isso se refugia em delírios, naquilo que se convencionou chamar de realidade paralela bolsonarista, um universo onde a lógica não tem vez.

Os habitantes desse planeta fora do mapa compartilham a euforia à deriva pela atenção recém-adquirida. Sentem-se finalmente relevantes, donos de voz ativa, credores do líder que os levou a essa condição. Decepcionam-se às vezes, mas se recuperam rápido criando razões para renovar a fidelidade, ainda que elas pouco ou nada tenham a ver com os fatos.

Os acontecimentos decorrentes das manifestações do 7 de Setembro foram particularmente expressivos nesse aspecto. Logo após o presidente ter inventado no palanque de Brasília que no dia seguinte haveria uma reunião do Conselho da República, vários deles divulgaram vídeos em que apareciam felizes e aos prantos pela "decretação do estado de sítio". Também comemoraram a "fuga" do ministro Alexandre de Moraes "para Taiwan", onde estaria exilado e tão "humilhado" quanto seus pares do Supremo Tribunal Federal.

E a carta do dito pelo não dito escrita por Michel Temer? Um hábil recuo estratégico para obter do STF a garantia de que não haveria punições nem investigações envolvendo o presidente e seus apoiadores. E a fraude eleitoral, e o chip da vacina, e os vacinados transformados em jacarés, e a cura pela cloroquina, e os milhões que foram às ruas na "maior manifestação de toda a história", e a ameaça comunista?

Tudo isso, e mais um pouco que a memória deixou de fora, pode servir para movimentar os delirantes, mas não é suficiente para ganhar uma eleição. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA